Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Agosto 1977
Terça-feira
30
ANO 57.º
N.º 19 442
6 escudos

O primeiro contacto com a liberdade após 27 meses de prisão,

Rui Gomes saiu de Caxias

Eram precisamente 9 e 10 desta manhã quando o estudante Rui Gomes, preso há 27 meses, abandonou o Reduto Norte do Forte de Caxias, pondo assim termo a um processo que, pela forma como se iniciou, pelas arbitrariedades praticadas durante a instrução e pelas debilidades demonstradas pela acusação, impressionou fortemente a opinião pública tanto nacional como internacional.

Rui Gomes, que era aguardado à saída da prisão pela mãe, mulher e irmão, para além de algumas dezenas de amigos, membros da Associação de Luta pela sua libertação e grande número de orgãos da Comunicação Social, incluindo uma equipa de reportagem do Telejornal, começou por saudar todos os jornalistas democráticos pela forma como apoiaram a sua luta. «Luta que, segundo referiu, é apenas uma parcela do combate mais dura que o Povo Português está a travar em defesa da sua liberdade».

«Ainda hoje — frisou emocionado Rui Gomes — escutei pelas 8 horas na rádio que 31 trabalhadores agrícolas foram feridos no Alentejo porque lutavam em defesa da Reforma Agrária, o que demonstra que a libertação completa do nosso Povo ainda vem longe e que a luta para a alcançar vai ser dura.»

Respondendo a uma pergunta dos jornalistas sobre a razão por que os seus defensores oficiosos (Amadeu Lopes Sabino e Luís Filipe Sabino) não haviam apresentado recurso da sentença, proferida em 5 de Agosto no Tribunal Militar de Santa Clara, Rui Gomes afirmou que tal facto «se ficou a dever à sua falta de confiança na possibilidade do Supremo Tribunal Militar poder vir a reparar uma sentença tão grave como a que foi proferida pelo juiz Alvarenga e seus pares, que pela sua injustiça é bem demonstrativa do carácter da Justiça militar».

Rui Gomes fez por outro lado jus em realçar a importância do movimento popular que se gerou em torno do seu caso, frisando que o mandado de soltura que lhe tinha sido agora entregue não fora assinado pelas autoridades militares mas sim pelo Povo Português, «já que se este não se tivesse erguido em luta contra esta arbitrariedade ainda hoje eu estaria dentro de Caxias».

Sobre o seu estado de saúde, face à prolongada gre-

Continua na pág. 16

APÓS OS 31 FERIDOS DE ONTEM E DESTA MADRUGADA

Nova carga policial esta manhã em Évora

ÉVORA (Do nosso enviado especial) — A Polícia de Intervenção, vinda de Lisboa, dispersou esta manhã pela violência, utilizando, além de bastões, jactos de água, trabalhadores rurais (e não só) que, frente ao tribunal local, aguardavam o desfecho do julgamento de Florival Azeda, trabalhador da Cooperativa Aguiar, de 60 anos, detido ontem à noite pela GNR na sequência de incidentes junto à herdade da Pereira, da Cooperativa «22 de Julho», a 13 quilómetros desta cidade.

O julgamento foi adiado para Outubro, decorrendo à hora em que encerramos esta edição, uma grande manifestação com milhares de trabalhadores a percorrer as ruas da cidade apelando por «a terra a quem a trabalha» e gritando «abaixo a Lei Barreto». Há barricadas de carros de água, carros da Polícia apedrejados e receia-se que além dos 60 elementos da Polícia de Intevenção — chegados às 2 horas da manhã, em seis carrinhas — estejam mais a caminho. É grande, em toda a cidade a indigna-ão popular devido à forma como procedeu aquela Polícia quer de madrugada quer esta manhã.

Num ambiente dramático, muitas das pessoas que ouvimos a comentar os acontecimentos, mostraram-se surpreendidas pela brutal carga da Polícia, não faltando quem a compare às da Polícia de Choque, comandada antes do 25 de Abril pelo conhecido capitão Maltês.

Tudo começou ontem à tarde — conforme apuramos junto do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas — quando o Centro Regional da Reforma Agrária decidiu efectivar um despacho de Carlos Portas (secretário de Estado da Reestruturação Agrária) que concede reserva de 100 mil pontos a favor de João Evangelista Fiúza Cabral da Silveira e sua irmã, já contemplados anteriormente, «de maneira ilegal e arbitrária» com 75 mil contos, da herdade da Pereira.

Aquando da concessão dos 75 mil pontos, em Abril passado, com acordo final entre o citado agrário e os trabalhadores, nada fazia prever que nova reserva viesse a ser concedida. Tal veio, porém, a acontecer ontem à tarde, tendo o CRRA de Évora, solicitado para tal a presença da GNR que fez deslocar 70 a 80 elementos. Quando o elemento do CRRA, tentava proceder à demarcação da nova reserva, verificou-se que o tractor, preparado para a ceifa, estava avariado. Deu-se então a intervenção da GNR, que causou 16 feridos, tendo sido detido, à noite, Florival Azeda.

Durante a noite cerca de mil trabalhadores concentraram-se em frente da prisão, exigindo a libertação do seu companheiro. Este seria libertado cerca das 2 da manhã, tendo entretanto, chegado 60 elementos da Polícia de Intevenção, que decidiu evacuar o local, com carga violenta, que causou mais 13 feridos, um dos quais, Augusto José Narciso Malarrenha, de 41 anos, tractorista, se encontrava ainda esta manhã na Sala de Observações do Hospital de Évora.

VERSÃO DO COMANDO DA GNR

O Gabinete de Imprensa da GNR, em Lisboa afirmou-nos esta manhã que as forças daquela corporação presentes na «Herdade da Pereira», no cumprimento da sua missão «para não permitir alterações da ordem», eram limitadas a um pelotão de trinta elementos.

Na versão da GNR, os problemas entre as partes envolvidas teriam sido provocadas por um «agitador profissional», na origem das confrontações que vieram a dar-se e de que resultaram vários feridos.

Últimas

Ao fim da manhã e após nova carga policial contra a manifestação que decorria subiu a 70 o número de feridos desde os incidentes de ontem à tarde e desta madrugada.

Adianta a GNR ter conhecimento de que a PSP de Évora considerou não ter efectivos que «chegassem» e por isso pediu reforços a Lisboa. Da capital, partiram então para a «Herdade de Pereira» forças do «Corpo de Intervenção», que haveria de fazer «voltar a ordem» aumentando o número de feridos.

Continua na pág. 16

CASO DOS SETE MIL CONTOS

Director do banco suíço desmente tudo

Segundo o correspondente da ANOP em Genebra, o Banco Central Cooperativo de Basileia desmentiu hoje oficialmente qualquer tentativa de câmbio no valor de sete milhões de escudos portugueses.

Por outro lado, o Banco anunciou que provavelmente irá processar o semanário português «Expresso» pela publicação de notícias referentes ao caso.

Entretanto, segundo informações colhidas e confirmadas em Genebra, soube-se que H. Leimgruber (o empregado bancário que teria atendido a pessoa que pretendia cambiar os tais sete milhões de escudos) tem uma «namorada» portuguesa, de nome Ana Paula Martins Barreiros, e que é secretária do escritório da delegação do turismo português em Genebra — adianta a ANOP.

AFIRMA GOVERNANTE DE PRETÓRIA

"Só África do Sul decidirá do uso da sua energia nuclear"

«A África do Sul reserva-se o direito de empregar o seu potencial nuclear para outros fins que não sejam pacíficos se isso convier às suas próprias necessidades» — afirmou hoje em Durban o Ministro das Finanças, Owen Horwood.

Discursando no Congresso do Partido Nacional, que ocupa o poder, na província de Natal, o senador Horwood disse que a África do Sul tinha dado a garantia de que o seu programa nuclear visava fins pacíficos e mantinha-a.

Contudo, se a África do Sul resolvesse utilizar o seu potencial nuclear de qualquer outra forma, fá-lo-ia de acordo com as suas próprias carências e só ela apenas tomaria essa decisão — notou o ministro.

«Quanto a mim rejeito absoluta e inteiramente que alguém nos venha dizer o que devemos fazer» — acrescentou o senador.

«Embora a África do Sul seja um país pequeno, não será empurrado por outros e terá o direito de determinar o seu próprio destino» — notou o ministro. E prosseguiu:

«Conservando a cabeça fria a preservando o sentido das proporções, faremos gorar as tentativas dos nossos inimigos para nos desviar do nosso verdadeiros curso de acção».

Horwood continuou: «Penso que é altura de dizermos ao sr. Carter e a algumas outras pessoas que, se tivessemos mais tempos para fazer outras coisas com o nosso potencial nuclear, as faríamos alegremente, de acordo com as nossas próprias decisões e o nosso próprio julgamento»

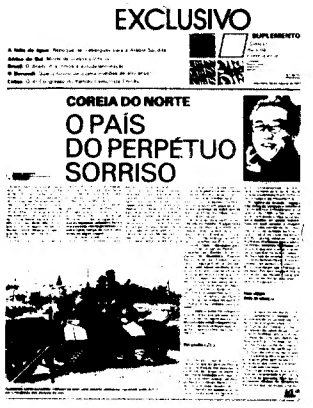
Tito em Pequim

(pág. 10)

21 de Julho de 77

(centrais)

ANTÓNIO BARRETO: "A Nação tem de fazer a sua autocrítica"



HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

O nosso suplemento das terças-feiras inicia hoje a publicação de importantes dados sobre o XI Congresso do Partido Comunista Chinês. «Exclusivo» continua a série sobre as posições da Igreja brasileira em defesa duma maior justiça social naquele país. Por último, e entre outros assuntos de actualidade internacional, inclui artigos sobre a Coreia do Norte e Burundi (conclusão).

Política de A a Z

A difícil opção

A Constituição é clara. Aponta o caminho do socialismo. Das condições democráticas, em liberdade, respeitando rigorosamente o pluralismo político, dessa caminhada para uma «sociedade sem classes», fala, igualmente, a Constituição. Mas a **oposição** à Constituição cresce e organiza-se. Os reaccionários levantam cabeça, tomam a palavra, agitam-se, reagrupam-se, ganham audácia passo a passo, dia a dia. Sentem-se em terreno reconquistado. E este Governo, de quando em quando, surpreende-se, reage em palavras, promete medidas, anuncia procedimentos legais. Na realidade, tudo se passa como se o Governo estivesse conformado com a ideia de transigir hoje para ser derrotado amanha, como se estivesse conformado com a ideia de perder a batalha pelo socialismo, em liberdade e em democracia, que parecia ganha no articulado da Constituição.

E note-se: a Constituição não era um texto abstracto, fantasioso, generosamente utópico: era a tradução legal das conquistas de Abril, da abertura histórica, nesta terra, efectuada pelo acto revolucionário de 25 de Abril.

As manobras que não são segredo, que se desenham à nossa vista, à luz do dia, de cerco ao Governo constitucional de direcção socialista, visam asfixiar as disposições mais avançadas da Constituição da República, visam liquidar as instituições democráticas (em nome da Democracia) e liquidar a esperança socialista (em nome da «social-democracia» ou da «democracia cristã»). De facto, de máscara e passo a passo é o «antigamente» que regressa. E o Governo de direcção socialista perante as inegáveis dificuldades opta contra as forças populares e as classes trabalhadoras. Para elas os sacrifícios, para elas o apertar do cinto, para elas a «Ordem» — esse mito fascista.

Porque a «ordem democrática» da nossa Constituição — uma das mais progressistas do Mundo — não pode apresentar-se configurada com o exercício brutal da repressão. Porque a «ordem democrática» terá que assumir o duplo aspecto de defesa de esta Constituição, na sua letra e na sua inspiração profunda, e de criação das condições de governo e de participação popular para avançar para as metas constitucionais.

A opção é difícil: o Governo terá que salvar a Revolução para vencer a crise; terá que mobilizar o povo para defender a «ordem democrática»; terá que conquistar o apoio dos trabalhadores para ganhar a batalha do trabalho, da produção e da produtividade.

O Governo não pode agradar a gregos e a troianos, aos que estão com Abril e aos que estávam com Salazar e com Caetano, que foram os grandes beneficiários do fascismo, que construiram riquezas e prestígios sobre as ruínas de uma Pátria, o seu atraso, a sua miséria.

Na arrogância, na surdez, na violência antipopular, na repressão, o povo não reconhecerá a «ordem democrática»; os trabalhadores não reconhecerão nas cedências a um patronato que já deu provas de incapacidade «empreendedora» o avanço para o socialismo; nem reconhecerão o socialismo no reformismo social-democrata dos tecnocratas do marcelismo.

Um dado novo na Europa política

O líder nacional dos socialistas franceses, François Mitterrand, entrevistado para uma emissão radiofónica afirmou: «O Partido Socialista Francês (PSF), optou pela união da esquerda e não voltará atrás». A declaração é recente, é de 28 de Agosto. Sabemos que a muitos desagradará. Sabemos que muitos se sentirão decepcionados com as palavras claras, com as afirmações firmes, com a fria lucidez de François Mitterrand. E sabemos que é difícil considerar o dirigente político experiente do Partido Socialista Francês como um instrumento, um manipulado, um submarino.

François Miterrand sabe defender os seus pontos de vista, negociando sempre, criando progressivamente, mesmo na polémica tensa, as condições de uma cooperação com viabilidade e com rendibilidade.

Quando declara: «não farei alianças com os partidos conservadores», François Mitterrand é coerente consigo, com o seu partido, com as suas responsabilidades perante a França. Porque o que à França promete François Mitterrand não é o indiscriminado encontro de todos os franceses, mas um projecto de avanço democrático para uma França socialista parte integrante e elemento criador de uma Europa Socialista.

Parece-nos lógico prever a vitória, em França, da União da Esquerda (socialistas, radicais de esquerda, comunistas). Parece-nos lógico prever o impacto político dessa vitória. E não queremos esquecer a presença de centenas de milhares de portugueses em França, nem o lugar da França na Europa.

Este dado tem que entrar nos cálculos dos nossos políticos.

A Espanha e o socialismo

O socialismo em Espanha, como em Portugal, passa pela realidade política e eleitoral da existência de importantes partidos socialistas integrados na Segunda Internacional. Sabe-se que a Segunda Internacional não é monolítica e que no seu seio vigora um pluralismo que vai, ou foi, do «marxismo» do Partido Socialista Português ao «antimarxismo» do Partido Social-Democrata Alemão, que vai de um repúdio atlântica da participação dos «partidos comunistas» nas «áreas do poder» a uma táctica eleitoral, e governamental, de «união de esquerda».

Neste quadro complexo, e até pleno de contradições, do socialismo europeu, para nós, portugueses, revestem-se de um particular interesse as orientações do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE). O secretário-geral do PSOE, Felipe Gonzalez, afirmou recentemente que não aceitaria o compromisso de «jamais negociar com os comunistas». E declarou que, se na prática, o PSOE se identificava com o Partido Social-Democrata da Suécia, politicamente, quanto à atitude ideológica, o PSOE estava «mais próximo, nas suas posições do Partido Socialista Francês».

Este é outro dado para os políticos portugueses terem em conta: um Partido Socialista Operário Espanhol que se reconhece próximo das posições do Partido Socialista Francês.

Delegação nigeriana chega a Lisboa

. Chegou hoje ao princípio da tarde a Lisboa uma delegação de operadores económicos da Nigéria para uma visita que se prolonga até ao próimo domingo na qual serão analisadas as relações comerciais luso-nigerianas, domínio em que, segundo opinião governamental, se deparam boas perspectivas para os exportadores é chefiada por Henry Frajamiru Kun, presidente da Federação das Câmaras de Comércio, Indústria, Minas e Agricultura da Nigéria.

Da agenda de trabalhos desta delegação contam várias visitas a empreendimentos portugueses como Sorefame, Lisnave, Mague e sessões de trabalho na Câmara do Comércio e Indústria Portuguesa. A delegação será dividida em quatro grupos de trabalhos, especificados como se construção civil, indústria pesada, import-export, marinha mercante e pescas. Está programada ainda uma visita a Sines, à empresa Soares da Costa no Porto e Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Para lá dos contactos a estabelecer com o ministro do Comércio Externo pelo presidente da delegação, esta está convidada para um jantar em Sintra pelo secretario de Estado do Comércio Externo. Por seu turno a Câmara do Comércio e Indústria Portuguesa oferece um jantar à dewegação no Solar do Vinho do Porto.

Medeiros Ferreira no Peru

. Medeiros Ferreira partiu esta madrugada para o Peru, onde vai fazer uma exposição sobre a política externa de Portugal nos Altos Estudos Militares peruanos e assinar dois acordos, pelos quais passarão a reger-se as relações económicas e culturais luso-peruanas.

No aeroporto, interrogado pela ANOP sobre se esta sua viagem se poderia inserir na mesma opção terceiro-mundista a que, segundo a agência noticiosa moçambicana, Manuel Alegre se teria referido no Maputo, qualificando-a de «melo-antunista» Medeiros Ferreira esclareceria: «Antes de ser membro do Governo e antes de o ministro Melo Antunes ser ministro, defendi linhas de política externa que puderam ser lidas em 1973, em Portugal, no jornal «República». O que interessa não é tanto pessoalizar as linhas de política externa mas tentar executá-las com rigor e sobretudo escolhendo as prioridades(...) Nós defendemos uma aproximação com alguns países do Terceiro Mundo, somos favoráveis a um diálogo Norte-Sul e pensamos que a integração europeia, para ter um complemento eficaz, deve procurar um diálogo privilegiado com países africanos e da América Latina».

O ministro dos Negócios Estrangeiros, que chega hoje à noite a Lima, avistar-se-á com o presidente Francisco Morales Bermudez e assinará com o seu homólogo peruano, José de la Puente, convénios peruano-portugueses e um comunicado conjunto.

Medeiros Ferreira, que fará a entrega da grã-cruz da Ordem de Cristo a la Puente e oferecerá em sua honra um jantar na Embaixada de Portugal, receberá a grã-cruz da Ordem do Sol do Peru, que lhe será imposta pelo seu colega peruano.

MAS reforça verbas para estabelecimentos de saúde

. Eleva-se a um total de 637.000 contos o reforço de verbas destinadas a Hospitais Centrais, Maternidades e Institutos, e atribuídos pelo Ministério dos Assuntos. A atribuição deve estar terminada a curto prazo — segundo uma informação proveniente do MAS.

Também os Hospitais Concelhios já receberam um reforço de 150.000 contos da verba anteriormente atribuída — de 100.000 — quantia que se mostrou insuficiente, para a satisfação das necessidades elementares.

ARMANDO BACELAR NA FUNDAÇÃO BOM SUCESSO

Entretanto, o ministro Armando Bacelar visitou ontem a Função Bom Sucesso, no Restelo, estabelecimento que há 26 anos se dedica à assistência materno-infantil.

No decurso da sua visita, o titular do MAS inteirou-se das conquistas da Fundação em matéria de equipamento e tomou nota dos seus principais problemas.

Falando, Armando Bacelar fez o elogio da casa que considerou «um exemplo de apoio à população no campo da saúde pública»: «Considero esta obra uma coisa notável — disse —, do mais avançado que há no país».

A Fundação Bom Sucesso serve as freguesias de Belém e S. Francisco Xavier, num total de cerca de 35 mil habitantes.

Professores primária reivindicam mudança de escalão

. Os professores que terminaram este ano o curso especial do Magistério Primário vão reivindicar nos seus distritos escolares a passagem para o escalão «B» dado que se encontram actualmente no escalão «F».

De acordo com um decreto de 7 de Fevereiro de 1976, a frequência do curso especial é contada como tempo de serviço docente e assim com base neste documento os professores pretendem ser integrados no escalão «B» do concurso.

Esta situação em que se encontram os professores já foi debatida por representantes do sindicato face aos responsáveis governamentais, não se tendo conseguido encontrar uma solução para as reivindicações.

GULBENKIAN E SEC

Em curso o levantamento cultural do país

. De acordo com uma informação na Secretaria de Estado da Cultura, já foram recebidos até à data naquele departamento 14000 boletins referentes ao inquérito nacional respeitante ao Levantamento Cultural do País. Trata-se, o Levantamento, duma iniciativa daquela dependência do MEIC e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Ainda segundo a mesma fonte, dos boletins recebediso os mais provêm dos distritos de Portalegre, Bragança, Évora e Santarém.

Os inquéritos foram distribuidos em Abril, mas então apenas no Continente. So posteriormente é que a distribuição se alargou às Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores.

Em FARO o DIARIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ BRASILEIRA

Noticiário breve

COOPERAÇÃO PORTUGAL--GUINÉ BISSAU

O ministro português dos Estrangeiros, Medeiros Ferreira, recebeu ontem nas Necessidades o ministro das Finanças da Guiné-Bissau, Carlos Correia. Foram tratados assuntos respeitantes à cooperação entre os dois países, nomeadamente no campo financeiro.

CONSELHO DA REVOLUÇÃO

Nenhum comunicado foi distribuído após a reunião de ontem do Conselho da Revolução, realizada especialmente para aquele órgão se debruçar sobre as implicações dos diplomas respeitantes às recentes medidas de austeridade do Governo. Entretanto, o CR tem outra reunião anunciada para amanhã, devendo então tratar-se de assuntos de natureza militar.

EMBAIXADOR EM HAVANA

O Governo de Cuba deu o seu acordo a nomeação de Manuel João da Palma Carlos como embaixador de Portugal em Havana. Palma Carlos ocupará o lugar de José Fernandes Fafe, que entretanto, vai desempenhar funções de embaixador no México.

RAMALHO EANES

O Presidente da República recebeu ontem em audiência de cumprimentos no Palácio de Belém o embaixador de Portugal no Canadá, Luis Figueira, e o embaixador permanente de Portugal na NATO, Freitas Cruz.

A CONSTITUIÇÃO EM ITALIANO

Iniciativa da Direcção-Geral da Divulgação, da SECS, a Constituição da República Portuguesa foi editada em italiano. Lembra-se que já havia edições da Constituição em francês e inglês.

CAROLINA

Carolina, princesa do Mónaco, chega a Lisboa no próximo dia 2. Vem a Portugal para uma estada de alguns dias e com o objectivo determinado de assistir a um casamento familiar a realizar algures nos arredores de Lisboa.

MÁRIO SOARES

Além de uma audiência com os comandantes cessante e substituto da Comiberlant, Frank W. Corley e James H. Scott, o Primeiro-Ministro recebeu ontem na sua residência em S. Bento o embaixador de Portugal na CEE, Sequeira Freire e uma delegação da CIP. Esta audiência teve a presença do ministro Sousa Gomes e tratou das recentes medidas económicas anunciadas pelo Governo.

EXPOSIÇÃO DE MÓVEIS
AGORA DAS 10 ÀS 22 HORAS
Por alguns dias, para assim as pessoas de bom gosto poderem visitar a nossa nova EXPOSIÇÃO DE MÓVEIS, ESTOFOS e ADORNOS.
REQUINTE — MÓVEIS e DECORAÇÕES
AV. ALMIRANTE REIS, 110
(Defronte Cervejaria Portugália)

As intenções inocentes e os ataques indecentes

O semanário «Tempo», em relação à restante Imprensa que deliberadamente se constituiu servidora da reacção e do fascismo, ou que para tal serviço foi fundada, tem-se distinguido por uma campanha constante, caluniosa e vesga contra o «Diário de Lisboa». O sr. Nuno Rocha, jornalista de turismo e turista do jornalismo, trabalhou, também, no «Diário de Lisboa». Recordamo-lo sem saudade. Apenas para sublinhar que conhece que é regra no «Diário de Lisboa» não se flutuar ao sabor da corrente, não vergar aos ventos que sopram, não vender o silêncio, não vender as palavras. Por outro lado, conhecendo-nos e conhecendo-se, não estranhará o sr. Nuno Rocha que nos não preocupemos demasiado com o que escreve no seu semanário, que não tenhamos motivação ou paciência para lhe responder. Sabe o sr. Nuno Rocha o que valem os seus ataques, nós também. E como a caravana passa, avança, segue, apesar dos cães que ladram... nem sempre teremos tempo para responder ao primeiro Nuno Rocha que decide exceder-se, ir além da chinela do seu comerciozinho, promover-se de sapateiro (ou de jornalista de turismo, ou de promotor de negócios) a contabilista (ou a editorialista político), e acrescentar a ataques políticos (de muito duvidosa inspiração) uma golpada alarmista: a «Renascença Gráfica» está falida.

O «Diário de Lisboa» não vive no pavor da falência da «Renascença Gráfica», nem no temor das insinuações venenosas do sr. Nuno Rocha. E os ataques habituais da Imprensa fascista (ou fascizante), as especulações e as interpretações do «Tempo», não ligam o «Diário de Lisboa» ao PCP, não o aproximam ou afastam do PCP. Argumento decisivo na manobra do sr. Nuno Rocha, serviço por conta de outrem ou de iniciativa própria, é esse de considerar o «DL» na linha do PCP, de proclamar o «DL» afecto ao PCP. Não consta, contudo, que esta demonstração de analfabetismo político tenha qualquer eco na opinião pública. Os leitores do «Tempo» apreciarão os exercícios políticos do sr. Nuno Rocha, mas, como todos sabemos, vão desertando. A circulação do semanário «Tempo» tende a fixar-se num âmbito restrito. Cada vez mais restrito, como o sr. Nuno Rocha sabe. Daí a precipitação dos seus ataques a um jornal como o «DL»; daí o desespero dos seus remoques aos «estatizados»; daí os constantes apelos a favor dos auxílios do Estado à «Imprensa livre».

Livre está o sr. Nuno Rocha de fazer o seu comerciozinho. Mas não parece tolerável que se meta na nossa vida e que interprete de modo atrabiliário (e ignorante) as nossas contas.

A publicação do balanço da «Renascença Gráfica» referente ao exercício de 1976, vem na sequência da publicação regular das contas da empresa. Fazemo-lo há 56 anos. Antes, e depois, do «25 de Abril» têm sido apresentadas às instâncias competentes e consideradas em boa ordem.

E outra coisa não era de esperar de uma empresa em que não existem negócios escuros, interesses tortuosos, ligações obscuras, manipulações de dinheiros. Por conhecimento pessoal (directo e familiar), o sr. Nuno Rocha conhece o «Diário de Lisboa» e a «Renascença Gráfica». Sabe, ou sabia, que a nossa contabilidade é clara, honesta e não secreta. Estão as contas à vista dos trabalhadores. Podem os estranhos delas tomar conhecimento desde que queiram (e saibam) ler e entender números.

Não vamos discutir com o «Tempo». Não tem o sr. Nuno Rocha autoridade na matéria e os conhecimentos dos seus inspiradores, auxiliares e peritos deixam muito a desejar. Estranha-se, contudo, que um jornalista, empresário de publicações e industrial gráfico, se mostre tão incompetente para a leitura dos números. Estranha-se, também, que o seu passado recente no «DL» não lhe tenha proporcionado mais sério conhecimento dos factos. Estranha-se, igualmente, esse seu empenho em proclamar a falência da «Renascença Gráfica», essa espantosa conclusão contabilística, essa sensacionalíssima novidade.

Que razões estarão subjacentes ao desvanecedor interesse que nos consagra o sr. Nuno Rocha?

. De facto, a «Renascença Gráfica» é uma empresa viável. De facto, o «Diário de Lisboa» é, dos jornais estatizados, o mais equilibrado. De facto, os vencimentos e salários do «Diário de Lisboa» e da «Renascença Gráfica» são modestos. E, de facto, aqui pretende-se trabalhar para, numa linha autónoma de respeito pelo consenso de todos os que produzem, a diversos níveis de participação e de responsabilidade, o «Diário de Lisboa», manter na Imprensa portuguesa esta presença independente, democrática, progressista, integrada no projecto nacional que é a Constituição da República.

Muita coisa nos separa do sr. Nuno Rocha e não só, o que já seria bastante, a sua patente dificuldade para ler números e assumir a atitude vertical.

Quanto às suas «lições» de jornalismo que o divagante especialista de assuntos turísticos e de outros comércios nos deixe rir... à gargalhada. Ninguém que o conheça, o leva a sério. Tenha paciência, sr. Nuno Rocha.

DL

DIREITO DE FAMÍLIA E CONSTITUIÇÃO (4)

Onde está a protecção da mulher?

LAURA LOPES

. Onde está a protecção da mulher?

. O Artigo 1862.°, n.° 2, da redacção proposta, conduzirá a situações idênticas, quando confere legitimidade a cada um dos cônjuges para alienar ou onerar, por acto entre vivos, os móveis próprios ou comuns de que tenha a administração, nos termos do Artigo 1678.°. (O n.° 1 e a alínea B) do n.° 3 deste artigo voltam a referir-se a administração **ordinária**, quando seria muito mais correcto usar-se a expressão administração **normal**.)

. E não se objecte que a proposta do projecto cumpre a Constituição, colocando os cônjuges em plena igualdade, donde, poderá também acontecer o contrário. Seria fazer humor negro porque todos sabemos que é verdade o que afirmei atrás: a mulher na grande generalidade, entrega tudo nas mãos do marido. Os advogados sabem-no bem. E os legisladores também.

Eis porque discordo totalmente com a continuação do regime de comunhão de bens e da permissão de o marido administrar os bens próprios e da mulher. O espírito da Constituição é, nas suas normas revolucionárias de plena igualdade dos cônjuges, a da protecção e dignificação da mulher dentro do casamento, reconhecendo-lhe o papel importante que ela deve desempenhar na sociedade e nessa célula fundamental da sociedade que é a família. Contrariando esse espírito, a legislação não está a aplicar integralmente a Constituição.

De realçar, como inovações profundamente justas, se forem correctamente aplicadas, e que se traduzirão na prática numa protecção à mulher e aos filhos, são as relativas à casa onde reside a família.

Propõe o projecto, criando dois novos artigos:

. N.° 2 do Artigo 1682.°-A:

. «A alienação, oneração, arrendamento ou constituição de outros direitos pessoais de gozo sobre a casa de morada da família carece sempre do consentimento de ambos os cônjuges». Portanto, embora casados no regime de separação de bens, e mesmo que a casa onde reside a família seja propriedade de um dos cônjuges, este não poderá vendê-la, arrendá-la, hipotecá-la, dá-la em usufruto, etc., sem o consentimento do outro.

Artigo 1682.°-B, intitulado «Dsiposição do direito ao arrendamento»:

. «Relativamente à casa de morada da família, carecem do consentimento de ambos os cônjuges:

. a) A resolução ou denúncia do contrato de arrendamento pelo arrendatário;

. b) A revogação do arrendamento por mútuo consentimento;

. c) A cessão da posição de arrendatário;

. d) O subarrendamento ou o empréstimo, total ou parcial.»

. Como acontece na maioria dos casos, se o arrendamento da casa de habitação da família estiver em nome do marido, este não pode, sem o consentimento da mulher (e o senhorio não o poderá aceitar) pôr termo ao arrendamento, nem transformá-lo, anulá-lo, ceder a sua posição de arrendatário ou subarrendar ou emprestar a casa, mesmo parcialmente. Do mesmo modo, se o arrendamento estiver em nome da mulher, esta não poderá particar nenhum daqueles actos sem o consentimento do marido, evidentemente.

Há, porém, algo nesta disposição que está pouco claro. A quem se refere o **mútuo consentimento** exigido na alínea b)? Aos cônjuges? Então há uma repetição, pois o corpo do artigo afirma «(...) carecem do consentimento de ambos os cônjuges». Quando se exige o consentimento de ambos os cônjuges, está a exigir-se o mútuo consentimento entre eles. Ou o legislador pensava no mútuo consentimento de arrendatário e senhorio? Se assim, for, a alínea b) está incompleta.

Tal como no Código Civil, confere-se ao cônjuge que não deu o seu consentimento, o direito de pedir a anulação dos actos de administração em que é exigido o consentimento de ambos. No entanto, enquanto o Código estabelece que «o direito de anulação caduca decorridos dois anos sobre a data da celebração do acto», no projecto, apesar de um aparente alargamento, restringe-se o período de exercício desse direito, pois «o direito de anulação pode ser exercido nos seis meses subsequentes à data em que o requerente teve conhecimento do acto, mas nunca depois de decorridos três anos sobre a sua celebração». O que quer dizer que, se o outro cônjuge (e eu penso sempre na mulher) tiver conhecimento do acto imediatamente, em vez dos dois anos permitidos pelo Código para pedir a sua anulação, passará a ter apenas seis meses.

É lícito argumentar-se que o conhecimento do acto poderá ocorrer, por exemplo, dois anos após a sua celebração e, então, a nova redacção proposta permitirá ainda o exercício desse direito. É certo que a proposta de alteração em certos casos irá beneficiar o cônjuge que não deu o seu consentimento para a celebração do acto, mas estou convencida que na maioria dos casos irá cercear o exercício de um direito que aparentemente se pretende alargar e que esse cerceamento será sofrido especialmente pela mulher.

No que respeita às dívidas do casal, o legislador afirma, na introdução ao projecto, que a Comissão não teve tempo de estudar a fundo a necessária revisão do seu regime, tal como não teve tempo para «completar os estudos empreendidos com vista à formulação de propostas que julga merecer serem consideradas em momento ulterior, relativamente ao regime das convenções antenupciais». E confessa que as propostas, acentuando, «neste domínio e bem assim no que toca aos regimes de bens», se limitam «às que estritamente decorrem da necessidade de adaptar o Código Civil às exigências constitucionais».

Mantêm-se pois, inalteradas, as convenções antenupciais (que se relacionam com as relações patrimoniais entre os cônjuges) e, com duas ou três pequenas modificações, o regime de dívidas do casal.

Há apenas mais duas alterações que interessa referir.

O Código Civil impõe que o casamento celebrado pelo homem com mais de sessenta anos ou pela mulher com mais de cinquenta, terá que se submeter ao regime de separação de bens. O projecto, dentro do princípio constitucional de igualdade dos sexos, entende que essa idade deverá ser de sessenta anos para ambos.

A outra alteração é a que se refere ao casamento de quem tenha filhos, ainda que maiores ou emancipados. Enquanto o Código Civil impõe, nos casamentos realizados nestas condições, o regime de separação de bens e só **para quem tenha filhos nascidos de casamento anterior**, o projecto estabelece apenas que tais casamentos não poderão ser feitos no regime de comunhão geral de bens nem estipulada a comunicabilidade dos bens considerados próprios dos cônjuges, e que são os seguintes:

. a) Os que cada um deles tiver ao tempo da celebração do casamento;

. b) Os que lhes advierem depois do casamento por sucessão ou doação;

. c) Os adquiridos na constância do matrimónio por virtude de direito próprio anterior.

Portanto, o projecto apenas proíbe no casamento de quem já tenha filhos — e quer sejam nascidos de casamento anterior ou fora do casamento — a estipulação do regime de comunhão geral de bens ou da comunicabilidade dos bens considerados próprios dos cônjuges nesse regime, explicando que «a aplicação do regime de comunhão de adquiridos não parece lesar por forma injusta os filhos anteriores ao casamento».

É minha opinião desde sempre que este regime de bens, comunhão de adquiridos, é o mais justo e o único que deveria ser aceite pela lei, desaparecendo todos os outros, próprios de uma sociedade vincadamente capitalista e em que a propriedade privada é defendida através da família, suporte valioso da acumulação capitalista.

O projecto de alteração do Código Civil referente ao direito da família, nesta matéria de relações patrimoniais dos cônjuges, limitou-se meramente a adaptar, no mínimo possível, as disposições legais existentes ao princípio constitucional de igualdade dos cônjuges. Mas, isso mesmo, apenas quase só teoricamente pois, como vimos atrás, aquela igualdade na prática não se verificará.

Os legisladores esqueceram-se que a Constituição não é inovadora e revolucionária unicamente quanto à igualdade dos sexos. Ela vai muito mais além. E se a família, como fenómeno social, não é imutável — as suas funções, composição e regime de relações dependem das condições sociais em que insere — as transformações dessas relações estão condicionadas às alterações que se operam na economia, nas relações de produção e na estrutura da sociedade.

Ora, a nossa Constituição estabelece no seu Artigo 80.° que «a organização económico-social da República Portuguesa assenta no desenvolvimento das relações de produção socialista, mediante a apropriação colectiva dos principais meios de produção e solos, bem como dos recursos naturais (...)».

E o artigo seguinte afirma que incumbe prioritariamente ao Estado, entre outras coisas, «promover a igualdade entre os cidadãos, através da transformação das estruturas económico-sociais», «operar as necessárias correcções das desigualdades na distribuição da riqueza e do rendimento», «eliminar e impedir a formação de monopólios privados, através de nacionalizações ou de outras formas, bem como reprimir os abusos do poder económico e todas as práticas lesivas do interesse geral», «realizar a Reforma Agrária», «impulsionar o desenvolvimento das relações de produção socialista».

Deste modo, a adaptação do direito de família à Constituição não pode limitar-se a substituir «os direitos do marido» pelos «direitos dos cônjuges». Essa alteração terá forçosamente de ir muito mais longe, modificando todo o regime das relações patrimoniais da família, tendo em vista os princípios constitucionais de modificação das relações de produção, que apontam para o socialismo, não esquecendo as conquistas que têm que ser irreversíveis, do povo português: a Reforma Agrária, as nacionalizações, a gestão operária.

O legislador, no projecto apresentado à Assembleia da República e que vimos analisando brevemente, mantendo quase intactas as estruturas patrimoniais da família do Código Civil fascista, está a trair a Constituição, está a contar com a política de recuperação capitalista, com a entrega nas mãos dos capitalistas e latifundiários dos bens socializados à custa das longas e duras lutas e do suor e da fome dos trabalhadores portugueses. Este projecto nada diz ao povo português, ele continua a conhecer apenas a grande burguesia.

FIRMADO ACORDO COM A SODIPEL

O problema do papel de jornal resolvido até ao fim do ano

Após um enorme e demorado esforço desenvolvido em negociações entre a extinta Comissão Interministerial para a Reestruturação da Imprensa Estatizada (CIRIE) conjuntamente com as Associações da Imprensa Diária e da Imprensa Não-Diária, e os representantes da SODIPEL, empresa representante dos fabricantes escandinavos de papel de jornal, chegou-se, em princípios de Abril, a um projecto de acordo (cujas cláusulas o secretário de Estado da Comunicação Social de então aprovou) e que, pelas suas condições favoráveis, tinha (e tem) o maior interesse para a Imprensa portuguesa e para o País.

Embora tudo levasse a crer que o Governo iria naturalmente honrar os compromissos assumidos pelos negociadores (que estavam devidamente credenciados e foram sempre acompanhados, ao longo das negociações e como atrás se refere, pela Secretaria de Estado do sector) a verdade é que se seguiu um longo período de indecisões e controvérsias no seio do mesmo Governo que quase fizeram gorar todo aquele esforço e criaram um indesmentível ambiente de desconfiança e de incerteza perante o futuro no que diz respeito ao fornecimento e preço do papel de jornal.

Finalmente, quase cinco meses depois de fixado o projecto de acordo, foi o mesmo há dias assinado pela Portucel. No acordo prevê-se, entre outras cláusulas importantes, a manutenção do preço (14.000$/tonelada) até ao fim do corrente ano e o pagamento depois do fornecimento (e não por crédito aberto, como vinha sendo feito) a dinheiro no prazo de quinze dias ou a noventa dias por letra, além da garantia de fornecimento de papel durante a vigência do acordo.

Termina assim em bem, embora com um dispêndio escusado de energias e preocupações, uma questão vital para o sector e na qual tanto se empenharam, na defesa dos jornais e em representação da Imprensa estatizada e privada, quer a CIRIE, enquanto existiu, quer as Associações de Imprensa Diária e de Imprensa Não-Diária.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º LISBOA-1 Telefones 770066–770274

COMUNICADO

"PLURALISMO" DA RADIOTELEVISÃO CALA A BOCA AOS TRABALHADORES!!

CAMARADAS RODOVIÁRIOS

É sobejamente conhecido dos trabalhadores portugueses o desprezo que a maioria dos órgãos de comunicação social votam aos problemas dos trabalhadores e o destaque que imprimem a acontecimentos e realizações da direita reaccionária.

Parece-nos bastante oportuno, e aliás indispensável, que desmascaremos uma vez mais a actuação da Radiotelevisão Portuguesa em relação às organizações dos trabalhadores.

No pretérito dia 24 do corrente, uma equipa daquele órgão de comunicação, deslocou-se a este Sindicato para recolher alguns dados sobre o Plenário de Motoristas de Táxis e Letra A, que aqui decorria e onde estavam presentes dois adjuntos do Director da Polícia Judiciária, para esclarecimentos sobre o trabalho daquela Polícia na detecção dos assassinos dos taxistas e a protecção a exercer sobre os trabalhadores do volante.

Ontem, dia 25.8, transmitiu a Televisão, no seu Telejornal, imagens da entrevista citada, onde se podiam ver o representante da Judiciária e o dos trabalhadores. No entanto, só as palavras do primeiro foram difundidas e o representante dos trabalhadores foi pura e simplesmente silenciado.

O papel da Polícia Judiciária nesta campanha de segurança tem sido bastante positivo e nós próprios somos os primeiros a entender que se lhe dê o merecido destaque. Porém, consideramos esta atitude da Radiotelevisão uma verdadeira provocação aos trabalhadores, pelo desprezo manifesto ao papel das suas organizações de classe.

Assim, gostaríamos de perguntar à RTP se o motivo da não transmissão das palavras do representante do nosso Sindicato (proferidas, aliás, por solicitação do repórter), se deve ao facto de o mesmo ter considerado que — "a onda de criminalidade e roubo hoje existente, se deve a variadíssimos factores, entre os quais, o grande surto de desemprego e a revolta que esses desempregados (e não só!), sentirão pela política do Governo, ao dar milhões de contos de indemnizações, num país onde não há dinheiro nem condições de vida?"

É natural que fosse esse o motivo. Aliás, é fácil compreender de que lado a Televisão se encontra e a quem defende. A posição de classe dos seus responsáveis é razão sobeja para não querer colidir com determinados interesses e simultaneamente proceder de tal modo para com os explorados deste país.

Perguntaríamos ainda à RTP se é esse o "pluralismo" e a "democracia" dos seus responsáveis? Se ainda não entendem por bem esses responsáveis cumprir com o tempo de antena constitucionalmente consignado ao Movimento Sindical?

Interrogamo-nos, no entanto e neste momento, até quando trabalhadores vão permitir que esses "senhores" penetrem nas instalações das suas organizações de classe, com a única intenção (embora velada...) de os iludir, simulando um interesse da sua parte, que na verdade não existe, sobre os problemas laborais, escarnecendo deste modo aqueles que desde sempre têm sido o suporte do País, na produção, na construção e na doação de si mesmos à causa do trabalho.

Vamos continuar a pagar para um órgão de comunicação que gasta centenas de metros de filme com os problemas do Movimento Sindical, para ficarem arquivados ou serem deitados para o lixo?

Vamos continuar a pagar para um órgão de comunicação que serve para a difusão de imagens de confessos fascistas como Kaúlza, Caetano, etc, como quem faz a sua apologia, enquanto CALA A BOCA AOS TRABALHADORES?

Basta de tanto ultraje ao Movimento Sindical, de tanta mentira e tanto descaramento!!!

Sabemos que muitos trabalhadores da RTP também são vítimas deste sistema e discordam de tal procedimento. Não são para esses as nossas palavras. Com esses estamos nós lado a lado, e estaremos incondicionalmente até ao dia em que a justiça seja feita aos explorados e oprimidos, e nunca com o pluralismo de alguns órgãos de comunicação social que tanto apregoam os "democratas deste País". Como tal, os trabalhadores estão alerta!

Neste caso, tem plena oportunidade o *slogan* focado através da Televisão

VIDA ARRISCADA
CAUTELA DOBRADA

Lisboa, 29 de Agosto de 1977

Pela direcção
(assinatura ilegível)

Livro branco sobre a central nuclear

. O «Livro Branco» sobre o problema da construção de uma central nuclear em Portugal cuja instalação está prevista na área do aproveitamento hidrográfico do Zêzere, deverá estar concluído em Outubro próximo — afirmou à ANOP um elemento da comissão de elaboração daquele documento.

Dificuldades surgidas na recolha de elementos fundamentais, dado o elevado número de entidades que terão de ser consultadas, estão na origem do atraso verificado na elaboração deste «Livro Branco».

Depois de concluído, o documento será entregue ao Ministério da Indústria e Tecnologia, a fim de ser, posteriormente, apreciado pelo Governo e, finalmente, discutido na Assembleia da República.

A comissão que procede à elaboração deste documento, por solicitação da Secretaria de Estado da Indústria e Energia, é constituída por Jaime de Oliveira e Ortins Bettencourt, do Laboratório de Física e Engenharia Nuclear, Alfredo de Sousa, porfessor da Universidade Nova de Lisboa, e Rui Sérgio, da Electricidade de Portugal.

"Golias" lançado ao Tejo em Alverca

«Golias» é o primeiro de um grupo de três rebocadores que se movimentarão no futuro porto de Sines. Foi ontem lançado ao Tejo em Alverca do Ribatejo, próximo dos estaleiros da «Argibay», a cuja administração preside o conde de Botelho, que na cerimónia, e no uso da palavra, considerou a aquisição de quatro navios alemães (de Hamburgo) para a travessia entre o Terreiro do Paço e Cacilhas como «um atentado à independência nacional». Em representação do Governo, na cerimónia em questão, esteve Santos Martins, secretário de Estado da Indústria Pesada, que numa curta intervenção, para além de explicar as razões daquela compra, salientou estar em estudo a criação de um Gabinete Nacional de Projectos para coordenar encomendas para a indústria de construção naval. Aquele membro do Governo assinalou ainda que os estaleiros de Alverca e de S. Jacinto, perto de Aveiro, deverão construir, dentro do programa que o Governo se propõe desenvolver, doze novos navios «cacilheiros».

Professora francesa estuda o MFA

. Com o objectivo de estudar as trasformações políticas verificadas no seio das Forças Armadas Portuguesas de 1973 a 1977, esteve em Lisboa a dra. Nicole Bourdillat, professora agregada de História e assistente do prof. Maurice Duverger, na Sorbonne.

Os contactos estabelecidos pela professora francesa foram realizados através do Cfntro Nacional de Estudos e Planeamento tendo entrado em contacto com diversas personalidades ligadas ao MFA, nomeadamente Melo Antunes, Pezarat Correia, Canto e Castro, Pinheiro de Azevedo, Silvino Silvério Marques, Kaúlza de Arriaga, Galvão de Melo, Otelo, Vitorino Magalhães Godinho, Álvaro Cunhal e Amaro da Costa.

A investigadora francesa trocou ainda impressões com o dr. João Gomes e Jacinto Batista, directores respectivamente no «Diário de Notícias» e do «Diário Popular».

CABO VERDE

Choveu na ilha de S. Nicolau marcada por 12 anos de seca

. Vivem-se em Cabo Verde horas de expectativa quanto às possibilidades de um bom ano agrícola, como há muito tempo não acontece. Isto porque choveu de 17 a 20 do corrente em praticamente todas as ilhas, inclusive na de S.Nicolau onde não chovia há uma dúzia de anos. Outras ilhas muito castigadas pela seca, como é o caso da de Santo Antão, receberam igualmente com um sopro de esperança as primeiras chuvas.

Nas ilhas do Sotavento, onde é mais normal chover, as precipitações atingiram os 50 milímetros nalguns pontos do Fogo e na ilha Brava também choveu razoavelmente. Contrariamente ao que acontece noutras vezes a chuva miúda e calma que cobriu o arquipélago é a mais indicada para o tipo de agricultura praticado nas ilhas montanhosas, nas encostas onde se semeia o feijão e o milho.

Não é ainda a certeza de um ano agrícola perfeito ao fim de uma década de desesperança, de seca e dificuldades; mas é a expectativa que começa a tornar-se realidade. Cabo Verde depende da agricultura para 80 por cento da sua população e fica abrangido na zona do Sahel, cuja desertificação se tem acentuado na última década.

O combate a esta desertificação está a ser conduzido sobretudo com a plantação de árvores e construção de diques para a fixação de terras e melhor penetração das águas das chuvas.

"Para onde nos leva esta política de direita?"

. Por lamentável gralha, no texto do nosso colaborador Celso Ferreira intitulado «Para Onde nos leva esta Política de Direita? Quase um terço de operários portugueses está já abaixo do nível de subsistência», inserto na página 10 da nossa edição de ontem, saiu repetido o quadro sobre o aumento do custo de vida durante o Governo PS, entre Julho de 76 e Maio de 77.

Da gralha pedimos desculpa ao nosso colaborador Celso Ferreira e aos nossos leitores.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA ADVERTE:

Detectadas 148 falsificações de documentos de nacionalidade

Segundo nota do Ministério da Justiça têm sido detectados «casos flagrantes de falsidade» de documentos necessários à instrução dos pedidos de conservação ou concessão da nacionalidade portuguesa, nomeadamente de atestados de residência em Portugal.

«A frequência desses casos», assinala a nota, «leva a concluir que se não trata de falsificações isoladas, mas de crime organizado por indivíduos sem escrúpulos com o objectivo da exploração de ex-residentes no Ultramar em situação difícil, candidatos à obtenção da nacionalidade portuguesa».

Ainda segundo a mesma nota, os Ministérios da Justiça e da Administração Interna «remeteram já à Polícia Judiciária 148 autos de falsificação de documentos» e chamam a atenção para o facto de todos os que, «por ignorância da gravidade do crime de falsificação ou por boa fé, possam vir a ser tentados a incorrer em semelhante falta».

NO FUNCHAL

Três menores tentam assaltar Caixa Geral de Depósitos

FUNCHAL, 30 — Três menores, com idades entre os 13 e os 15 anos, tentaram na madrugada de ontem assaltar as instalações da Caixa Geral de Depósitos nesta cidade.

Com equipamento muito rudimentar, os três rapazes foram surpreendidos por um guarda quando procuravam abrir um buraco no muro de betão das traseiras do edifício da Caixa, na ideia de se esgueirarem depois por ali até ao interior do edifício.

Contudo, mesmo que tivessem conseguido escavar o tal buraco, a operação estaria condenada ao fracasso, já que o alvo não se encontrava naquele enfiamento...

LARANJAS DE MOÇAMBIQUE

Desde há algum tempo que os medeirenses vêm consumindo laranjas de Moçambique. Um carregamento ultimamente chegado ao Funchal garante o abastecimento de laranja a um preço que não excede os 17$50/quilo, muito inferior portanto ao que se pratica no continente.

POLUIÇÃO «ANIMADORA»

A poluição marítima na Madeira não é motivo de grandes apreensões. Após uma semana de observação do litoral sul, numa extensão de oito milhas, uma equipa de técnicos especializados concluiu por resultados «francamente animadores».

O período de observação decorreu de 22 a 28 de Agosto último.

APÓS REUNIÃO A PEDIDO DE SOARES

CIP é a favor do pacto social

Um dirigente da CIP, António Vasco de Melo, afirmou ontem à Imprensa que a Confederação da Indústria Portuguesa é favorável a um pacto social entre patronato e trabalhadores e mediado pelo Governo, na linha defendida pela Organização Internacional do Trabalho. Vasco de Melo disse-o em S. Bento à saída duma reunião entre uma delegação da CIP e o Primeiro-Ministro Mário Soares. Ainda segundo as declarações de Vasco de Melo feitas na oportunidade, o Governo mostra-se igualmente favorável à concretização do pacto em questão, estando mesmo disposto a encetar as aproximações nesse sentido.

A reunião de ontem fez-se a pedido de Mário Soares para «medir as nossas reacções às medidas económicas tomadas recentemente» disse Vasco de Melo. Da delegação da CIP faziam parte, além deste, José Manuel Morais Cabral, João Henrique Montaio, Ludgero Marques e Joaquim Pinto da Silva. Na reunião estiveram presentes os ministros do Plano e Coordenação Económica, Sousa Gomes, e o ministro das Finanças, Medina Carreira.

Falando ainda aos jornalistas no final, Vasco de Melo escusou-se àquilo a que chamou «uma posição concreta e objectiva, por ainda não conhecer, em pormenor, o teor das medidas, se bem que já tenha, dos seus associados, uma ou outra reacção». E especificou que «nalguns casos, poucos, (tais reacções) serão favoráveis a uma ou outra medida, mas que, no que se refere à maior parte delas, são preocupantes».

Para Vasco de Melo — por extensão, para a CIP —, é ainda cedo, segundo disse, para tomar uma posição formal a tal respeito, o que, aliás, foi comunicado a Mário Soares. Entretanto — acrescentou — a CIP vai preparar um conjunto de estudos, tão logo seja conhecido o teor dos diplomas em causa, para, a breve trecho, o discutir com o Governo, consoante o acertado no decorrer da reunião de ontem em S. Bento. Feitos os estudos em questão, haverá uma discussão a sério com o Governo — muito em breve, talvez já na semana que vem.

CDS TOMA POSIÇÃO

Entretanto, o CDS tomou posição a respeito das recentes medidas económicas e financeiras do Governo. O CDS entende que as medidas em questão «apenas vêm tornar mais densa uma austeridade que tenderá a perpetuar-se» e «tornam mais legítima a dúvida que o Governo minoritário socialista possa ou saiba como «vencer a crise».

Falando do «Pacote 2», diz o Partido do Centro que ele se «traduz num conjunto de medidas de carácter essencialmente monetário e financeiro que não vão exercer influência significativa na recuperação da economia portuguesa, e que correspondem tão-só a uma tentativa para moderar a aceleração da crise económica que tem vindo a acentuar-se de maneira dramática».

«Embora seja evidente que as medidas integrantes do «Pacote 2» não são, no fundo, mais do que uma antecipação da série de obrigações que o Governo não poderá deixar de contrair para com o FMI, no contexto das negociações a realizar proximamente com vista à obtenção dos novos empréstimos externos, o que põe a questão do condicionamento a que virão a ser sujeitos tais empréstimos, o CDS afirma — se menos preocupado com essas eventuais condições do que com o destino que virá a ser dado pelo Governo aos mesmos empréstimos» — diz o texto «centrista».

O texto acentua depois que «a não verificação das condições que tornem possível o funcionamento do sistema económico, a que acresce a inoperância da máquina administrativa do Estado» suscita àquele partido «o receio de que os novos empréstimos possam vir a desaparecer na voragem do consumo e das despesas públicas sem qualquer efeito positivo para o investimento, para o emprego ou para a correcção do desequilíbrio da balança de pagamentos» e diz que «a recuperação económica e a consolidação da democracia só serão possíveis pela realização de um projecto coerente e mobilizador de desenvolvimento económico e social, que dê sentido aos sacrifícios que se exigem do povo e lhe alimente a esperança em dias melhores e numa vida mais digna».

O CDS conclui que «o Governo não tem mostrado capacidade para propor e executar um tal projecto».

Duas traineiras afundadas

Pouco depois das seis horas desta madrugada, abalroaram duas traineiras a Noroeste de Leixões, devido ao nevoeiro.

Uma delas, «Senhora da Livração», naufragou de imediato, e a outra, «Senhor das Bouças», uma hora depois.

As tripulações, ao todo cerca de 50 homens, salvaram-se a nado ou mercê da colaboração de vários barcos que no momento pescavam no local. Pertenciam as embarcações naufragadas respectivamente a Zacarias Camacho e Rafael dos Santos.

Governo de Moçambique envia pêsames a famílias das vítimas de Moatize

O Governo de Moçambique manifestou o seu pesar pela morte de cidadãos portugueses nos incidentes que se seguiram à explosão das minas de Moatize — refere uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A nota acrescenta que «esta manifestação de pesar foi formalizada em nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros daquele país, na qual se afirmava que o Governo moçambicano desejava reiterar os sentidos pêsames já expressos pelo presidente da República Popular de Moçambique ao embaixador de Portugal no Maputo quando este fora recebido, para o efeito, em audiência especial».

Nessa audiência, o chefe do Estado moçambicano pediu ainda à embaixada portuguesa para transmitir ao Governo português e às famílias das vítimas as suas mais profundas condolências.

MINISTRO DA VENEZUELA EM LISBOA

Portugal quer desenvolver emigração para a agricultura

O ministro venezuelano da Coordenação e Plano, Azpurua Marturet, prosseguiu hoje, no Norte, a sua viagem ao nosso país, tendo visitado, na companhia do secretário de Estado da Coordenação, Carlos Melancia, a barragem do Carrapatelo, uma cave de vinho do Porto e as obras do porto de Leixões.

A visita do ministro venezuelano, organizada no âmbito da cooperação estabelecida entre os dois Governos, tem por objectivo analisar as possibilidades concretas de materializar tal cooperação, designadamente — como referiu ontem nas Necessidades, o próprio Marturet — em programas de assistência técnica no sector agro-industrial e colaboração mútua na indústria metalomecânica.

A participação da Venezuela, no chamado «grande empréstimo» de 750 milhões de dólares, foi também abordada na reunião de ontem entre Sousa Gomes e Marturet, tendo o ministro português entretanto, referido que a contribuição venezuelana — de 22 milhões de dólares — era já ponto assente.

O dirigente venezuelano visitou ontem as instalações da TAP, tendo a propósito salientado a importância da colaboração mútua no domínio da aeronáutica, com vista ao apoio para o desenvolvimento da frota aérea venezuelana.

Azpurua Marturet

Outro dos problemas abordados entre Marturet e responsáveis portugueses para aquele país, Walter Rosa, nosso embaixador em Caracas, presente actualmente em Lisboa, diria a um matutino que a Venezuela necessita agora «fundamentalmente de pessoal especializado, não já daquele tipo de emigração indiscriminada que se seguiu à II Guerra Mundial».

O ex-ministro da Indústria e Tecnologia referiu ainda que na Venezuela se encontra uma colónia portuguesa de cerca de 200 mil pessoas, incluindo os que se naturalizaram e respectivos filhos, dedicando-se essencialmente ao pequeno comércio e à indústria civil. Indicou entretanto que se tenta incrementar a emigração para a Venezuela, sobretudo para o sector da agricultura.

Policlínicos de Beja ameaçados de redução de vencimentos

Em reunião plenária efectuada no passado dia 25, os médicos policlínicos em serviço à periferia no Distrito de Beja aprovaram um comunicado onde denunciam a grave situação em que se encontram desde o mês de Julho, devido ao facto de o Hospital Distrital se recusar a pagar-lhes, de futuro, a totalidade dos seus vencimentos. O motivo invocado pelo hospital é a dívida de cerca de 40 mil contos, a haver da Previdência.

No seu comunicado, «consideram os médicos policlínicos que tal atitude é arbitrária e atentatória dos mais elementares direitos de quem trabalha». Mais uma vez — afirmam — «são os médicos policlínicos alvo de medidas discriminatórias por parte das autoridades sanitárias deste País, as quais têm insistentemente papagueado um Serviço Nacional de Saúde do qual pouco mais fizeram de concreto do que o Serviço Médico à Periferia, exclusivamente à custa dos médicos policlínicos, verdadeiro serviço tapa-buracos.»

Os médicos de Beja terminam responsabilizando os órgãos centrais, e designadamente a Secretaria de Estado de Saúde, pelos prejuízos que a assistência médica possa vir a sofrer naquele distrito, reservando-se o direito de tomar as medidas que as circunstâncias impuserem.

TROQUE o seu televisor VELHO (mesmo avariado) POR UM
últimos modelos écrans de 51cm e 61cm
e pague apenas 7.500$00
Não demore!
Dirija-se já a qualquer agente Grundig, porque esta campanha é temporária
– faltam só 15 dias para acabar!
GRUNDIG
1º MILHÃO

ROSSIO, 118
AV. DE ROMA, 17-A
R. ALMEIDA E SOUSA, 20-A
R. FREDERICO AROUCA, 45 — CASCAIS

SALDA A PARTIR DE 5.ª FEIRA

ACEITAMOS CARTÕES
SOTTO MAYOR E UNIBANCO

PUB

COOMAPOR

COOPERATIVA DE MÃO DE OBRA DO PESSOAL DO TRÁFEGO PORTUÁRIO, S. C. R. L.

CONVOCATÓRIA

Nos termos da Lei e dos Estatutos, convoco os Associados da COOMAPOR a reunir em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 1 de Setembro (Quinta-feira) pelas 18 horas, na sede da Caixa Auxiliar dos Estivadores, sita na Travessa da Ribeira Nova, 26, 1.º, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos :

PONTO ÚNICO: **Apresentação do Estudo Económico para avaliar as possibilidades de execução de Obras de Valorização do Edifício da COOMAPOR, sem as quais não poderá funcionar a Cantina COOMAPORCONSUMO.**

Lisboa, 17 de Agosto de 1977

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Nuno Santa Maria Vilar Bita

EXTERNATO ÁLVARES CABRAL

Preparatório – Liceal – Comercial

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA 1977/78

AVENIDA GRÃO VASCO, 1 — BENFICA
TELEF. 70 69 74/5 - 70 67 51

ALGETEL

ASSISTÊNCIA TÉCNICA
BOSCH E JUNKERS
ALTERAÇÃO DE NÚMEROS TELEFÓNICOS

A ALGETEL Informa os seus clientes que os seus números de telefone foram alterados para: 2102832 2102848 2108862 2104076 2102853
Frigoríficos, máquinas de lavar roupa e louça
BOSCH e esquentadores JUNKERS

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde Rua Luís de Camões

Agravamento do custo de vida despedimentos e especulação

— previsão do PCP sobre o "pacote dois"

Não só os trabalhadores e as camadas mais desfavorecidas da população, mas também amplos sectores da pequena e média burguesia, quadros e outros sectores das classes e camadas intermédias, sofrerão as principais consequências das medidas agora tomadas pelo Governo, sublinha uma nota da Comissão Política do PCP, a propósito das recentes medidas económicas e financeiras mais conhecidas por «pacote dois».

CONSEQUÊNCIAS DO «PACOTE UM»

«Ao apresentar o 1.º pacote, — diz a nota do PCP — o 1.º Ministro, falando perante as câmaras da televisão, dizia que «a desvalorização do escudo não tem nada a ver com o aumento dos preços internos a curto prazo», «Este conjunto de medidas — afirmava — visa antes de mais nada criar incentivos à exportação e criar formas de restringir as importações, (...) reduzir o défice da balança de pagamentos».

«Nessa mesma ocasião o ministro das Finanças, Medina Carreira, afirmou que «com a desvalorização (...) o que é nosso embaraterce, estimulando a procura externa, o que é estrangeiro encarece, desincentivamente a sua compra pelos portugueses».

Lembrando ter denunciado então que «tais afirmações e promessas não assentavam em qualquer base real» e que tais medidas se traduziriam num «imediato e vertiginoso aumento de preços» com agravamento das condições de vida dos trabalhadores e das classes médias, a nota da comissão política do PCP refere-se aos constantes agravamento dos défices da balança comercial e de pagamentos: «No que se refere à balança comercial, verifica-se que o défice que em Junho do ano passado alcançava 28 milhões de contos, em Junho de 1977 atingia 47,8 milhões de contos, ou seja um agravamento de 71 por cento em relação a 1976. A taxa de cobertura das importações pelas exportações que, no primeiro semestre de 1976 foi de 48,39 por cento (o que era gravíssimo) baixou para 42,6 por cento no primeiro semestre de 1977 (...) O próprio ministro das Finanças nas suas declarações de 26 de Agosto na RTP, reconheceu que o défice da balança de pagamentos atinge já, a meio do ano, 22 milhões de contos, ou seja, o valor previsto no Plano de 1977 para todo o ano.»

CONSEQUÊNCIAS DO «PACOTE DOIS»

Com base em números oficiais o PCP, denuncia as baixas reais dos salários dos trabalhadores e a subida em 30 por cento da inflacção no primeiro trimestre deste ano, salienta a existência de mais de 500 mil desempregados, e prevê com a aplicação do «pacote 2»:

. **«A nova política cambial,** com a flutuação do escudo, consiste numa nova forma da desvalorização contínua» que «respeitando 80 por cento das importações a bens essenciais, a desvalorização contínua do escudo significará o pagamento cada vez mais caro daquilo que se importa, o que se traduz por aumentos de preços em todos os sectores da actividade económica nacional. A nova política cambial não só estimulará a especulação contra o escudo, como levará os exportadores a procurarem vender a mais longo prazo e os importandores a tentarem comprar a curto prazo, o que se reflecte de forma negativa na evolução do saldo da balança de pagamentos. (...) o brutal aumento das taxas de juro terá como consequência a liquidação e falência de numerosas pequenas e médias empresas, o agravamento da crise de muitos sectores produtivos (têxtil, confecções, etc) e um aumento ainda maior do desemprego».

MAIS DESPEDIMENTOS

«O aumento dos preços dos combustíveis, que atinge no imediato largos sectores das classes médias, terá também como consequência a médio prazo o aumento do preço dos transportes, dos custos de produção na indústria, agricultura e pesca, e aumentos generalizados dos preços » — diz ainda a nota, que prossegue:

. **«a suspensão dos contratos de trabalho** constitui a cobertura legal para os despedimentos e a repressão patronal. Os despedimentos selectivos e a perseguição aos trabalhadores mais conscientes e combativeis, designadamente os delegados sindicais e membros das comissões de trabalhadores, que já hoje são uma prática ilegal, criminosa e impune, passam assim a contar com a cobertura da legislação antioperária do Governo PS».

«NOVA POLÍTICA»

Salientando a indispensabilidade de uma nova política para a saída da crise, contraposta à política do Governo PS «aliado ao PPD e CDS, que ameaça converter-se numa política de catástrofe nacional», a Comissão Política do PCP reafirmam as propostas de 31 de Julho, do seu Comité Central de, ou suspensão de leis, demissão do Governo e novas eleições, ou um Governo de plataforma «resultante da elaboração dum acordo entre todas as forças sociais e políticas, sem discriminação, interessadas na defesa e prosseguimento da democracia portuguesa definida na Constituição».

Linha aérea Telavive-Lisboa ameaçada por greve na "El Al"

. Comissários de bordo e hospedeiras da companhia aérea israelita «El Al», em serviço nos aviões que inauguraram a linha Telavive-Lisboa a 4 de Setembro próximo, ameaçaram entrar em greve se não forem consideradas as suas condições salariais.

O pessoal de bordo protesta contra o facto de a direcção da «El Al» ter prolongado o seu contrato laboral sem o consultar.

Entretanto, os quatro voos programados para Setembro, de Telavive a Lisboa estão praticamente cheios com dezenas de visitantes israelitas, que tencionam passar uma semana em Portugal e outra em Espanha — anunciaram informadores da «El Al».

As visitas combinadas aos dois países da península, que incluem meia pensão e excursões, são neste momento as mais acessíveis aos turistas israelitas, dado que atingem apenas 800 dólares por pessoa. A procura de passagens, por outro lado, é tão acentuada, que a direcção da companhia israelita considerou ontem a possibilidade de utilização de aviões «jumbos» na linha Israel-Portugal.

Comissão de Moradores ameaçada de despejo

. A Comissão de Moradores de S. João Ocidental (Lisboa) foi, sexta-feira passada, informada pela Junta de Freguesia de que deveria abandonar as instalações onde se encontra a funcionar até ao fim do mês. Entre os motivos evocados para o despejo foram referidos : a incorrecção do funcionamento da Junta de Freguesia e da Comissão de Moradores no mesmo edifício; a necessidade de obras; a situação de privilégio em que se encontra a comissão relativamente a outras comissões da freguesia e ainda a necessidade daquelas instalações para a armazenagem de géneros alimentícios recebidos das entidades oficiais e destinados aos retornados.

Em resposta, a Comissão de Moradores emitiu um comunicado que lembra a impossibilidade, face à legislação actual de organizar uma defesa jurídica contra «esta prepotência da Junta» ao mesmo tempo que sublinha ser facto corrente as comissões de moradores funcionarem nos edifícios das Juntas de Freguesia. Lembra-se ainda que ambos os organismos deverão convergir nos seus propósitos face aos interesses da população.

Menor desaparecido

. Desapareceu outra vez da residência de seus pais o menor de 12 anos José Luis Cardoso de Matos, que sofre de perturbações mentais, e à data do desaparecimento vestia camisola azul e branca e calças verdes e calçava sapatos de ténis pretos.

Qualquer informação sobre o seu paradeiro pode ser dada para a PSP ou para a Rua Correia Garção, 9, 4.º Esq.º, Lisboa.

Câmara do Alandroal contra GNR local

. Na sua última reunião pública a Câmara Municipal do Alandroal aprovou uma moção de repúdio e protesto contra a actuação do comandante do posto da GNR ao multar o predade.

Considera-se na moção, aprovada por unanimidade pelos membros da Câmara presentes, «incorrecta e repressiva a atitude do comandante do porto da GNR ao multar o presidente do Município por este ter estacionado o carro, durante uns momentos, frente ao edifício dos Paços do Concelho». O protesto manifesta-se ainda pelo facto da GNR não proceder da mesma maneira em relação aos condutores que diariamente vão à Câmara e outras repartições públicas tratar dos seus assuntos.

Numa outra passagem da moção foca-se a questão de falta de colaboração prestada pela referida autoridade não obstante os vários pedidos que lhe foram dirigidos pela Câmara Municipal. Constata-se ainda o deficiente policiamente e o descuido na manutenção da ordem pública na vila do Alandroal permitindo-se «que se destruam árvores e lâmpadas de iluminação pública, que se pronunciem obscenidades e se roube...»

Processos da Grã-Pará

. O director da Polícia Judiciária confirmou a existência de processos em curso sobre a firma Grão-Pará cuja principal proprietária é D. Fernanda Pires da Silva.

De acordo com as informações prestadas por aquele membro da JP, existem processos quer da entidade patronal, quer dos trabalhadores alguns dos quais foram remetidos aos respectivos tribunais encontrando-se outros em fase de instrução preparatória.

Judiciária prossegue investigações sobre o "caso dos sete mil contos"

. A propósito da notícia que no sábado divulgámos sobre a existência de um processo na Polícia Judiciária referente ao «caso dos sete mil contos», o director daquela polícia confirmou a existência do processo que se iniciou logo que houve conhecimento do eventual tráfico ilícito de capitais.

O dr. Gomes Dias informou ainda que a Procuradoria Geral da República entrou em contacto com a JP enviando fotocópias de jornais estando na base da investigação o facto de se tratar de um crime de natureza pública.

A Judiciária informou igualmente que existe um processo contra o semanário «Expresso» por eventual crime de liberdade de Imprensa por ordem da Procuradoria da República onde corre um inquérito relativo à possível responsabilidade de algum membro do Governo.

"CARTA ABERTA" EM BEJA

União dos Sindicatos alerta contra carácter da visita

Representantes do chamado movimento da «Carta Aberta», iniciaram ontem uma viagem ao Alentejo para, segundo o «Diário de Notícias», analisarem «in loco» problemas laborais e agrícolas, para o que estão previstas deslocações «a cooperativas agrícolas e reuniões com trabalhadores».

Esta visita, «à conquista do Alentejo», seguida de uma outra, há pouco tempo, ao distrito de Portalegre, foi entretanto vivamente repudiada pela União dos Sindicatos de Beja que, a propósito, emitiu um comunicado em que dá resposta à seguinte pergunta: «O que é o movimento «Carta Aberta» e porquê a sua deslocação à província?».

«Este movimento», escreve-se nesse comunicado, «nascido sob a pretensa criação de um sindicalismo livre e democrático, é um movimento divisionista, inspirado na corrente sindical traidora às classes trabalhadoras, seguida pela Central Sindical mais reaccionária do mundo, a AFL-CIO americana, braço direito da não menos reaccionária e criminosa organização mundialmente conhecida por CIA.»

. Recordando que após a visita a Portalegre, um dos ex-membros da «Carta Aberta» abandonou o movimento por «ter discordado dos métodos autoritários e antidemocráticos», a USB informa a população da capital do Baixo Alentejo que «este tipo de 'sindicalismo democrático' defendido pela 'Carta Aberta' foi posto em prática, pela primeira vez, em Itália e França, em 1949, pelo sr. Irving Brown, então agente da CIA».

«Na sequência desta acção», prossegue o comunicado, «dividiu-se o movimento operário nestes países, onde acabaram por serem criadas várias centrais sindicais, dificultando a luta das classes trabalhadoras contra a burguesia capitalista.»

O texto a que nos referimos assinala depois o papel do sindicato democrático no Brasil pela mão de Antônio Pereira Magaldi, «fomentando a divisão dos trabalhadores», e acrescenta que também no Chile, aí com Luís Villarin, «sob a capa do sindicalismo democrático, introduziu-se na CUT (Central Única dos Trabalhadores)», conseguiu institucionalizar o direito de tendência naquela Central Sindical, permitindo a instrumentalização partidária e, em seguida, com os trabalhadores do Chile divididos, criam-se as condições para, em 11 de Setembro do mesmo ano (1973) ser imposto ao povo do Chile a mais feroz ditadura fascista, com o criminoso fascista Pinochet à frente e da forma sobejamente conhecida.

Em seguida, o documento relaciona tudo isto com o que se tem passado em Portugal, já visitado por Irving Brown depois do 25 de Abril, onde se desencadeou «uma contestação feroz à Intersindical e ao Movimento Sindical Unitário Português». «A única razão desta contestação é que a reacção tem medo da unidade do Movimento Sindical», conclui o comunicado da União dos Sindicatos de Beja.

Quanto à visita em si mesma, recorda-se que, segundo Gonelha, «a heterogeneidade dos sindicatos aderentes à 'Carta Aberta' nunca foi vencida, antes se aprofundou com a falta de audácia da sua Comissão de Redacção». «Naturalmente que estas idas à província do grupo desacreditado a que continuam a chamar 'Carta Aberta' é a tentativa de criar essa audácia preconizada pelo sr. Gonelha», entende a USB.

Atente-se em que, tendo contactado um elemento da representação deslocada em Beja, o «Diário de Notícias» de hoje afirma: «De acordo com a mesma fonte, a 'Carta Aberta' tem tido bom acolhimento e, apesar da União dos Sindicatos de Beja ter emitido um comunicado chamando 'agentes da CIA' a estes sindicalistas, 'isso não desmobilizou os trabalhadores'.»

. Enfim, as declarações àquele matutino não desmentem as acusações formuladas no documento da USB...

PELO CUMPRIMENTO DO ACT

Hotelaria paralisa em Setembro

. O sector de Hotelaria vai entrar em greve a nível nacional na primeira quinzena de Setembro conforme foi ontem decidido, numa reunião na Federação da Zona Norte, no Porto, pelos oito Sindicatos do sector, com o objectivo de levar o patronato a cumprir o ACT/PRT, publicado em Abril. Esta decisão será ainda sancionada em plenários regionais de trabalhadores.

Na proposta aprovada, os sindicatos esclarecem como será feita a greve: oito horas, divididas em períodos de quatro entre as 11 e as 15 e as 18 e 30 e as 22 e 30, em data da primeira quinzena de Setembra a anunciar, em todas as empresas onde o ACT não esteja a ser cumprido. Segundo os representantes das organizações sindicais presentes na reunião do Porto, apenas cerca de 50 por cento das empresas da área de Lisboa, 30 por cento do Porto e 5 por cento nas áreas de Coimbra, Viseu, Braga, Viana e Aveiro, cumprem o Acordo Colectivo. Nestas empresas, todavia, os trabalhadores deverão fazer uma paralisação simbólica de solidariedade durante um quarto de hora, entre as 11 e as 11 e 15.

Os representantes dos trabalhadores optaram por esta forma de luta depois de terem tentado resolver o conflito pelo diálogo. No entanto, como afirmaram «durante 14 meses as associações patronais recusam-se a comparecer às negociações», persistindo, de há cinco meses para cá, na conduta ilegal de aconselharem as empresa a não cumprirem o ACT. Esta situação verifica-se em grande parte nas empresas privadas do sector, afectando cerca de 90 mil trabalhadores. O Governo prometeu já, através de nota oficiosa, fazer cumprir a legislação que publicou, mas faltou mais uma vez ao cumprimento da promessa.

Os representantes sindicais deliberaram também criar uma comissão coordenadora de luta pelo cumprimento do ACT/PRT e promover uma nova reunião geral de sindicatos dois dias depois da greve de Setembro, para análise da situação

PARALISAÇÃO NO HOTEL «ESPERANÇA»

Os 86 trabalhadores do Hotel Esperança de Setúbal paralisam hoje todo o dia. Admitiram, no entanto, terminar esta forma de luta se chegasse a bom termo o encontro marcado para esta manhã na Delegação do Ministério do Trabalho em Setúbal, entre os delegados sindicais, membros da Comissão de Trabalhadores e representantes do Sindicato de Hotelaria do Sul e a entidade patronal.

O objectivo da luta é a aplicação da Portaria de Regulamentação de Trabalho do sector e melhoria de condições de trabalho, visto que na empresa falta desde loiça a géneros, para servir o público. A empresa inclui, além do estabelecimento hoteleiro, restaurante e um café.

Muito material deteriorou-se durante a permanência de retornados das ex-colónias no hotel, não tendo a administração tido a preocupação de mandar reparar o material danificado ou substituí-lo. Os trabalhadores entendem que a manter-se a situação a empresa não sobrevirá, embora tenha ainda condições de viabilidade.

Os trabalhadores tentaram dialogar com a administração várias vezes, nada conseguindo, até que em plenário no passado dia 25 decidiram fazer paralisações sucessivas, a partir de domingo passado, em que estiveram parados das 12 às 16 horas.

Na segunda-feira, paralisaram das 17 às 22, fazendo hoje greve total. Entretanto, numa reunião marcada para ontem na delegação do MT de Setúbal, a entidade patronal não compareceu, esperando-se que esteja hoje presente.

COPAM

Plenário de concelho para debater o conflito

Para debater o caso Copam e definir eventuais formas de solidariedade com os seus trabalhadores, reúnem-se amanhã em plenário, às 18 e 30, na Companhia Portuguesa de Trefilaria, as Comissões de Trabalhadores e delegados sindicais do Conselho de Loures. Deverão também participar no plenário, além da CT da Copam, representantes dos Sindicatos dos Químicos, Metalúrgicos, Escritórios, Electricistas, Construção Civil, Comércio, Hotelaria, Telefonistas e elementos da União dos Sindicatos de Lisboa, do Secretariado das Empresas Intervencionadas, do Secretariado da Cintura Industrial de Lisboa e do Conselho de Trabalhadores de Sacavém.

O plenário foi convocado pela CT da Copam, em conformidade com decisão tomada pelos trabalhadores em plenário do passado dia 25. Novo plenário na próxima quinta-feira decidirá a continuação da luta. Hoje ainda, deverá ser entregue ao Governo, Presidência da República e Conselho da Revolução, mais uma exposição sobre o conflito na Copam.

GREVE À VISTA

Tanoeiros esperam até sexta-feira

. Só depois da reunião marcada para a próxima sexta-feira, na delegação do MT e na qual deverão participar os representantes da associação patronal, o Sindicato dos Tanoeiros de Portugal decidirá sobre as formas de luta a adoptar com vista a conseguir o novo CCT para o sector. Esta foi a decisão tomada durante a Assembleia Geral dos trabalhadores tanoeiros realizada no passado sábado.

Recorde-se que o Sindicato dos Tanoeiros apresentou em Abril passado, à associação patronal, uma proposta-base para a discussão conjunta do futuro CCT. Contudo, a falta de resposta da citada associação levou aquele organismo de classe a marcar uma greve para o passado dia 23. Essa forma de luta foi posta de parte dado que o delegado do MT do Porto garantiu aos representantes dos trabalhadores que a associação patronal (devido ao período de férias) só poderia iniciar o diálogo no mês que agora vai entrar.-

AC — A QUESTÃO DOS TRANSPORTES

Da "supressão" à "reformulação"

Em carta dirigida ao nosso jornal, com pedido de publicação, vem a Comissão Administrativa da AC — Arquitectura e Construções, SARL afirmar não ser verdade que a mesma «tenha decidido suprimir os transportes», conforme comunicado da Comissão Central de Trabalhadores a que demos o devido relevo, acrescentando:

. «O que acontece, e a comissão de trabalhadores sabe-o bem, é que a dívida à Rodoviária Nacional ascende já a alguns milhares de contos, tendo aquela empresa informado a AC que, a não ser resolvido o problema, ver-se-ia na contingência de suspender os transportes. Dada a dificuldade em resolver o problema até à data estipulada, informou a CA os trabalhadores da situação e da necessidade de reformular a política de transportes dentro da empresa, já que, diariamente, estão ao serviço da AC várias camionetas da Rodoviária Nacional que se deslocam, em alguns casos, a cerca de cem quilómetros para transporte de pessoal.»

. Este desmentido, na opinião da Comissão Central de Trabalhadores, não é correcto. Segundo esta comissão, em documento anterior, a CA tinha efectivamente anunciado a supressão dos transportes. E, só depois de ouvidas as razões dos trabalhadores, «recuou», afirmando agora que se trata **apenas de uma reformulação** e não da supressão pura e simples. Designadamente, a CCT defendeu que a construção de abarracamentos condignos nas frentes de trabalho mais longínquas e o pagamento dos subsídios de refeição onerariam ainda mais a empresa em crise.

Outra questão posta pela CA na carta que nos dirigiu diz respeito, precisamente, às «deslocações de pessoal de obras onde se encontra em excesso para outras mais distantes onde faz falta». No entender da CA, o problema «tem sido insuficientemente resolvido com pessoal a prazo, porque, embora se tenham criado subsídios, grande parte do pessoal não abdica de ir diariamente ficar a casa («regalias alcançadas»), como se a empresa estivesse em grande prosperidade».

De novo, segundo a Comissão Central de Trabalhadores, este é um argumento que se volta contra a própria CA, pelas razões de economia já aduzidas e por outras. Recordaram-nos, por exemplo, que os administradores então em exercício (neste aspecto não assacam quaisquer culpas aos actuais) «preteriram obras no Alentejo por obras em curso no Norte: Figueira da Foz e Covilhã, por exemplo. Ora sabe-se que a grande maioria do pessoal é aqui de Setúbal».

A carta da CA, procurando responder taco a taco ao comunicado da CCT, publicado, em parte, na nossa edição do passado dia 16 (no qual se afirmava que a actuação daquela **não divergia dos métodos de actuação do Governo**), diz apenas: «Quanto à comparação dos métodos de actuação da CA e do Governo, nem vale a pena fazer comentários, dado que, a fazê-los, esta CA iria frontalmente contra a sua regra n.º 1, que diz: **Não à democracia** (o sublinhado é nosso).

AO EMIGRANTE

Se sabe ler e escrever e necessita da carta de condução, pois o seu exame será antecipado!

Dirija-se à

ESCOLA DE CONDUÇÃO

MONUMENTAL

Av. Manuel da Maia, 11-r/c - LISBOA

Telefs. 572535 - 539712

História de um Verdadeiro Homem

edições CAMINHO

de Boris Polevoi

No Inverno de 1941, durante a grande guerra patriótica, o piloto de caça soviético Alexei Maréssiev foi derrubado pelos fascistas num combate desigual. Com os pés destroçados, faminto, meio gelado, vencendo dores horríveis, procurou durante dezoito dias juntar-se aos seus.

No hospital amputaram-lhe ambos os pés.

Concentrando toda a sua vontade, treinando tenazmente o seu corpo indomável, Maréssiev voltou a pilotar e regressou ao seu posto. Esteve na frente até ao fim da guerra.

Preço 120$00

CDL a distribuição

DEPARTAMENTO DE VENDA DIRECTA CDL

Rua Pedro Nunes — 9 A — Lisboa 1

Desejo receber ..... exemplares do livro .....

..... para o respectivo pagamento envio esc. $00

em cheque n.º ..... vale do correio n.º .....

sobre banco / estação de correio .....

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

21 DE JULHO DE 1977

A noite alentejana da R

Na rua só havia a rua. Uma noite quente tomava a brancura das casas todas, sem ninguém às janelas. E esse não era o costume: com aquele calor tão grande as pessoas vinham sempre até cá fora. Há sempre uma súbita brisa (vinda dos limoeiros, das laranjeiras, das oliveiras...) que alivia a atmosfera, levando os pulmões até junto da boca. Respira-se, enfim, e o sono depois não tarda mesmo nada, toca para a cama, que amanhã é dia de trabalho cedo... Mas naquela noite (21 de Julho do ano que ora nos tem) as pessoas estavam no interior das casas, vestidas de calor, o peito aberto, ouvindo o estalido luminoso da televisão ou as palavras sem rosto de rádios e «transistors». Cá fora, na rua, só havia a rua...

Rua que eu ia pisando muito lentamente, dorido da traição dos homens, na noite deserta do Alandroal, vila alentejana do distrito de Évora. No interior daquelas casas todas, das mais humildes às mais altas, ia-se processando, hora após hora, o debate na Assembleia da República da «Lei Barreto»: todo um articulado que tinha por único objectivo destruir uma das maiores conquistas do 25 de Abril de 1974: a Reforma Agrária. A votação, na generalidade, verificou-se alta madrugada, já para além das quatro horas. Eu assistira às intervenções até à 1 e 30, ganhara depois o ar livre e dera-me a percorrer a rua vazia, intimamente lamentando a confiança traída de todos quantos, em sucessivas eleições, haviam votado *Socialismo*, sancionado o Programa dos Capitães de Abril, acolhido com entusiasmo (tantos braços no ar!) as transformações que a Pátria exigia.

Altas estrelas silenciosas debruçavam-se sobre a vila, sobre a planície que a rodeava — e sobre também esta rua que demoradamente eu pisava, vestido de calor e vigiado pela brancura das paredes. Aqui e além, um grito vermelho na calde tantos anos de repressão: a sigla do Partido, uma palavra de ordem, um «Viva!», os cravos que se seguiram a «Grândola, vila morena»... Passo a passo, eu sabia que nas casas humildes a tristeza era grande, e que nas casas altas a alegria não era pequena. Nessa noite, nessa madrugada, em pleno Alentejo, a luta de classes clarificava-se de maneira angustiante. Era uma lâmina a dividir as pessoas, sol e sombra que se iriam defrontar ao longo das atribulações do processo revolucionário sempre patente em todos os homens que trabalham a terra, e a sabem sua para bem de toda a comunidade. O estalido luminoso da televisão e as palavras sem rosto dos aparelhos de rádio e dos «transistors», no interior daquelas casas todas, iam mostrando, minuto a minuto, quem se apresentara com um programa e o cumpria, e quem não cumrpria o programa com que se tinha apresentado à boca das urnas. Terminada que fosse a noite, e mal o dia viesse, logo as pessoas saberiam o que fazer para a construção do edifício fraterno que a «Lei Barreto» embargava: os fiéis permaneceriam fiéis ao programa não rasgado; os traídos pelo programa esfrangalhado juntar-se-lhes-iam; e os satisfeitos com o programa traído continuariam unidos através da impostura. Dois campos, pois, no Alentejo dos longos e longos hectares: posições definidas, outra seria a conversa daí para o futuro.

AS «SELECÇÕES» DA GUERRA-FRIA

Atendemos, primeiro, nos preconceitos que, no Alandroal, obstam a que uma linguagem democrática se processe, aliviando as consciências e contribuindo para o bem comum.

Casas há, por exemplo, em que as «bibliotecas» (quase sempre um pequeno armário envidraçado a resistir ao caruncho de muitas décadas...) são tão simplesmente constituídas por colecções do «Reader's Digest». Isto é: as «Selecções» da guerra-fria, do anticomunismo primário, do elogio do «american way of life», da mentira habilmente construída sobre todos os países socialistas... Pois bem: eu conheço no Alandroal senhoras, já de muita idade, amáveis no tratamento, dadas à camilha e à lareira, cuja leitura continua a ser o que vem escrito nessas brochuras.

«Tudo isto está certo, tudo isto é muito interessante, tudo isto entretém e nos abre os olhos» — dizia-me, seca, uma longa septuagenária, na salinha estreita de receber visitas, móveis e objectos como que fixos para toda a eternidade.

Impossível o diálogo. Elas ouvem as razões novas, fazem uma, duas perguntas, e teimam depois em cair nos erros de apreciação da sua vida passada. A longa septuagenária do «tudo isto está certo» não é, de maneira alguma, uma pessoa reaccionária. É, isso sim, uma pessoa ignorante: por ali se ficou, jornais «só muito raramente», livros, que fossem livros de verdade, nunca os viu, nunca os acompanhou. Nos dias de grande calor, hora da sesta, desfolha o «Reader's Digest», procura confrontar a realidade do mundo de hoje com a mentira impressa do mundo de ontem. Munida com essa informação tendenciosa, a dita senhora da camilha e da lareira, encolhe os ombros e investe peremptória contra todas as inovações. O 25 de Abril...? «Não me fale nisso, por favor! Estávamos tão bem quando isso aconteceu...» O socialismo...? «deus nos livre de tal! Isso é vermelho, é comunista, tão mau que foi esse Stalin, milhares e milhares de mortos...» A descolonização...? «Tristeza! Aquilo era nosso, coitados dos pretinhos, agora abandonados...» Um comprido ETC. solta-se da boca da senhora — e, por fim, convida-nos a tomar chá com biscoitos vindos de Vila Viçosa.

Esta longa septuagenária tem um parco rendimento anual, e mais uma pensão mensal, e também uns presentes oferecidos por familiares que residem em Lisboa. Nunca foi latifundiária, mas foi sempre **uma senhora do Alandroal.** Sempre se demarcou da massa trabalhadora, assentou os pés na casita herdada, entrou na intimidade dos acólitos dos senhores priores sucessivos. **Situou-se.** Criou uma situação que, psicologicamente, a afasta do colectivo: ela pensa-se um esteio da ordem estabelecida — e sente-se deveras ofendida (passe a caricatura) por não ter sido consultada para «essa coisa do 25 de Abril». E porque não se integrou nas mudanças constantes do tempo, e se tem por uma pessoa no caminho certo, ei-la que se congratula com a «Lei Barreto», sempre ao lado dos latifundiários como ordenam as leis obscuras e acomodatícias da pequena burguesia não esclarecida.

Quando a morte vier e a levar, e a casa ficar solitária até à vinda dos familiares afastados, as «Selecções», a camadinhas no armário envidraçado, cumprimentar-se-ão mutuamente e serão atravessadas pelo seguinte pensamento: «Cumprimos as ordens do imperialismo. Soubemos interferir na independência deste país pequenote...» Depois, em outras mãos já mais a par do mundo de hoje, talvez terminem rasgadas num caixote de lixo qualquer. O conteúdo exige.

A SENHORA DA PORTA DE FERRO

Bilhete postal para quem a visita nos primeiros tempos, a vila do Alandroal, com um alto relógio que se impõe ao castelo de antanho, e que toda a gente vê, e que bate os quartos sempre e sempre, em breve se transforma, para um estranho, numa carta muito fechada. Só com o correr dos dias, e com muita atenção, é que as coisas vão surgindo lentamente...

As portas, por exemplo, chapadas de ferro. Desta vez, mãe e filha: a primeira latifundiária, a segunda professora do ensino liceal em Évora. Antes do 25 de Abril, as portas, ao rés da rua, eram tão só de madeira. Depois daquela data, o ferro cobriu a madeira.

Impressionante: o ferro cobriu a madeira numa protecção cerrada e ofensiva para todos quantos transitam por aquela rua tão sossegada. Daquele prédio, assim tão defendido, como que sai um libelo acusatório. Contra quem...? «Ah — diz a senhora latifundiária — contra os que me querem assaltar, ocupar a casa, sei lá o que mais...» Há uma certa ironia envergonhada nesta voz. Uma tentativa de equilíbrio perante o estranho admirado de tanto ferro à entrada da casa... Depois, subitamente, ora com os olhos no chão, ora com os olhos atirados para o longe, a senhora conta «as barbaridades do Baixo Alentejo», as terras ocupadas, uma grande falta de moral, «aquilo dorme tudo junto», e mais isto, e mais aquilo... O estranho, muito calmo, cheio de sol, e porque já passou pelo Baixo Alentejo, tenta dizer que as coisas não são assim. Que se vá lá, que se aprecie o que foi feito, que se fale com os trabalhadores, que se veja com olhos de ver. «Deus me livre! Ir lá punha-me doente para sempre!» — E a senhora, que nada tem a temer porque sempre andou com as terras cultivadas, prefere ficar-se na sua, naquela teima que desde logo é um ataque à Reforma Agrária que se impunha para que o pão pudesse chegar a todas as bocas. Escuda-se no ferro que cobre toda a porta, passa para o interior da casa, mostra ao estranho os fechos metálicos e rápidos (truque-tlic-truque) que, uma **vez corridos, tornam** impossível qualquer chave na fechadura. «É preciso ter cuidado com isto, que se não fica-se aqui sem um dedo num ai...»

E, mais uma vez, lá vem um vinho de Borba, ou do Redondo, e uns biscoitos comprados em Vila Viçosa. Fala-se de tudo, menos do fundamental. Novamente o estranho verifica que o diálogo é impossível: as ideias feitas, a **importância** de um vida sem importância, medíocre pela educação fechada, obscura, não permitem que se troquem ideias de uma forma racional, inteligente, saudável. Uma opção de classe transforma esta senhora da porta de ferro num obstáculo aos ideais do 25 de Abril. E o estranho à vila do Alandroal nada mais tem que fazer do que, agradecendo a recepção, ganhar a rua ao som dos fechos metálicos e rápidos: truque-tlic-truque.

Uma vez cá fora, uma voz murmura ao bem intencionado:

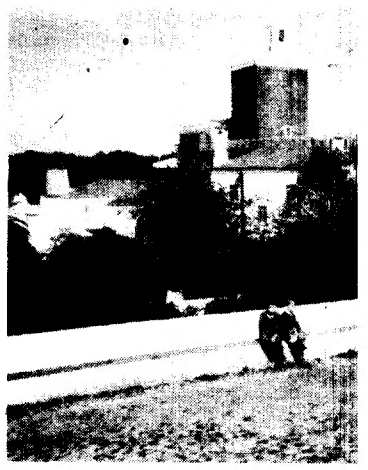
«Se a mãe é assim, como será a filha...? Pior, pior... Professora em Évora, no liceu, que dirá ela aos alunos sobre o Portugal de hoje...?»

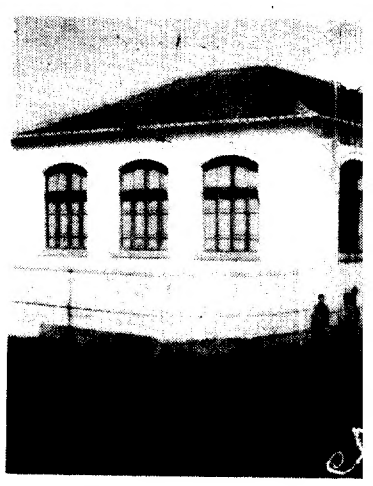
ALMERINDA E MELRINHO

Mas o povo da terra, das culturas, das ceifas, dos longos horários de trabalho, do varejo da azeitona, da cortiça, do sol e da chuva, do vento e do frio — esse já não lê as «Selecções» da guerra-fria. Verdade, verdade, nunca as leu, que o dinheiro era pouco no tempo da ditadura fascista. Outras foram as leituras, outros os ensinamentos, outra a visão das coisas e dos homens. Assim, sempre soube lutar — e quando, país de um certo Terceiro Mundo que somos, soou uma onda de libertação, esse povo soube situar-se nas terras abandonadas e incultas.

Assumiu, em suma, toda a responsabilidade do 25 de Abril. Vejamos, por exemplo, como se pronuncia a operária agrícola Almerinda Nogueira, da UCP «Os Arraianos Avançam», aquando da Conferência Nacional do PCP para a recuperação económica, subordinada ao tema «A Saída da Crise»:

«A UCP «Os Arraianos Avançam» é uma cooperativa pequena e pobre. No entanto, apesar das muitas dificuldades que temos tido, muito se tem avançado como o nome indica.





Um bilhete postal com o nome é um bilhete postal: é uma

«O arranque da UCP verificou-se apenas com um pequeno rebanho de ovelhas e duas velhas máquinas. Mas com a vontade firme e forte dos trabalhadores tem-se verificado um bom desenvolvimento em relação às nossas possibilidades, pois, como todos sabem, o Governo, e muito especialmente os senhores Barreto e Portas, em vez de nos ajudarem como seria o seu dever, fazem o contrário: cortam-nos o crédito, não nos dão a mínima ajuda técnica, esquecem-se das centenas de milhares de hectares de terras que ainda estão nas mãos dos grandes agrários (...) Faltam, assim, ao que diz a Constituição.

«E aqui pergunto: seria a Constituição feita para beneficiar os agrários? Ou para que nós trabalhadores pudessemos viver numa sociedade mais justa?

«Podemos afirmar que, apesar de todas estas dificuldades, já conseguimos fazer 10 pequenas represas para cultura de regadios, e ainda para reservas de água para gados. (...) Em vez de um pequeno rebanho de ovelhas, hoje temos 715 ovinos, 495 suinos, 246 bovinos e 699 caprinos.»

«Em máquinas, em vez das

DEPARTAMENTO DE VENDA DIRECTA CDL

Rua Pedro Nunes — 9 A — Lisboa 1

Desejo receber ..... exemplares do livro .....
..... para o respectivo pagamento envio esc. $00
em cheque n.º ..... vale do correio n.º .....
sobre banco / estação de correio .....

Nome .....
Morada .....
Localidade .....

Revolução traída

PEDRO ALVIM

duas velhas máquinas, temos: 6 tractores borracheiros, 3 de rastos, 2 ceifeiras-debulhadoras, e uma gama de alfaias capaz de satisfazer as necessidades das máquinas e da UCP.

«No tocante à exploração em trigo, cevada, aveia dística e branca, andou muito perto de um milhão de quilos, o que até aqui as mesmas terras nunca produziram (...) E ainda o Governo diz que somos nós, os trabalhadores, os culpados da crise (...)»

Aludindo ao corte de crédito,

ome da vila escrito. Mas a vila não uma carta com muitos dizeres

diz Almerinda:

«Além das precárias condições económicas em que os trabalhadores já vivem, não podemos alimentar o gado convenientemente (com farinhas, como vínhamos fazendo), as máquinas já não andam assistidas como deviam por falta de dinheiro para as reparações (...) Também não podemos explorar devidamente o regadio — e muitas mais dificuldades que põem em causa a rentabilidade da UCP e ameaçam com o espantalho da fome 141 famílias.»

E Almerinda arranca com as seguintes perguntas:

«Como poderemos investir sem dinheiro? Com que esperança deixamos as fêmeas para reproduzir e aumentar o efectivo pecuário de que tanta necessidade tem o País? Então para que fezemos as barragens se agora não as podemos explorar como seia nosso desejo? Infelizmente a estas perguntas o Governo responde com a Polícia de Choque para amedrontar os trabalhadores e fazê-los recuar. Mas nós não desmobilizamos! Nem desmobilizaremos porque temos a força da razão. Havemos e venceremos».

Esta operária agrícola do Baixo Alentejo (concelho de Serpa), relativamente à senhora da porta de ferro, não é um obstáculo aos ideais do 25 de Abril. Ela faz marchar (mesmo que, de momento, seja esmagada pelas manipulações legislativas) o programa dos Capitães que apostaram numa viragem histórica, estejam esses Capitães na reserva ou não. Almerinda é uma força generosa — e no Alto Alentejo, Alandroal, temos, por exemplo, o papel desempenhado por Inácio José Melrinho, presidente da Câmara Municipal, após as eleições, para as autarquias locais. Homem da FEPU, José Melrinho, agora com 300 chefes de família desempregados no concelho (e o concelho conta só com cerca de 10.000 habitantes), apresentou para as respectivas freguesias (Santiago Maior, S. Pedro de Terena, Santo António de Capelins, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Loreto) um plano de iniciativas que, enpregando as pessoas, contribuiria, como é óbvio, para o desenvolvimento da zona. Esse plano, entre outras coisas, compreende a instalação de fábricas (pequenas fábricas, entenda-se) de enchidos, de conservas de tomate e frutas doces, regadio intensificado e a entrega de terras incultas aos trabalhadores agrícolas. E o povo está com Melrinho. O povo está no activo.

Acontece, no entanto, que a reacção (e a reacção é constituída, tanto pelas pessoas de má-fé, como pelas pessoas ignorantes, não esquecendo também, as pessoas que fazem do amor-próprio, dos preconceitos vários, um escudo contra todas as formas de progresso) se levanta e acusa Melrinho de... só possuir a quarta classe. Ora os presidentes anteriores do Município local não tinham mais estudos — mas eram considerados pelo espírito conservador do Alandroal devido ao simples facto de possuirem bens, de serem ricos, terem estado sempre com o regime de Salazar e Caetano. Melrinho vai todos os dias à Câmara Municipal — e esses outros homens nem sempre lá se encontravam... Melrinho sacrifica-se (contenta-se, por exemplo, com metade do ordenado que lhe compete, utilizando a outra metade na satisfação de necessidades locais) perante a indiferença das senhoras, senhores, meninas e meninos que se têm por pilares da «ordem» no Alandroal. E dizem todos à compita: «Foi pedreiro, é tractorista, não passa de um oportunista...» Mas não: Melrinho é um homem certo numa vila com muitos erros — e embora muitos o não saibam receber, ele é absolutamente bem recebido na actual Constituição da República Portuguesa. Essa a sua vitória, e também a sua entrada plena de cidadão consciente e patriota no 25 de Abril.

O POVO ESTÁ NO ACTIVO

Alandroal: é aqui, nesta vila do Alto Alentejo, entre a tristeza grande e a alegria mesquinha da votação, via TV, da «Lei Barreto», que me apercebo, passando em revista todos os nomes que intervieram no processo revolucionário desencadeado pelo Movimento dos Capitães, de que há homens (encarando, agora, o lado negativo da questão) que nunca poderão marchar ao nosso lado. São homens inteligentes e dotados, que conhecem os meandros todos da política, mas que, mutilados pelo regime anterior e por interesses particulares, não podem integrar-se numa viragem histórica. E, então, sabendo mesmo que estão a trair os seus princípios, tudo quanto (suponhamos que na juventude...) defenderam, se viram para o lado contrário, transformando-se num obstáculo à concretização de leis justas que muito serviriam o País que somos.

Esses homens desejam não uma alteração fundamental dos seus hábitoa sociais, mas apenas o alargamento desses hábitos. O seu grito (melhor: o seu «slogan») poderá muito bem ser o seguinte: **«Não nos impeçam de viver conforme os nossos hábitos!»**

O 25 de Abril foi um acto de libertação que necessariamente teria de ser completado por outros stocks Os Cravos não se limitavam a ser somente o termo das guerras no Ultramar: os Cravos exigiam mais para que, na verdade, fossemos um povo livre. Numa palavra em caixa alta: exigiam o **Socialismo.** Ora o ódio que a burguesia mundial tem pelo Socialismo expõe-se odiosamente às claras, não se esconde, infiltra-se nas boas intenções e liquida todos os planos de sinal positivo. Odioso em si mesmo, esse ódio, proliferando por vezes subtilmente, outras vezes de maneira brutal, mostra-nos até que ponto é grande e terrível. Que o digam as constituições progressistas rasgadas, os trabalhadores assassinados e a miséria dos povos humilhados...

Opta-se, enfim, pelo caos. E quem opta pelo caos (estamo-nos a referir aos tais homens inteligentes e dotados) muitas e muitas vezes afirma a sua independência relativamente à ordem progressista do globo. Assim sendo, quem não é por nós (progressistas) é contra nós. Os homens independentes da história são uma fantasia. Ninguém tem necessidade deles. Todos, até ao último, são arrastados no turbilhão de uma realidade mais complexa do que a equacionada pelos seus interesses diminutos.

..E, assim pensando, me vim embora do Alandroal, vila do Alto Alentejo, um pouco desanimado por tudo quanto acontecia neste IV ano da Revolução de Abril. O comboio trouxe-me até ao Barreiro e no Barreiro tomei o barco para Lisboa. Quando desembarquei em Sul-Sueste, dia de sol grande, um breve encontro de novo me fez acreditar na vontade indomável do povo a que pertenço, do povo que se nega a ser atirado para a reserva. Um povo que está no activo. E foi assim:

«Viva!»

Olhai para quem me saudava tão amistosamente. Era um casal de Moura, que eu já não via há dois anos. Ele, trabalhador rural, uma casinha branca debruada a azul. Ela, cuidando um pouco de terra que os pais lhe deixaram e sempre zelosa com os vasos que tem à janela.

«Então como vão os filhos...? O Daniel, a Maria, o Ricardo...?» — perguntei, após considerações sobre isto, sobre aquilo.

«Todos bem. Mas já temos outro... Um rapaz. Ainda não fez um ano. Chama-se Vasco.»

EUA

Está em formação um consórcio internacional do trigo

ABRAHAM LAMA

LIMA, Agosto (IPS) — O Governo norte-americano não poderá continuar a combater a formação de associações de países exportadores de matérias-primas, pois ele próprio criou um organismo, juntamente com a Argentina, o Canadá e a Austrália, para subir os preços internacionais do trigo.

O aumento do preço do petróleo decidido pela OPEP causou pânico e irritação entre os países compradores de hidrocarburos. Mas os países subdesenvolvidos viram nesta tomada de posição da OPEP um exemplo a seguir para criarem organismos semelhantes a fim de defenderem as suas matérias-primas.

Estas tentativas não tiveram todas o mesmo êxito, e algumas lutam infrutuosamente por melhorar as condições de comercialização, já seja do cobre, das bananas, etc. É certo que a crise mundial não criou as melhores condições para o seu nascimento e actuação, mas o importante é que a formação de associações de países exportadores de produtos básicos se converteu numa estratégia do Terceiro Mundo.

É claro que a ideia de formar associações de países exportadores foi combatida pelos países industrializados, compradores de matérias-primas. Os Estados Unidos, durante o Governo de Ford e a gestão de Kissinger, encabeçaram a luta contra a OPEP e o Senado americano votou inclusivamente uma «trade bill» (lei de comércio) que continha ameaças de represálias contra os países membros destas associações. Esta lei só foi aplicada para o caso do petróleo (na América Latina, contra a Venezuela e o Equador), mas significou contudo uma ameaça para futuras tentativas semelhantes.

Agora os Estados Unidos criaram uma associação com as mesmas intenções e fins da OPEP, ainda que com resultados e responsabilidades morais e políticas diferentes. Promoveram e conseguiram criar um organismo ainda sem nome, mas que poderia ser descrito como a «OPEP do trigo».

A iniciativa não é nova. Foi formulada em Manila, no passado mês de Junho. Antes de se realizar aquela reunião mundial de alimentos, já algumas vozes «duras» da política norte-americana tinham advertido que se os árabes faziam a guerra do petróleo, os Estados Unidos poderiam também desenvolver a lsua «estratégia da fome»: responder ao aumento do preço do petróleo com o aumento do preço do trigo.

Neste momento há superavit de trigo no mundo. E no ano passado também houve. Este excesso de trigo em relação à demanda provocou logicamente uma baixa de preço.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos pediu aos outros grandes exportadores que baixassem a sua produção, e tanto o Canadá como os Estados Unidos, utilizando diversos processos, anunciaram uma diminuição de 15 por cento das suas sementeiras. Ambos os países pediram à Argentina e à Austrália (que têm a vantagem de poder semear conhecendo já os resultados da conheita no hemisfério norte) que reduzissem também a superfície a semear. Alguns cálculos supunham que a Argentina poderia reduzir a sua produção em 20 por cento a qual no ano passado atingiu os sete milhões de toneladas.

Alguns cálculos «optimistas» do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos afirmam que este ano haverá uma baixa substancial na colheita mundial do trigo, ainda que reconheçam que a produção será de todos os modos superior à demanda.

O maior importador da temporada será a China Popular, que anunciou intenções de adquirir 9 milhões e meio de toneladas. A viagem de Vance a Pequim pode estar relacionada com estas operações. Em todo o caso, o renascimento do idílio do «ping pong» estimulará sem dúvida as operações do trigo.

A forma como opera a «aliança» constituída há dois dias em Washington pelos Estados Unidos, a Argentina, o Canadá e a Austrália, é idêntica aos processos que os produtores de cobre (o CIPEC) e de açúcar tentam levar à prática. Ou seja, financiar a criação de «stocks» de reserva, que poderiam ser pagos tanto pelos importadores como pelos exportadores. Estes «stocks» seriam utilizados no mercado mundial como factor de orientação dos preços, no sentido do aumento, evidentemente.

Mas o mecanismo que os quatro grandes produtores de trigo porão em andamento é diferente do proposto pela FAO. Quase se poderia dizer que têm objectivos contrários. A proposta de Manila tinha o objectivo humanitário de garantir reservas contra fome, mas a «aliança», pelo contrário, propõe-se defender os interesses dos produtores, ainda que seja diminuindo a produção de trigo num mundo onde 5 milhões de pessoas morreram no ano passado de inanição.

CTT

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

Os Correios e Telecomunicações de Portugal comunicam que a Estação de S. José, sita na Rua de S. José, n.º 10, encerra por motivo de obras a partir do próximo dia 1 de Setembro.

O Serviço de encomendas poderá ser entregue nas seguintes Estações:

— **Santa Justa,** Rua de St.ª Justa, n.º 17
— **Santa Marta,** Rua de St.ª Marta, n.º 55
— **Central de Encomendas,** Rua da Palma, n.º 236

O restante serviço ficará assegurado na Estação dos CTT dos Restauradores, que funciona com horário permanente.

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

MOÇÃO

Os Sindicatos de Transportes Rodoviários reunidos em Plenário da Federação respectiva, realizado no dia 25-8-77 pelas 14.00 horas, no Sindicato dos Transportes Rodoviários do distrito de Lisboa, em face da saída da Portaria emitida pelo Ministério do Trabalho no passado dia 5 do corrente, que vem retirar regalias aos trabalhadores rodoviários, aplicando-lhes o regime de horário de trabalho de 48horas, decidem:

– Repudiar energicamente tal medida do Governo, inconstitucional e antioperária, que é um verdadeiro e escandaloso roubo de regalias tão dificilmente alcançadas pelos trabalhadores com lutas ainda do tempo do fascismo.

– Apelar aos trabalhadores rodoviários em geral, que façam valer a força da sua razão contra o patronato reaccionário que com o apoio do Governo tenta reaver o que perdeu com a Revolução de Abril.

– A LUTA CONTINUA!
– LUTEMOS PELA DEFESA DOS DIREITOS CONSTITUCIONAIS!

O plenário

Lisboa, 25-8-77

Aprovada por Unanimidade

PLANTAS MEDICINAIS

CP **COSTA & PERALTA**
sociedade de representações, lda
DEPARTAMENTO DIETOBIOLÓGICO

LISBOA – Rua Professor Sousa da Câmara, 195-A Tel. 654751

TERMINAL – Centro Comercial Rossio-4.º piso-loja 422

PORTO – Rua de Silva Tapada, 131 Tel. 493790

CHOPPING – Center Brasília - 3º piso - loja 10

LISTA DE CHÁS

Chá – Flor de malvas
Chá – Flor de Carqueija
Chá – Flor de Rosmaninho
Chá – Tília
Chá – Hipericão
Chá – S. Roberto
Chá – Pau d'Arco anticanceroso
Chán.º 1 – Albumina
Chán.º 2 – Amenorreia
Chán.º 3 – Anginas
Chán.º 4 – Anginas de peito
Chán.º 5 – Anorexia
Chán.º 6 – Asma, bronquite e gripes
Chán.º 7 – Asteriosclerose (tensão arterial alta-tensão nervosa)
Chán.º 8 – Colite
Chán.º 9 – Coração
Chán.º 10 – Diabetes
Chán.º 11 – Diarreias e enterites
Chán.º 12 – Eczemas (uso interno)
Chán.º 13 – Eczemas (Uso interno)
Chán.º 14 – Estômago
Chán.º 15 – Fígado e cálculos biliares
Chán.º 16 – Gota e reumatismo
Chán.º 17 – Hemorroidas (Uso interno)
Chán.º 18 – Hemorroidas (Uso externo)
Chán.º 19 – Hipotensão
Chán.º 20 – Icterícia e hepatites
Chán.º 21 – Insónias
Chán.º 22 – Tónico de nervos
Chán.º 23 – Obesidade
Chán.º 24 – Olhos
Chán.º 25 – Prisão de ventre
Chán.º 26 – Espécies vegetais para cálculos renais
Chán.º 27 – Purgante vegetal
Chán.º 28 – Rins, bexiga e colibacilo
Chán.º 29 – Sinusite
Chán.º 30 – Prostatite
Chán.º 31 – Tónico capilar
Chán.º 32 – Ureia
Chán.º 33 – Varizes
Chán.º 34 – Vermes intestinais
Chán.º 35 – Debilidade sexual
Chán.º 36 – Cabelos brancos
Chán.º 37 – Corrimentos vaginais
Chán.º 38 – Apendicite
Chán.º 39 – Hemorragias de qualquer origem
Chán.º 40 – Hidropsia (Barriga de água)
Chán.º 41 – Ténia
Chán.º 42 – Chá gripal
Chán.º 43 – Defumadouro
Chán.º 44 – Antialcoólico
Chán.º 45 – Antifumo

ENVIA-SE À COBRANÇA PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

SUBSÍDIO ESCOLAR

A partir do dia 1 de Setembro, encontram-se nas Delegações e Sede deste Sindicato os impressos relativos à atribuição de subsídio escolar que deverão ser levantados conjuntamente com o respectivo regulamento.

Tais impressos poderão ser requisitados aos Delegados Sindicais.

A DIRECÇÃO

Recepção muito calorosa para Tito em Pequim

. O presidente da Jugoslávia, marechal Tito, chegou hoje a Pequim e as autoridades chinesas preparam-lhe a mais calorosa recepção que desde há anos é dada a qualquer visitante estrangeiro.

Trata-se da primeira ida de Tito a Pequim, em visita oficial e de amizade, a convite do Conselho de Estado da República Popular da China.

Em avião especial, ido de Pyongyang, a capital da Coreia do Norte, o marechal Tito prossegue assim uma série de visitas iniciada na União Soviética.

Para além das relações bilaterais, Tito vai tratar com o presidente do Partido Comunista Chinês, Hua Kuo-feng, da situação internacional, nomeadamente no que diz respeito aos focos de tensão.

Durante cerca de 25 anos, o marechal fora criticado pelos ideólogos chineses, que o acusavam de se desviar do socialismo. Mas nos últimos tempos tem sido louvado pela sua «independência em relação à União Soviética» e pelos seus conceitos de um «Terceiro Mundo».

O «Diário do Povo», jornal do Partido Comunista Chinês, dedica hoje um editorial à chegada de Tito e prevê um grande desenvolvimento da cooperação e da amizade entre a China e a Jugoslávia.

O órgão do PC Chinês louva também o chefe de Estado jugoslavo pelo seu papel determinante na criação e no desenvolvimento do não-alinhamento. O «Diário do Povo» reconhece ainda ao presidente o mérito de ter feito da Jugoslávia, país atrasado antes da Segunda Guerra Mundial, uma nação industrial e agrícola próspera.

Em Pyongyang, Tito foi agraciado com a Ordem de Herói do Povo da República Democrática Popular da Coreia, anuncia a agência Tanjug em telegrama de Pyongyang.

Segundo a agência, a mais alta condecoração norte-coreana foi atribuída ao chefe do Estado jugoslavo por decreto do Comité Central do Povo, tendo em conta «a acção desenvolvida a favor da independência do seu país durante e após a guerra».

Entretanto, nos meios diplomáticos de Banguecoque circulam rumores segundo os quais o marechal Tito teria tido contactos com o Governo de Phnom Penh para efectuar uma escala oficial no Camboja por ocasião da sua viagem actual ao Extremo Oriente.

Se esta visita se realizar, o marechal Tito será o primeiro chefe de Estado a deslocar-se a Phnom Penh depois da tomada do Camboja pelos Khmers Vermelhos em Abril de 1975.

SMITH TEIMA EM GOVERNO MINORITÁRIO

Pouco optimismo nos construtores da necessária paz rodesiana

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, David Owen, e o enviado norte-americano Andrew Young partiram hoje de avião para a Tanzânia, havendo poucos sinais evidentes em Pretória de a sua missão conseguir uma solução pacífica para o conflito rodesiano.

Não fizeram qualquer declaração ao deixarem o Aeroporto Jan Smuts e seguiram para Dar es-Salam, a bordo de um VC-10 da Força Aérea Britânica.

Owen e Young tiveram ontem duas sessões de conversações intensas em Pretória com o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster, e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha. Foi a primeira vez que Young se encontrou frente a frente com o chefe do Governo da África do Sul.

Fontes afectas à missão anglo-americana disseram haver pouco optimismo, após as conversações, de que a última iniciativa sobre a Rodésia possa obter êxito.

O primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, com quem Owen e Young se encontrarão em Salisbúria, na quinta-feira, rejeitou já o que se anunciou ser o elemento essencial do plano de transição para o Governo de maioria negra na colónia dissidente até ao fim do próximo ano.

Principal obstáculo: quem deverá ter o controlo das forças de segurança durante o período de transição — o Exército rodesiano, comandado por oficiais brancos, ou os guerrilheiros negros, que lutam contra essas tropas há cinco anos?

Pensa-se que Vorster interrogou apertadamente Owen e Young acerca desse aspecto durante as conversações de ontem.

Owen e Young travarão ainda hoje em Dar es-Salam conversações com o presidente Julius Nyérere, «leader» da «Linha da Frente».

O primeiro-ministro Ian Smith salientou, ontem à noite, não estar disposto a aceitar o sistema de «um homem um voto» como base para eleger um futuro Governo da Rodésia e que não negoceia com os chefes dos guerrilheiros da Frente Patriótica.

«Nunca aceitaremos uma conotação negra no que respeita ao futuro Governo deste país» — declarou a uma audiência de mil brancos no comício final da campanha eleitoral minoritária.

«Não estou disposto a negociar com alguém que está associado ao terrorismo. Isto é: com a Frente Patriótica. Se não conseguirmos uma solução, pois bem, não a conseguimos.

A minha atitude é concreta e não tenho intenção de a mudar.»

. Observadores afirmam que se Smith teima em considerar a Frente Patriótica (Nkomo-Mugabe) uma associação terrorista é porque perdeu «todo o bom-senso». A oposição do primeiro-ministro rodesiano ao sistema eleitoral que assenta na fórmula «um homem, um voto» vem complicar todas as negociações de paz até agora levadas a efeito. Presumem esses observadores que os seus últimos contactos com John Vorster, dirigente de África do Sul, devem ter contribuído para a sua actual atitude. Pode dizer-se, em suma, que o problema rodesiano se agudiza.

MOSCOVO

Visita de Siad Barre envolta em silêncio

A Imprensa oficial soviética nada tem dito da anunciada visita do presidente Somali, Siad Barre, que teria vindo melhorar as relações do seu país com a URSS.

A Rádio de Mogadíscio anunciou ontem que Barre partira da Somália no domingo à noite, para vir a Moscovo «a convite da União Soviética».

Jornais e televisão soviéticos nada disseram, porém, de tal visita, que a embaixada somali em Moscovo também indicou ignorar.

Diplomatas árabes e africanos especularam que Barre poderia ter ido directamente para a Crimeia, onde o presidente Leonid Brejnev se encontra de férias.

O fortalecimento dos laços soviéticos com a Etiópia, inimigo tradicional da Somália, e a guerra no deserto de Ogaden prejudicaram as relações entre os governos de Moscovo e Mogadíscio.

A União Soviética chegou a acusar a Somália de «intervenção armada» na região etíope de Ogaden e os somalis consideraram «provocatória» a posição de Moscovo.

Incidentes em Londres — 391 feridos

. Uma certa calma restabeleceu-se hoje na zona londrina de Notting Hill Gate, depois de a polícia haver enfrentado naturais das Índias Ocidentais que assinalavam de forma agitada uma festa anualmente realizada durante dois dias pela comunidade das Caraíbas.

Umas 391 pessoas, incluindo 33 polícias, ficaram ontem á noite feridas no embate de três horas que se verificou em Notting Hill — anunciou a Scotland Yard, segundo a qual foram efectuadas mais de 70 detenções.

Já no domingo se verificara alguma violência, sendo superior a 230 o número de pessoas detidas nos dois dias de atmosfera carnavalesca.

No ano passado tinham-se verificado mais de 600 feridos nos festejos realizados pelos naturais das Índias Ocidentais residentes em Londres, que constituem uma das principais comunidades de imigrantes.

ACUSAÇÃO NA JAMAICA

FMI quer derrubar o regime de Kingston

O secretário-geral da Liga de Libertação dos Trabalhadores, da Jamaica, denunciou a existência de um plano concebido para derrubar o governo constitucional, de que destacou três aspectos, o principal dos quais está no Fundo Monetário Internacional (FMI) e nalgumas condições impostas por este organismo para a concessão de empréstimos ao governo da Jamaica em meados deste ano.

Entre tais condições citou um rigoroso controlo da política fiscal e financeira, do orçamento, da emissão de moeda e uma constante revisão das taxas de câmbio.

Os outros dois aspectos em que se baseia o plano referido pelo Secretariado-Geral são a eliminação dos elementos progressistas nos meios de comunicação privados e a agitação dentro dos sectores que se viram afectados pela deterioração da situação económica do país.

«A unidade de todas as forças progressistas da Jamaica que se oponham ao imperialismo norte-americano e aos seus aliados locais, é a única alternativa que existe para evitar que o fascismo se apodere da nossa pátria» — advertiu o Secretariado a concluir a sua denúncia.

Agressão em Espanha

. O ministro espanhol do Interior, Rodolfo Martin Villa, ordenou um exaustivo inquérito à agressão de que foi vítima no sábado o deputado socialista Jaime Blanco, de Santander, que foi espancado e insultado naquela cidade por haver intervido junto dos polícias que maltratavam um jovem.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

LEIAM COM ATENÇÃO. NEM SÓ DE CORNÉLIA VIVE A TV

. Telejornal do Porto. Notícias da *Onda*, ou das ondas que se esperavam e não vieram. Notícias da onda da Figueira, tão publicitada na Televisão e de que apenas vimos a sombra. Não admira. As ondas diminuem na maré baixa.

A certa altura anunciaram-se afirmações do dr. Mário Soares proferidas no comício do seu Partido na Figueira da Foz. Preparei-me para assistir à habitual reportagem e afinal – Deus louvado! – reportagem nona bemos.

Certamente não houve comício. Por muito ondulado que se tenha o cabelo, vem sempre ocasião em que o cabelo fica escorrido e a eloquência palratória não dá uma para a caixa.

Mas... se não houve comício, como houve afirmações proferidas no comício? Ou seja: se houve comício, por que razão a RTP não deu a reportagem?

. Como diria João de Deus: *é deveras singular...*

FILHOS E ENTEADOS

Também há compensações para tudo, nesta vida. Se falham comícios, granjeiam-se piqueniques. Para comer, e de borla, há sempre quem.

Assim, entre ventos e perfis alongados de pinheiros, a reportagem do *Telejornal* não perdeu ocasião para ouvir as opiniões de um tal sr. Steen. E eu lembro-me...

Lembro-me de que, para comícios, festas e congressos doutras forças democráticas, estiveram presentes figuras de grande prestígio na política mundial. Recordo-me, por exemplo, de um representante do Partido Comunista Americano, recordo-me de Arismendi, o grande dirigente progressista uruguaio, sei lá. Pois a Televisão fez vista grossa, não valia a pena, ficam lá longe, do outro lado do oceano, e agora vejam lá o trabalhão que não dava atravessarmos o Atlântico a nado.

Heróis do mar, sim, mas não tanto.

UM NORUEGUÊS DE OLHÃO

Mas voltemos ao senhor... ai como é que ele se chama... Esperem, é só o momento de consultar os meus apontamentos. Steen, é isso. Desculpe lá o mau jeito, mister.

Bom, mas o sr. Steen, norueguês, como já disse, mas nunca é de mais repetir, falou, falou, falou... Vocês sabem como é: os pinheiros, a companhia amável, os pastéis, o ar da serra... Falou e disse. Disse: «*O PS consolidou a sua situação...*»

. Fantástico. Eu agora nem quero discutir. Opiniões são opiniões. O dr. Mário Soares, no seu discurso face às câmaras de televisão, há dias, deu até a sugerir o contrário. Mas longe de mim contrariar o sr. Steen. Quanto mais não seja por uma questão de anfitrionice.

A mim o que me espanta, é como o sr. Steen, há poucas horas em Portugal, conseguiu perceber tudo a respeito da consolidação. Quer dizer: viu uma coisa que mais ninguém conseguiu ver.

Entendamo-nos, ó Steen: tu és da Noruega ou és de Olhão?

O CORNO E O RABO

O Telejornal também liga muito ao que se passa em África. Não há meio de largar o *corno de Africa*. Fala tanto disso que, cada emissão do *Telejornal*, mais parece uma transmissão do Campo Pequeno. O Telejornal mete o *corno* prá direita, mete o *corno* prá esquerda – e a respeito do *corno*, que tanto o preocupa, ainda ninguém conseguiu perceber nada.

Mas não só o *corno* atrai o *Telejornal*. Este, por vezes, armado em rabejador, agarra o continente africano, com sua licença, pelo rabo.

Ontem mais faladura a propósito do *rabo*, da União Sul Africana. O Telejornal cita afirmações do chefe da polícia política daquele país.

Formidável, como estas coisas se herdam! Na Televisão antiga também com frequência se liam, epicamente, notas da PIDE. Agora, à falta de PIDE portuguesa, a Televisão repete declarações da PIDE sul-africana.

Será para matar saudades ou será para se ir treinando?

QUEM FAVORECE QUEM

Que dizia o tal chefe? Que repetia tão gostosamente a televisão portuguesa?

. Que se gorara uma «invasão» do país, em ligação com a guerrilha urbana e que um dos responsáveis da «invasão» era o Partido Comunista e que as armas apreendidas eram... da União Soviética...

Percebe-se claramente a intenção manipuladora da «notícia», com a qual o Telejornal se coloca a par dos mais sujos pasquins nacionais e internacionais.

Atacando o Partido Comunista Sul-Africano, atribuindo-lhe actividades que, aliás, estão banidas da prática de *todos* os partidos comunistas, ao fazê-lo a RTP pretende tirar efeitos internos...

A reacção portuguesa agradece o jeitinho do *Telejornal*. Sim, porque ao procurar relançar reflexos irracionais anticomunistas, ninguém acredita que os responsáveis do Telejornal estão a favorecer a democracia.

Não estão. Estão a apunhalá-la pelas costas.

BERLIM SÓ

Desenrolaram-se as competições de natação entre a República Democrática Alemã e os Estados Unidos.

Inicialmente, tais competições efectuaram-se em *Berlim Oriental*, República Federal Alemã. Depois perceberam a argolada e tiraram a sigla RFA. Enfim, magnanimamente, também no Lumiar se sabem fazer concessões.

A partir daí, porém, falaram sempre em Berlim Oriental. Era Berlim Oriental para aqui, Berlim Oriental para ali. Era uma colossal paranóia de orientalismo.

A verdade é outra. As competições de natação entre os Estados Unidos e a República Democrática Alemã realizaram-se em Berlim. Pura e simplesmente em Berlim. Em Berlim, capital da RDA, um pequeno país que é, por obra e graça do socialismo, um dos *maiores* países do mundo.

Berlim. Só Berlim. Como vês, RTP, é tão fácil...

Claro. Eu sei. Correm-se certos perigos, quando se diz isto. Se eu dissesse isto na *Cornélia*, certo e sabido: o Paulo Renato pregava-me um *sete* porque estava a *empolar*...

Quando estava apenas a geografiçar.

A INTENÇÃO VALE

Foi mais uma emissão da Cornélia. Talvez a menos conseguida. Dividam-se os concorrentes e o júri para assumir as responsabilidades do facto.

No que respeita aos concorrentes, a intenção nem sempre foi acompanhada pela capacidade de realização. Sendo porém certo que procuraram fazer bem, que procuraram fazer diferente – e nisso aprenderam as melhores lições de *Cornélia*.

Concordo que uma coisa é a intenção, outra é a prática dela. Mas a intenção não pode deixar de fazer parte de um critério de avaliação. Procurar acertar vale mais do que atirar à toa. Querer, mesmo gochemente, uma qualidade, separa-se, radicalmente, da mediocridade. Miopia não é cegueira.

Certamente o teatro foi excessivamente longo – mas, pelo meio, encontraram-se pequenas maravilhas de crítica, de graça, de arte de estar no palco – essa verdade tão grata a Sttau Monteiro e a Paulo Renato. Mas as classificações

Continua na pág 14

TEATRO DA COMUNA
Pç. Espanha (Metro Palhavã)

A BARRACA

Com: Fernanda Lapa, Jorge Gonçalves, José M. Osório, Luís Lello, Manuel Marcelino, Maria Céu Guerra, Mário Viegas, Paula Guedes, Júlio Pereira, Sheila Charlesworth

(m/13 anos)

BARRACA CONTA TIRADENTES

encenador: A. Boal

3.º A SÁBADO: 21h15
(marcações pelo tele 762624)

Hoje

Dr. Elisio de Moura

I PROGRAMA

18.30 Abertura
18.32 Telejornal
18.35 Histórias do Bubu
18.55 1, 2, 3, é a tua vez
19.25 Telecinema
20.00 Telejornal
20.30 Gabriela
21.00 Boletim Meteorológico
21.10 Elísio de Moura
21.30 Mosaico
23.25 Telejornal
23.40 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.00 Abertura
21.02 Telejornal
21.35 A visita da Cornélia
23.35 Fecho.

Amanhã

I PROGRAMA

. . . **18.30**: Abertura; **18.32**: Telejornal; **18.35**: Bonecos; **18.55**: Abre-te Sésamo; **19.30**: Cientificamente; **20.00**: Telejornal; **20.35**: Gabriela; **21.10**: Boletim Meteorológico; **21.15**: A Ponte de Waterloo; **23.25**: Fecho

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Abertura; **21.02**: Telejornal; **21.35**: Gabriela; **22.20**: Histórias de Munique; **23.10**: Fecho

PARA REPARACAO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS – SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Vila do Conde: piso renovado, máximos caem

. Vila do Conde foi, pela segunda vez este ano, palco de um circuito automóvel: desta feita, os motociclos e as motos estiveram ausentes mas, em contraprtida, apareceram os «Minis», a proporcionarem de igual modo um excelente espectáculo e, «mosquitos por cordas», como soi dizer-se. Joaquim Moutinho, que partiu da 4.ª fila da «grelha», fez uma prova excepcional, impondo-se categoricamente a todos os concorrentes. Acontece, porém, que um dos fiscais de partida terá, visto Joaquim Moutinho adiantar-se antes do baixar da bandeira e, por isso, a penalização que lhe «roubou» o triunfo, que foi para Clemente Ribeiro da Silva, enquanto Moutinho prometia não voltar a correr em Vila do Conde.

Na prova mais apetecida (Grupos 2, 3, 4 e 5 acima de 1300 cc) Robert Giannone confirmou o magnífico momento que atravessa e venceu com uma volta de avanço sobre todos os concorrentes, à excepção de Clemente Ribeiro da Silva, que foi 2.º e deu alguma réplica ao vencedor. Nesta competição registou-se, também, um «caso» digno de menção. Emílio Marta não tinha motor de arranque para pôr o seu «Ford GT 40» a trabalhar, como preceitua o regulamento, e recorreu ao empurrão dos mecânicos na grelha. Daí a sua desclassificação, apenas com o insólito de não ter obedecido aos sinais de paragem que lhe foram feitos e só se ter imobilizado no final. A Comissão Desportiva Nacional apreendeu-lhe a licença desportiva e vai, por certo, aplicar-lhe sanções.

A última corrida destinava-se aos carros do Grupo 1, até 1300 cc João Nabais, que comandou até ao baixar da bandeira, teve apenas de estar atento à perseguição que lhe era movida por Edgar Fortes e Carlos Barata (que bateu o recorde da prova andando a 119,001 km/h).

Uma palavra para destacar a excelente organização do Estrela e Vigorosa Sport que para além de ter melhorado muito o piso do circuito, tornou-o ainda mais seguro e mais rápido.

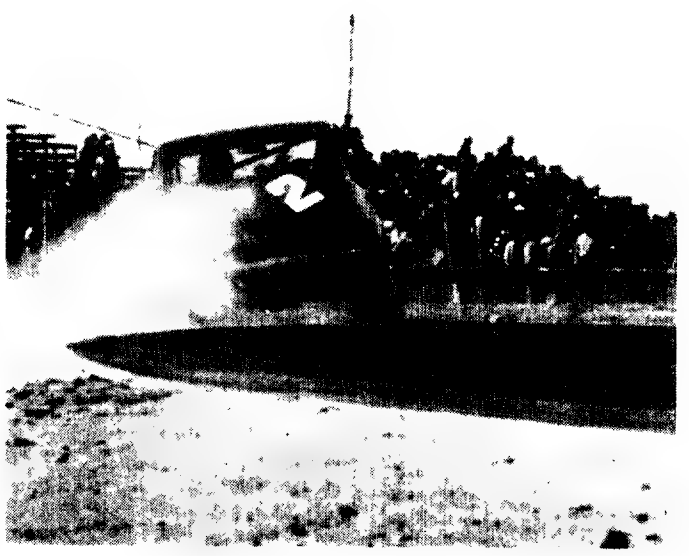
CLASSIFICAÇÕES

Iniciados (Grupos 2, 3 e 4): 1.º Carlos Lameiro (Datsun 240 Z), 15 voltas; 2.º Joaquim Macedo (BMW 1602), 15; 3.º António Matos (BMW 2002), 15; Iniciados (Grupo 1 — até 1000 e acima de 1300 cc): 1.º Sérgio Paiva (Opel Kadett GTE), 15 voltas; 2.º João Simões (Ford Capri 3000), 15; 3.º Alberto Figueiredo (Opel 1900 SR), 15; Iniciados (Grupo 1 — de 1000 a 1300 cc): 1.º Artur Ribeiro (Datsun 1200), 15 voltas; 2.º Luís Andersen (Simca Rallye 2), 15; 3.º Isidro Lopes (Simca Rallye 2), 15; Grupo 1 (acima de 1300 cc): 1.º Joaquim Moutinho (Opel Commodore GSE), 15 voltas; 2.º Daniel Vidal (Triumph Dolomite Sprint), 15; 3.º Santos Pereira (Opel Commodore GSE), 15; (Grupos 2, 3, 4 e 5 — até 1300 cc): 1.º Bacelar Moura (Alfa Romeo GTA), 20 voltas; 2.º António Ruão (Austin Cooper S), 20; 3.º Oliveira Simões (Datsun 1200 Y), 20; Taça BLP (Mini 1000): 1.º Clemente Ribeiro da Silva, 15 voltas; 2.º José Carlos Fernandes, 15; 3.º Mário Maia, 15; Grupos 2, 3, 4 e 5 (acima de 1300 cc): 1.º Robert Giannone (Porsche 911 RSR), 20 voltas; 2.º Clemente Ribeiro da Silva (Porsche Aurora RSR), 20; 3.º Serafim Martins (Ford Capri), 19; Grupo 1 (até 1300 cc): 1.º João Nabais (Simca Rallye 2), 15 voltas; 2.º Edgar Fortes (Simca Rallye 2), 15; 3.º Carlos Barata (Simca Rallye 2), 15.

MANUEL NETO

Joaquim Moutinho

Grupos 2 a 5, no Campeonato Nacional de Velocidade



António Monteiro

COMO VÃO AS COISAS

MILITARES AO GATILHO

A selecção nacional de tiro, presente ao XV Campeonato europeu da modalidade, que a partir de hoje e até ao dia 5 de Setembro se realiza em Bucareste, é totalmente constituída por militares: o 1.º tenente F. Neto e 1.º sargento Madail (ambos da Armada), pelo subchefe Antunes (da Polícia de Segurança Pública) e pelo major Rosa Costa (da Força Aérea). Portugal participará nas provas de pistola de guerra e livre.

XADREZ VIAJANTE

O jovem xadrezista João Sequeira parte na próxima 6.ª-feira para Innsbruck (na Áustria) onde vai participar nos campeonatos mundiais da modalidade, na categoria de juniores. Apenas com 16 anos, João Sequeira ainda não tem assegurada a assistência do seu «segundo», o jogador Vítor Silva, cuja deslocação à Áustria está dependente da Direcção-Geral dos Desportos, à semelhança do que aconteceu no ano passado.

Entretanto, o irmão de João Sequeira (Fernando) parte na próxima semana para Nice, onde vai por seu turno participar no Campeonato Mundial de Xadrez na categoria de cadetes.

RIO DE JANEIRO

No Lisboa Clube Rio de Janeiro, aqui perto do «DL» (na Rua da Atalaia), encontram-se abertas as inscrições para todos os atletas que pretendam representar a agremiação (ou turma) na categoria de amadores-seniores.

Lauda troca de marca

. O «volante» austríaco Nikki Lauda abandona a «Ferrari», no termo da presente estação automobilística (em Outubro) anunciou a equipa italiana de corredores, em Maranello.

O breve comunicado da «Ferrari» indica apenas que o contrato de 4 anos de Nikki Lauda expira em 30 de Outubro próximo, com a conclusão da última prova do campeonato mundial, que Lauda comanda actualmente.

O piloto venceu no domingo o «Grande Prémio da Holanda» em fórmula um, e é aguardado hoje em Monza, a fim de iniciar os treinos para o «Grande Prémio de Itália», a realizar em 11 de Setembro.

Academia Almadense
Telefone 2752127

Dora Leal e José Viana
em «Casal do Coco»
na divertida mini-Revista de
JOSÉ VIANA
Atira o Barrete ao Ar!
com
VIANA — DULCE — DORA
e pela 1.ª vez neste género
ROGÉRIO PAULO
Sensacional ÊXITO da Cooperativa Teatro Popular de ALMADA
Às 21.30 Aos domingos também às 16 horas
BILHETES NA ABEP

FILMES OCIDENTE
CINEMA CASTIL
em versão integral
AMANHÃ
GINA LOLLOBRIGIDA
NUM REGRESSO EXPLOSIVO!
A MAIS BELA DO MUNDO

com
VITTORIO GASSMAN
PARA TODOS

LOTAÇÕES ESGOTADAS
teatro quarteto
9.ª SEMANA
INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS
AO VIVO
ANA ZANATTI ZITA DUARTE

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE JACK O ESTRIPADOR
de ISABELLE HUPPERT com MIGUEL LIMA
música FERNANDO GUERRA
encenação CARLOS AVILEZ
SUBSIDIADO PELA S.E.C.

ADÓQUE grupo de teatro
APRESENTA
HOJE
As 20.30 e 22.45
AS PIADAS MAIS FRESCAS
DESTE VERÃO MUITO MORNO
Ó CALINAS CALA A BOCA!

UMA REVISTA DE RISO ABERTO
MAIS UM ÊXITO ESPECTACULAR DO GRUPO ÁDOQUE
MATINÉE no DOMINGO (16 horas). Não ac m 18 anos
SEGUNDA-FEIRA - FOLGA

ÀS 21, EM ALVALADE

Sporting-Vasco da Gama: teste para Paulo Emílio

Esta noite (21 horas) festa bonita no Estádio de Alvalade: jogo entre o Sporting e os brasileiros do Vasco da Gama, abraço entre dois tipos de futebol que falam língua comum.

De um lado, os «leões» a apresentarem-se perante o público afecto, sob o comando de Paulo Emílio e já com os novos reforços à disposição do técnico brasileiro: o ex-benfiquista Artur, o recém-portista Ailton, o defesa Murça (transferido do Barreirense), o carioca Meneses e dois homens que já tinham estado ao serviço dos «verde-brancos» e, anos depois, tornam a Alvalade (o boavisteiro Botelho e o bracarense Manaca). Isto, evidentemente, para além de uma eventual presença de Jordão, o dianteiro que vem hoje de Saragoça em sensacional retorno ao futebol português.

Assim, talvez Paulo Emílio faça alinhar os seguintes jogadores: Valter (Botelho); Artur (Murça), Laranjeira, Manaca (Meneses) e Da Costa (Inácio); Vítor Gomes, Fraguito e Baltasar (Barão); Manuel Fernandes, Jordão e Keita.

Por seu turno, o treinador vascaíno Orlando Fantoni pensa que o seu «team» integrará Mazareti; Orlando, Abel, Geraldo e Marco Antônio; Dirceu, Zé Mário e Nelinho; Wilsinho; Roberto Dinamite e Ramon.

Antes do primeiro teste perante os juízes de Alvalade. O treinador Paulo Emílio é escutado por alguns dos seus novos alunos (Artur, Laranjeira, Vítor Gomes, Manaca, Baltasar, Valter e Keita)

ALHINHO

O ex-portista, benfiquista e Académico Alhinho, presentemente no RWDM (Racing White-Daring de Molenbeek), de Bruxelas, treina agora cinco horas diárias, de acordo com as normas do seu actual clube, um dos melhores da Bélgica e candidato, com o Anderlecht, o Lokerem, o Bruges, o Antuérpia e o Standard ao primeiro lugar do campeonato daquele país.

ALMEIRIM

O União de Almeirim, este ano reforçado com Jardim, Capêto e Alho, e contando com a promoção dos juniores António Manuel e João Luís, bem como os retornos de António Luís e Nabais, iniciou já a sua preparação. Jaime Mendonça, que pertenceu a «Os Leões» de Santarém é o técnico.

ATLÉTICO

Encontram-se abertas na secretaria do Atlético Clube de Portugal as inscrições no Grande Torneio de Outuono de Futebol de Salão que aquela colectividade organiza.

«AZUIS» PREPARAM-SE

Dentro da campanha idealizada por António Medeiros para rodar o «onze» do Belenenses, antes do grande torneio, os «azuis» efectuam, amanhã, pelas 21 e 45, um embate particular com o Sporting de Espinho, no Estádio do Restelo. Entretanto, mais um reforço para o bloco belenense: Guilherme (ex-Leixões) é um defesa central que vai competir com Luís Horta e Alhinho, por uma posição no grupo capitaneado por Artur Jorge.

BENFICA NA FESTA

Uma equipa do Benfica estará presente, dia 1 de Setembro, no campo da Medideira (Amora) na festa da apresentação da turma que, esta temporada, vai defender as cores do Amora.

BEJA

Luís do Rosário e Leopoldo Barros chefiam a nova direcção do Desportivo de Beja, que entretanto contratou os serviços do jovem técnico Quim Teixeira. Entre os reforços dos pacenses contam-se Narciso, Faria, Cravo e dois elementos das antigas colónias, bem como Raul, que foi do Despertar. Viegas e Maruço regressam ao clube. Corujo, Cano Brito e Madeira abandonaram a equipa

DISTINÇÃO NOS EUA

Um jogador de futebol de nacionalidade portuguesa acaba de ser convocado para a selecção norte-americana que vai actuar num torneio internacional, a disputar no próximo mês de Setembro, nos Estados Unidos. Trata-se de Fernando Pereira que, actualmente, joga no «Connecticut Bicentennials».

O torneio disputa-se nos dias 4, 9 e 11 de Setembro, em Nova Iorque e Nova Jersey, com as equipas do Universitária do Equador, Alianza do Peru e Milionários da Colômbia.

DOUTOR EM LEIRIA

O dr. Manuel António, que tinha anunciado a retirada do futebol activo, com um adeus ao Académico de Coimbra, continua (afinal) a jogar futebol: durante um ano, acumulando o lugar de médico do clube com o de «ponta de lança», estará no União de Leiria.

ESPIÃO NO FRIO

Rui Silva, adjunto de Mortimore, vai ver em acção o Torpedo, de Moscovo (campeão da URSS), incumbido de filmar o jogo que a turma da capital soviética efectua no próximo sábado para o respectivo campeonato nacional.

EX-COLÓNIAS EM ACÇÃO

A Federação de futebol informa:

. «Considerando que os jogadores, por motivo de ordem burocrática, têm tido dificuldades na obtenção do certificado de nacionalidade portuguesa a que se refere o C.O. 188 (de 13 de Julho) leva-se ao conhecimento dos interessados o seguinte:

. «Os jogadores oriundos das ex-colónias, que apresentem perante a F.P.F. declarações passadas pelo M.A.I., comprovativas de que têm em curso um processo para obtenção de nacionalidade portuguesa, durante o período de validade constante dessa mesma declaração, findo o qual o jogador deverá apresentar nova declaração (com novo período de validade) ou respectivo certificado, a que se refere o C.O. 188.

«A não apresentação de nova declaração ou certificado de nacionalidade motiva o impedimento do jogador da participação em jogos oficiais como nacional, sem que em caso algum possam resultar quaisquer consequências relativamente aos jogos em que participou até esse momento.»

IMPÉRIO

No Império Clube de Portugal, para jovens dos 15 aos 17 anos que queiram representar a colectividade nas categorias de juvenis e de juniores, encontram-se abertas as inscrições.

JOGAR EM SALÃO

Vai continuando a desbobinar-se o torneio de futebol em salão promovido pelo Futebol Benfica. Resultados mais recentes: Paposecos, 3-Kings, 1; Juventude, 1-Falcões do Chile, 6; Meninos de Leite, 10-Ovnis, 3; Marretas, 0-Solido-, 8; Jardim Falcão, 1-Iluminante, 0; Os Kapas, 2-Os Amigos, 5; Ginásio Clube da Damaia, 4-A Dama, 0; Pink Floyd, 1-Jornal Novo, 3; Flor de Benfica, 5-Vidalivro, 0; Guida, 0-Monte Pedral, 5; Escoto, 4-Rossia, 1 e Águias de Portugal, 3-Marretas-77, 2.

LEIRIA

Pela Associação de Futebol de Leiria, os sorteios relativos às diversas Taças (Guia-Oeste e Distrito de Leiria) e Campeonatos (Distrital da I Divisão, de juvenis, iniciados e Distrital de juniores) foram marcados para 6 de Setembro (uma terça-feira), a partir das 21.30 horas.

OLIVEIRA EM HISTÓRIA

A carreira do portista Oliveira é tema para mais uma edição da colecção «Ídolos» (dirigida por Henrique Parreirão). Luís César é o autor da apresentação do «capitão» dos azuis-brancos.

Nora Araújo: confirmação

Enquanto que, por desistência do recordista José Carvalho (lesionado na fase de aquecimento para o salto em altura que seria a sua 3.ª prova) o funchalense José Sol (Marítimo) conquistava um inesperado título nacional no decatlo, à frente dos benfiquistas Joaquim Melo e Vítor Fernandes, mais do portista João Campos, de Armando Oliveira (CDUP), de Jorge Lopes (Pupilos do Exército) e António Gomes (Viseu e Benfica), com uma boa marca (6014) pontos, oitava pontuação de sempre) a benfiquista Nora Araújo confirmando o antecipado favoritismo, vencia como lhe apeteceu o pentatlo: 3876 pontos, contra Ana Paula Mota, da Foz (3179), Ana Cardoso, do CAP (3095) e Helena Pires, da AAC (2831).

Damas irritou Santander

Pelos vistos, é intranquilo o estado psíquico do «internacional» Damas, cuja carreira ao serviço do Santander não tem sido nada famosa.

Mais um incidente fica a marcar o antigo sportinguista: aconteceu no decorrer do jogo particular entre o seu patrão espanhol e a turma húngara do Ujpest Dosza, a contar para o «Torneio Cidade de Cid». O jogo terminou empatado e, para atribuição do troféu, foi necessário recorrer ao sistema de marcação de grandes penalidades. Foi o momento escolhido para Damas indispor o público, através de uma série de gestos que nada o dignificaram. Logo nasceu tremendo «sururu», com o lançamento de vários objectos na direcção do guarda-redes português e, por último, com a tentativa de agressão ao «portero» do Santander por um espectador mais exaltado

Só ao fim de muito tempo a calma voltou. E, para isso, foi necessário que Damas tomasse o rumo das cabinas, impedido pelo técnico Yosu de defender as redes as redes do toque de bola nas grandes penalidades.

A direcção do Santander reúne esta noite para analisar as atitudes de Damas, sendo provável que a sua posição no «team» espanhol seja colocada em equação. Não haverá por aí um clube português que queira resgatar o abalado prestigio de Damas?

América do Sul vai ver hóquei "verde"

. O hóquei patinado sportinguista vai hoje de abalada, até à Argentina e Brasil. A turma de Torcato Ferreira, já sem Ramalhete (que regressou ao Benfica) integra Basílio (ex-«encarnado»), Carmelino, Júlio Rendeiro, Livramento, Chana, Sobrinho, Jorge, Garrido e Carlos Alberto, para além de dois dirigentes (António de Oliveira e Gonzaga da Silva).

Os titulares europeus propõem-se actuar perante a selecção nacional argentina, num torneio internacional a realizar em S. Juan e, mais tarde, no Rio de Janeiro. Tempo total da deslocação: 20 dias.

Entretanto, por cá, agita-se o mercado das transferências, prosseguindo o interesse dos «leões» pelo recrutamento dos salesianos Picas e Fernando Pereira.

Aprender a dirigir

. Inicia-se na próxima 5.ª-feira, prolongando-se por três dias, o primeiro «Seminário de Informação para Dirigentes Desportivos», numa organização da Associação de Futebol de Setúbal. O Seminário, que se realiza no complexo turístico da Torralta, terá a participação de 64 inscritos, tendo a organização, rejeitado por falta de instalações, mais 30 pedidos.

São os seguintes temas a abordar durante o encontro: introdução ao desporto _ Manuel Sérgio; função social do clube desportivo _ Noronha Feio; Novas técnicas desportivas _ Fernando Vaz; a medicina desportiva e os clubes _ Aníbal Costa e Pardete Ferreira; a informação desportiva _ Vítor Santos; organização das actividades desportivas _ César Grácio; olimpismo, amadorismo e profissionalismo _ Garcia Alvarez; legislação e doutrina _ Lacerda e Melo e Barata Queiroz; objectivo e funções das instalações desportivas _ Pedro de Almeida.

O curso destina-se a fornecer dados a dirigentes desportivos para que tenham uma visão mais correcta sobre os objectivos principais do desporto.

Canal da Crítica

Continuação da pág 11

reflectem o que mais houve de negativo...

Poderíamos falar do tema e da quadra, nos mesmos termos.

A QUADRA EM QUESTÃO

A verdade é que o grande vencido deste emissão foi o júri. Ninguém se salvou, embora com um aceno de simpatia para a Maria João. Mesmo Maria Leonor (cuja visão da quadra popular está absolutamente correcta) falhou onde menos se esperava: na avaliação das quadras populares...

Fátima apresentara a sua:

Quando dizes, meu amor,
«no estrangeiro há coisas boas...»
esqueces com certeza a dor
que reina em muitas pessoas

Tecnocraticamente, podemos marcar com *x* o terceiro verso. Mas na quadra popular não raras vezes o povo se está marimbando para a tecnocracia da métrica e da rima.

A quadra é simples. Não apresenta nenhuma confusão. Denuncia as lágrimas, o sofrimento, a desumanização que existem lá onde a propaganda falaciosa só apresenta as coisas boas.

A explicação de Fátima era desnecessária. A situação que apontou no Chile, na África do Sul, em países do Teceirc Mundo, não convenceu o júri. Ninguém teve a coragem de modificar a sua classificação. Foi p a. Perdeu-se uma boa altur para fazer, imitando Brecht, televisão didáctica.

O júri não se prestigiou. Primeiro, porque não entendeu a quadra, segundo porque não deu a mão à palmatória.

Claro que a quadra formalmente não é famosa. Se fosse o Aleixo a fazê-lo, ou o Augusto Gil, ou o Fernando Pessoa (que também andou por aí, também!) não merecia nem um, ou dois. Mas não era. Era de uma pessoa simples que, à sua maneira, queria lutar, queria intervir. Agravá-la com os 7 e os 8 e os 9 foi dureza excessiva. Foi uma violência.

A MANEIRA DE DIZER

Duas palavras só para o Paulo Renato. Que ontem teve intervenções verdadeiramente... infelizes.

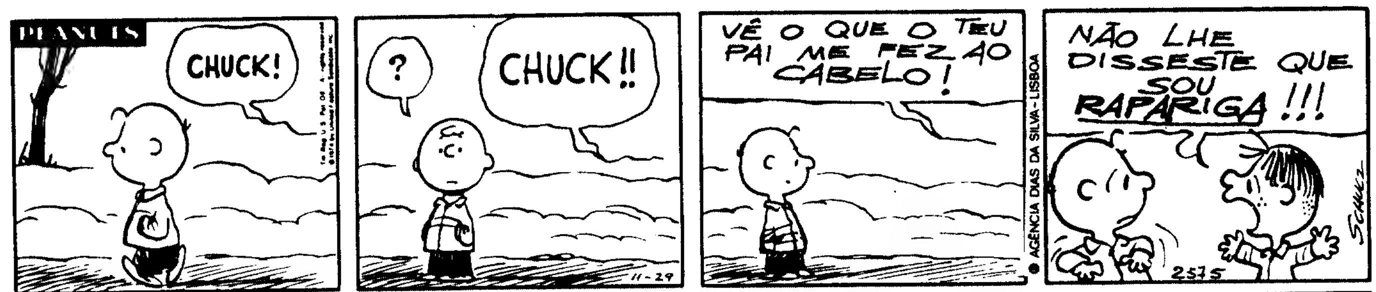
Na sua opinião, o cravo espetado numa espingarda de Abril é «empolamento». E a explicação relativa ao Chile, declarou, se algum poder tivesse sobre ele, ao contrário da Maria João, seria o de baixar a classificação e não aumentá-la.

Nem a um actor experimentado se pode exigir que diga sempre bem aquilo que quer dizer. Das afirmações de Paulo Renato creio não dever inferir-se que ele é contra o 25 de Abril ou a favor dos torcionários do Chile. Suponho que ele pretende «castigar» ou corrigir quem deseje, à custa dos bons sentimentos, levar o júri à certa.

Nesse aspecto, há que dar-lhe razão Há qualquer coisa de repugnante na exploração «comercial» dos bons sentimentos, das grandes palavras. Mas isso terá de ser explicado com mais simplicidade e com mais clareza. Certas palavras, certas expressões, apresentam-se carregadas de uma força emocional que é perigoso afrontar sem as devidas cautelas. A maneira como Renato pôs o problema não beneficiou a sua imagem, nem ajudou, didacticamente, os milhões de telespectadores apartados de certas maneiras de dizer, com a tendência para tomarem tudo à letra.

Algumas palmas com que da plateia receberam as palavras, de Paulo Renato devem levá-lo a reflectir. Até porque já não é a primeira vez que isto sucede. Trinta segundos para explicar é pouco? Pois é. O que exige maior cuidado. Menos cedência ao brilharete. As cadelas apressadas têm os cachorrinhos tortos.

Disse.



Mais uma vítima das passagens de nível

PORTO, 30 — Faleceu no Hospital de Santo António, D. Camélia Amorim de 51 anos, solteira, doméstica do Lugar do Souto, Fiães, Vila da Feira, uma das ocupantes do veículo que na passada quinta-feira foi colhido por um comboio, na linha do Norte, numa passagem de nível, sem guarda, entre Espinho e Esmoriz.

O cadáver foi removido para o Instituto de Medidina Legal.

Soldado detido por furto

PORTO, 30 — Por uma brigada móvel da PSP trajando civilmente, foram detidos na Rua da Piedade, o soldado Francisco José de Carvalho Soares, de 22 anos, do Batalhão de Infantaria de Aveiro, e João Fernando do Espírito Santo, de 27 anos, solteiro, sem profissão, aos quais foram apreendidas peças de vestuário roubadas.

Interrogados, declararam que pernoitavam num automóvel velho, abandonado na Rua do Vilar, e que o furto havia sido praticado, por meio de chave falsa, num automóvel estacionado na Rua do Campo Alegre.

Seguro de créditos

A Companhia de Seguros de Créditos foi autorizada a garantir a cobertura de riscos extraordinários até ao limite de 12 000 contos por operação, com a garantia antecipada e automática do resseguro total pelo Estado.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava limpo o vento era fraco e havia neblina ou bruma em algumas regiões.

TEMPERATURAS EXTREMAS

BEJA
Máxima............29°
BRAGANÇA
Mínima.............6

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado; vento fraco. Condições favoráveis á ocorrência de nevoeiro ou neblina e especial no litoral Oeste a Norte do Tejo. Aumento de nebulosidade a partir da noite nas regiões do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

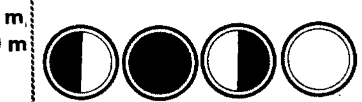
FARO	24°
PONTA DELGADA	20°
FUNCHAL	20°
ÉVORA	21°
SINES	16°
PORTO	18°
P. DOURADAS	15°
COIMBRA	18°
PORTALEGRE	23°
LISBOA	21°
SAGRES	21°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.51	**4,1 m**	9.22	**0,8 m**
16.08	**4,3 m**	21.45	**0,8 m**
DIA 31			
4,29	**4,1 m**	9,58	**0,9 m**
16.46	**4,2 m**	22.20	**0,9 m**
DIA 1			
5.06	**4,0 m**	10.34	**1,0 m**
17.23	**4,0 m**	22.54	**1,1 m**

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.04
OCASO ÁS 20.10



DIA 5 DIA 13 DIA 20 DIA 27

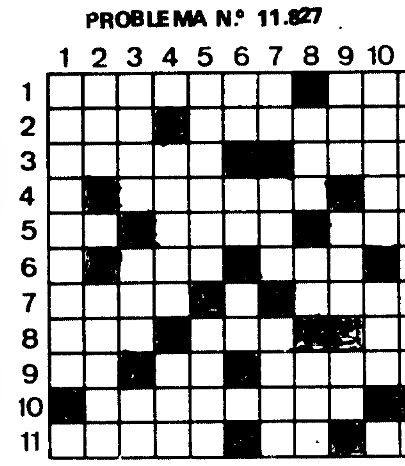
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11.827

HORIZONTAIS:

1 Recindario dos Salinos de Cures. Descarnado
2 Zombara. Peça de vestuário de tecido de malha que cobre o pe e parte da perna.
3 Sufixo que designa estado Cidade da Argélia. Prefixo de privação.
4 O mesmo que tabua. Catedral.
5 Devorador Ilha do estado da Baia.
6 Fedor. Risco.
7 Limpo.
8 Abreviatura que se usa em música Enfeite
9 Sistema de vida. Radio (s.q.) Artigo definido.
10 Versejes. Transpirara
11 Erbio (s.q.) Nome de astr... Lavras.



VERTICAIS:

1 Chouto do cavalo e de certos quadrúpedes, entre o passo e o galope. Galece.
2 Desvairada. Desgastar por fricção.
3 Crómio (s. q.). Carne de gado vacum. Milímetro.
4 Seguia. Momentos.
5 Olá. Solitário.
6 Época. Maquinismo para tecer.
7 Encolerizadas.
8 Tornado morno. O mesmo que uma (ant. e pop.).
9 Germânio (s.q.). Serra de Portugal. Brisa.
10 Esteiros. Cidade do Japão.
11 Nome do deus-peixe a quem os Caldeus atribuíam o mérito de ter civilizado o seu país. Nome de flores.

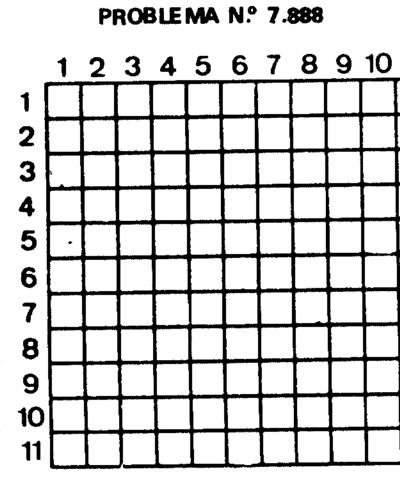
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7.888

HORIZONTAIS:

1 Antiga medida de quatro palmos. Matemática.
2 Espaço de doze meses. Pesar.
3 Fragor. Palmeira da Amazónia.
4 Dera ouro a. Prefixo que designa afastamento.
5 Preposição. Cura. Corda de reboque.
6 Agência hoje chamada ANOP: Vai para fora.
7 Prolongamento do pecíolo e da parte parenquimatosa do coqueiro. Cidade de Inglaterra.
8 Curso de água natural e abandante. Nome de mulher. Flauta chinesa de três buracos.
9 Grande ribeira da Ásia Russa. Brisa. Parte das meias que cobrem a perna.
10 Conta grande de rosário (pl.).
11 Leitos. Ósmio (s.q.). «Post-scriptum».



VERTICAIS:

1 Paragem.
2 365 dias. Batel chato, sem leme nem vela e com duas proas levantadas.
3 Inércia. Para barvalento. Artigo indefinido.
4 Constelação boreal. Nome de letra.
5 Dividi em toros. Épocas.
6 Preposição. Brisa. Mil e cinco em romano.
7 Prefixo de privação. Chefe etíope. Averiguo.
8 Irmã da mãe. Bário (s.q.) (inv.). Preposição e artigo definido.
9 Mediana. Irmã do pai. Nosso Senhor.
10 Primeiro sumo sacerdote dos Hebreus. Irmão do pai.
11 Serviços.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 828

HORIZONTAIS:

1 Trapo. Ambas.
2 Operárias.
3 Ará.
4 Om. Dr. SS. Mr.
5 Momo. O. Amam
6 Ecoar. Alaga.
7 Mar. Uro.
8 Repises.
9 Mafeias.
10 Aa. Pauxi. Ti.
11 Osgas. Assas.

VERTICAIS:

1 HOMEM. NAO.
2 Ro. Moçar. AS
3 Apa. Morem.
4 PERDOA. Papa.
5 Orar. Reinas.
6 A. SEU.
7 Anas. Ameixa.
8 Mi. Sal. Sais.
9 Bar. Mau.
10 As. Magro. Ta.
11 IRMÃO. Ais.

PROVÉRBIO: O homem não perdoa a seu irmão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7.887

HORIZONTAIS:

1 B.F. MCCVI. Rã.
2 Airão. Ímpio.
3 Únicas. Gaios.
4 Asas. Anas.
5 Co. Ad.
6 Amo. Aam. Ame.
7 Ll. Impam. Al.
8 Orate. Sarre.
9 Mato. Bar.
10 Aia. Sem. Mâs.
11 Ossos. Aroma.

VERTICAIS:

1 Baú. Salomão.
2 Fina. Mirais.
3 Risco. Atas.
4 Mação. Ito.
5 Coas. Ame. SS.
6 Gap. Be.
7 Viga. Mas. Ma.
8 Imana. Mab.
9 Plada. Ramo.
10 Rios. Marram.
11 Aos. Sele. Sã.

Armada da Colômbia colocou flores no monumento de Belém

O navio-escola «Glória», da Armada da Colômbia que se encontra atracado na Doca da Marinha, pode ser, hoje e amanhã, entre as 14 e as 19 horas, visitado pelo público. O «Glória» larga do Tejo na próxima quinta-feira em direcção a Argel

O comandante do navio-escola «Glória» da Armada da Colômbia, capitão-de-mar-e-guerra Luís Carlos Jaramilla Peña, depôs esta manhã uma coroa de flores na base do monumento Padrão dos Descobrimentos, em Belém, prestando assim homenagem aos navegadores portugueses e à Escola de Sagres, fundada pelo infante D. Henrique, que há cinco séculos se lançaram ao mar e à conquista de novas terras.

O almirante Souto Cruz, chefe do Estado-Maior da Armada, presidiu à cerimónia acompanhado pelos comandantes da Escola Naval e do Comando Naval do Continente, respectivamente almirantes Carmo Fernandes e Melo Cristina, e pelo embaixador da Colômbia em Portugal, general Hernando Cubides, com os cadetes da Armada da Colômbia que viajam no «Glória» e um pelotão de fuzileiros da Armada portuguesa perfilados em sentido, enquanto a Banda da Armada tocava os hinos dos dois países.

Entretanto o navio-escola «Glória», que o público pode visitar hoje e amanhã entre as 14 e as 19 horas, encontra-se na doca da Marinha, no Terreiro do Paço, devendo rumar depois de amanhã para Argel e para Alexandria, Atenas e Telavive em viagem de instrução para os novos cadetes.

Farmácias de serviço

LISBOA

Até às 22 horas

ASCENSO — P. Norte, 11-A (B.º Encarnação) Tel. 311216-310172.
BAIRRÃO — Rua Prior do Crato, 25. Tel. 661321
BENFILUZ — Estrada Benfica 444-A Tel. 782606
CARDEIRA — Av. Duque de Ávila, 22-C Tel. 43495.
CARRONDO — Rua Padre Sena de Freitas, 10-A Tel. 842518
C. CONCEIÇÃO — C.ª D. Gastão 30-32 Tel 381279
DOURO — Alm. Linhas de Torres, 93-A-B Tel. 791131
ESTEFÂNIA — R Pascoal de Melo, 90 Tel. 44438
GALÉNICA — Rua das Prestas 12-14 Tel. 322588
GOMES SUCR. — Rua Junqueira, 326 Tel 638193
LUSA — Av Almirante Reis, 199-A Tel. 41269
MARCOS DO NASCIMENTO — C Marquês de Abrantes 36-A, Tel 664236
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C Tel 720703-728395
NOVA — R. de Campolide 297-C Tel. 687475
OLIVAIS — Rua Alves Gouveia, 19 Tel 311237
PINHARANDA — Rua da Rosa, 4-96, Tel. 321534.
PINHEIRO — Rua Campo de Ourique, 131-133 Tel. 686640
RIO DE JANEIRO — Av. Rio de Janeiro 4-C Tel. 721409
SÁ DA BANDEIRA — Rua M. Sá da Bandeira, 36-42 Tel. 54672
SANTO ANTÓNIO — Rua leite Vasconcelos 72-C Tel. 862333
SANTA MARIA — Av 5 de Outubro, 283-A Tel 763016
SILVA CARVALHO — Rua do Fanqueiros 126 Tel. 873875
S. BARTOLOMEU — V.ª Paulo Jorge 1 Tel. 790969
SOARES — Av. Álvares Cabral 1 Tel. 684282
UNIÃO — Rua Saraiva de Carvalho 145-F Tel 663643
VERA CRU — P.ª Afr. Peixoto 2-B Tele. 724941
ZIL — Av. da Igreja 9-D Tel. 891780

PERMANENTE

ASCENSO — Praça Norte 11-A (B.º da Encarnação) Tel. 311216-310172
BAIRRÃO — Rua Prior do Crato, 25 Tel. 661321
CARRONDO — R. Padre Sena de Freitas 10-A Tel. 842518
ESTEFÂNIA — R. Pascoal de Melo 90 Tel. 44438
PINHARANDA — Rua da Rosa 94-96 Tel 321534
PINHEIRO — Rua Campo de Ourique 131-133 Tel. 686640
RIO DE JANEIRO — Av. Rio de Janeiro 4-C Tel. 721409
SANTO ANTÓNIO — Rua Leite Vasconcelos 72-C Tel. 862333
SILVA CARVALHO — Rua dos Fanqueiros 126 Tel. 873875
SÁ DA BANDEIRA — R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 Tel. 54672

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 2113161)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia 29-B (Tel. 260085)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147)
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 261186)
AMOREIRA
Amoreira, (Tels. 262313 - 267314)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento, 19 n.º 41 (Tel. 280141); Cascais, R. Conde de Monte Real (B.º Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149); Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120 (Reboleira (Tel. 938424)
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231)
QUELUZ
Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173 -B (Tel. 2914103)
RIO DE MOURO
Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (Tel. 930058)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250),
Gameiro, António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)
ALMADA
Central, R. de Olivença, 11 B (Tel. 2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Estrada Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2073207)
COVA DA PIEDADE
Garcia Reis, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16. (Tel. 239029)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028)
SETÚBAL
Cunha Pinheiro, B.º da Camarinna; Lisboa, R. dr. Paulo Borba, 70 (Tel. 22248)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)
COSTA DA CAPARICA
Carlos, Av. do Mar, 34-A Quint.ª St.º António.

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

MARTINHO SUCR. Praça Marquês de Pombal 122; Tel. 480747; **POMBEIRO** — Campo dos Mártires da Pátria, 152 Tel. 311295; **PRELADA** — Rua Central de Francos 316 Tel 64312; **S. ROQUE DA LAMEIRA** — Rua de S. Roque de Lameira, 1111 Tel. 51739; **SÁ DA BANDEIRA** — Rua Sá da Bandeira, 236 Tel 22164; **FERREIRA DA SILVA** — Rua dos Mártires da Liberdade, 150 T 24023; **S. Lázaro** — Avenida Rodrigues de Freitas, 297 Tel. 27043; **MELO TAVEIRA** — Rua Alcaide Faria 77.

(Das 9 às 9 do dia seguinte)

AMEAL — Rua do Ameal 1227, Tel. 483550; **CAMPO ALEGRE** — Rua do Campo Alegre, 723, Tel. 62245; **PENINSULAR** — Rua Chã 100 Tel 20707.

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

SILVA SOARES — Rua M. de Albuquerque 26-28 Tel 71454

Teatros

LISBOA/Teatros

QUARTETO
23.45 (18 anos)
«A Verdadeira História de Jack o Estripador»
TEATRO A COMUNA
21.15 (13 anos)
«Barraca conta Tiradentes»
ADÓQUE
20.30 (18 anos)
«Ó Calinas Cala a Boca»
LAURA ALVES
21.30 (13 anos)
«Calcinhas Amarelas»
TEATRO B.º ALTO
21.30 (13 anos)
«Casimiro e Carolina»
VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Desculpa o Caetano»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«...Aqui Quem Manda Sou Eu»
TEATRO DA GRAÇA
21.30 (18 anos)
«A Estalajadeira»

LISBOA/Cinemas

LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Técnicas do Amor»
OLÍMPIA
(18 anos)
«Fogo no Rabo»
MONUMENTAL
21.30 (14 anos)
«Amor sem Barreiras»
CINEARTE
21.30 (18 anos)
«Extase Sexual da Macumba»
RESTELO
21.15 (13 anos)
«Barry Lyndon»
PARIS
21.30 (13 anos)
«O Raid Relâmpago dos Comandos»
CALEIDOSCOPIO
21.30 (6 anos)
«Uma Noite em Casablanca»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Exibição»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«O Homem Orquestra»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«Grizzly — O Monstro da Floresta»
CAPITÓLIO
21.00, 23.00 (18 anos)
«China Girl»
VOX
21.15 (18 anos)
«O Mecânico»
QUARTETO
Sala-1 21.15 (18 anos)
«O Caso Matei»
Sala-2
21.30 (14 anos)
«A Grande Ilusão»
Sala-3
21 e 23 (18 anos)
«A Máscara»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«Minha Mãe, Minha Amante»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«A Cama é o Meu Castelo»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (13 anos)
«Zammeer, a Voz da Consciência»
ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (18 anos)
«Emanuelle e Françoise»
CASCAIS
S. José
21.15 (13 anos)
«3 Horas Decisivas»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.30 (18 anos)
«Carrie»
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«História de um Crime»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (13 anos)
«Assalto das Dobermans»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Os Dias Impuros de um Marinheiro»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (6 anos)
«Os Barbeiros da Sicília»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível Almadense
21.15 (18 anos)
«Por um Punhado de Diamantes»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«O Murro Assassino»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (6 anos)
«A Grande Paródia»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (6 anos)
«Sete Noivas para Sete Irmãos»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Cabaret»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Golpe Baixo»
SALA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Liza a Submissa»
JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«O Corsário Negro»
ESTÚDIO 400
21.30 (13 anos)
«A História de uma Freira»
TRINDADE
21.30 (10 anos)
«O Ouro de MacKenna»
CHARLOT
21.30 (13 anos)
«O Feroz»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«O Esquadrão do Dragão»
S. JOÃO
21.30 (4 anos)
«No Fantástico Reino da Fantasia»
VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«Por um Punhado de Dólares»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Na Ponta do Sexo»
CHAPLIN
21.30 (18 anos)
«Pronto a Disparar»
AGUIA DE OURO
21.30 (4 anos)
«Zorro e os 3 Mosqueteiros»
ESTUDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«A semente do Diabo»
SA DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Mais Ouente Espectáculo do Mundo»
CARLOS ALBERTO
21.30 (13 anos)
«2 Diabos à Solta»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Borsalino e C.ª»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A Jovem Nora»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Herdeira na Cama»

cinemas

ab CINE

14,00, 16.30, 19.00, 21.30, 24 h.

SALA A
não acons. m/18 anos
PRESIDIÁRIO

SALA B
5.ª Semana
12.30 14.30, 16.30 18.30 21.30, 23.30
CARRIE
Int. a m. 18 anos

ALVALADE

T. 897480 15.30, 18.30, 21.30

Milos Kopecky/Stella Zazvorkova em
A GUERRA DOS VIZINHOS
de Petr Schulhojj
Maiores de 6 anos

APOLO 70

Tel 763319 14.00 16.30 19.00, 21.30

O filme musical do ano!
CAR WASH
Não acons. a men. de 13 anos
3.ª semana
Hoje às 24.00h Grupo D (18 anos)

O ASSASSINO DA RUA MORGUE
de Gordon Hessler

AVIS

Tel. 31[illegible] 15, 18.15 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos
O SOFRIMENTO DE AMOR
11.ª semana
o filme começa a projectar-se logo após o início da sessão

BERNA

Tel. 776098

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
A CIDADE DOS ANJOS
de Robert Aldrich
Nao acons. m/18 anos
c/Burt Reynolds Catherine Deneuve
e Ben Johnson

CINEMATOGRAFO

Tel. 795093 14,00 16,30, 19,00, 21.30

Festival
«Irmãos Marx»
UMA NOITE EM CASABLANCA
Para todos
2 dias para cada filme

CASTIL

Tel. 530194 15, 17, , 19, 21.30

2.ª Semana
N. ac. a men. 13 anos
A RAPARIGA DA PELE QUENTE
é tudo o que o homem deseja
c/Zendi Araya/Beba Loucar/Ugo Pagliai
de Luigi Scattini

CONDES

Tel. 322523 21.30

MORRER DE AMAR
de Andre Cayatte
às 14, 16.30 e 18.45h
Interdito a menores de 18 anos
A LEI DO ÓDIO
um filme de Larry Peerce

EDEN

Tel 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Fred Williamson/Pam Grier
BUCKTOWN CIDADE CORRUPTA
interd. m/18 anos
de Arthur Marks

ESTÚDIO

Tel 535134 15.30, 18.30, 21.30

Interd. M/18 anos
A REDENÇÃO DA CARNE
de François Jouffa (ZFF)
2.ª semana

ESTÚDIO 444

Tel. 555134 15. 17, 19 e 21.45

UM AGENTE NA SOMBRA
n. ac. m/18 anos
c/Dirk Bogarde — Ava Gardner

IMPÉRIO

Tel. 5551345 15.15, 18.30 21.30

Grupo B — 10 anos
2.ª semana
O esperado regresso do mais fabuloso musical
OLIVIER
70 mm
6 Óscars

LONDRES

Tel. 801313 14.15, 16.30, 18.45, e 21.30

Não acon. a men. 13 anos
VAMO-NOS AMAR
c/ Mariby Mouroe e Yves Montand

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.30 e 21.30

n/ac. men. 18 anos
Tony Curtis em
«LEPKE» O ASSASSINO
e C/ Anjenette Coner — Milton Berle

NIMAS

Tel. 574362 14,30, 16.45, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos
DAISY MILLER
• um filme de Peter Bogdanovich
c/ Cybill Shepherd-Barry Brown
Hoje às 24 h
O CASO MATEI
de Francisco Rosi

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15

6.ª Semana
Int. men. 18 anos
Colorido
EMANUELLE NEGRA N.º 2

PATHÉ

Tel. 821933 14,15, 17,45 e 21.30

Não acons. men 18 anos
Em 5.ª semana
JURAMENTO DE AMOR
c/ Hema Malini Ferroz Khan

POLITEAMA

Tel. 326305 14.15, 16.30, 19, 21.30

Não ac. m/13 anos
DOIS INDOMÁVEIS PALERMAS

RESTELO

Tel. 310375 21.30

N. acons m/13 anos
BARRY LYNDON
de Stanley Kubrick
22.ª Semana

ROMA

Tel. 887778 Às 15.30, 18.30 21.30 h

OS VENCIDOS
c/ Bernie Hamilton Adam Roarke
2.ª semana
N/acons. m/18 anos

ROXY

Tel. 48560 14.00-16.30-19.00-21.30

O filme indiano de maior êxito
2.ª semana
AMOR E JUSTIÇA
n. acos. men. 18 anos

S. JORGE

Tel 579144 15.15, 18.15, 21.30

Não acons. m/ 13 anos
Richard Harris em
A VINGANÇA DO HOMEM CHAMADO CAVALO

TIVOLI

Tel 570595 15.15, 18.30, 21.30

Elvis Presley em
«ELVIS SHOW»
de Denis Sanders
Para todos

D. JOÃO V DAMAIA

[illegible] 21.15

Não acons. m/13 anos
UM HOMEM NA SOMBRA
c/Alain Delon e Jeanne Moreau

rádio

1.º Programa

16.00: «Musiviária»; **17.00:** «Música Portuguesa»; **18.00:** Separador; **18.10:** «Hoje Respondemos por Música», por António Vitorino de Almeida; **19.00:** «Poemas e Poetas» — Música variada; **20.00:** «Jornal da Noite»; **20.30:** Melodias; **21.00:** 10.º episódio do bilhetim «A Cidade e as Serras», de Eça de Queiroz; **21.20:** «Contraponto»; **24.00:** Fecho

2.º Programa

16.15: Música de Câmara; **17.00:** Música Sinfónica; **18.00:** Conjuntos de Câmara; **19.00:** Música Portuguesa; **20.00:** Música Sinfónica — Obras dos mestres de Viena; **21.05:** Ópera; **22.00:** Solos de Piano: Obras de Debussy e Albéniz; **22.30:** «O Gosto pela Música», pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00:** Música Sacra do século XVIII; **00.30:** Música de Câmara; **01.00:** Fecho

3.º Programa

Nacional e Regional (290 m)

16.00: «Variante»; **16.10:** Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo; **16.20:** Disco... rendo, por Mário Martins; **17.10:** Prevenção e saúde, pelo dr. Sousa Pereira; **18.00:** «Contacto»; **18.20:** Títulos de 1.ª página; **18.30:** Actualidade; **18.45:** Fórmula 1; **19.05:** Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **20.10:** Antologia; **20.30:** Pesquisa; **21.00:** A Música e as vozes; **21.30:** «Quando o Telefone Toca»; **23.03:** «Nocturno»; **23.06:** Novas de alegria; **24.00:** «Nocturno» (continuação); **00.15:** «Dia a dia com o passado»; **02.00:** Fecho

3.º Programa

Local (187,5 m)

16.00: «Variante»; **18.00:** «Compasso»; **18.15:** Sal e pimenta; **18.45:** Oiça o que não leu; **19.45:** As palavras e a música; **20.10:** Ontem, hoje e amanhã; **20.40:** Serviço de agenda; **21.00:** Fecho

4.º Programa

Emissão Total em Estereofonia

16.00: «Gong» — Realização de João David Nunes; **19.00:** «Em Órbita»; **20.00:** «Forum» — Realização de Jorge Lopes; **22.00:** «Auditório»; **00.00:** «Prisma» — Realização de Fernando Quinas; **02.00:** Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da Tarde; **18.08:** Apelos; **18.15:** Igreja em Notícia — Palavra do Dia; **18.30:** Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; **19.00:** Programa da Liga dos Amigos de RR; **20.00:** Objectivo; **20.54:** Apelos; **21.05:** Pentagrama; **21.30:** Ao encontro da Grande Música; **22.00:** Quando o telefone toca; **22.30:** Temas Vivos; **23.05:** Última Hora; **23.30:** Dicionário de Economia; **23.55:** Meditando/No final — Actualidade Internacional — Voz da América; **01.00:** Rotação; **02.00:** Fecho.

NOVO SERVIÇO
Você e o seu carro no mesmo comboio
Diariamente Lisboa-Porto-Lisboa
Caminhos de Ferro Portugueses

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

"Facilidade Witteveen" concede créditos maiores mas em condições mais duras

O conselho de administração do Fundo Monetário Internacional aprovou a criação da «Facilidade do Financiamento Suplementar», também chamada «Facilidade Witteveeen», que reforçará em cerca de 10 biliões de dólares os recursos que o FMI pode emprestar aos países cuja balança de pagamentos é deficitária.

Ao anunciar esta nova medida, o FMI esclareceu que os países interessados no empréstimo não poderão solicitar esta facilidade senão quando pedirem quantias superiores de crédito ao FMI, isto é, quando aceitarem sujeitar-se às condições impostas pelo Fundo para a utilização desses empréstimos. Sabe-se que os países em vias de desenvolvimento, entre os quais Portugal, raramente recorrem a estes créditos elevados devido às condições impostas pelo Fundo.

As nações credoras são os países industrializados ricos, designadamente os Estados Unidos, a RFA, o Japão e a Suiça, e os países petrolíferos, em particular a Arábia Saudita, o Irão e a Venezuela. Estes países indicaram no princípio deste mês, em Paris, que estavam dispostos a fornecer 8,4 biliões de DTS (direitos de saque especiais à «Facilidade Suplementar», mas o Fundo condidera que esta atingirá finalmente 8,6 biliões de DTS, ou seja, 10 biliões de dólares.

O FMI pagará um juro de 7 por cento pelas somas emprestadas por estes países à «Facilidade». Não foi ainda determinada a taxa de juro que os países devedores deverão pagar para utilizar a «Facilidade».

Rui Gomes

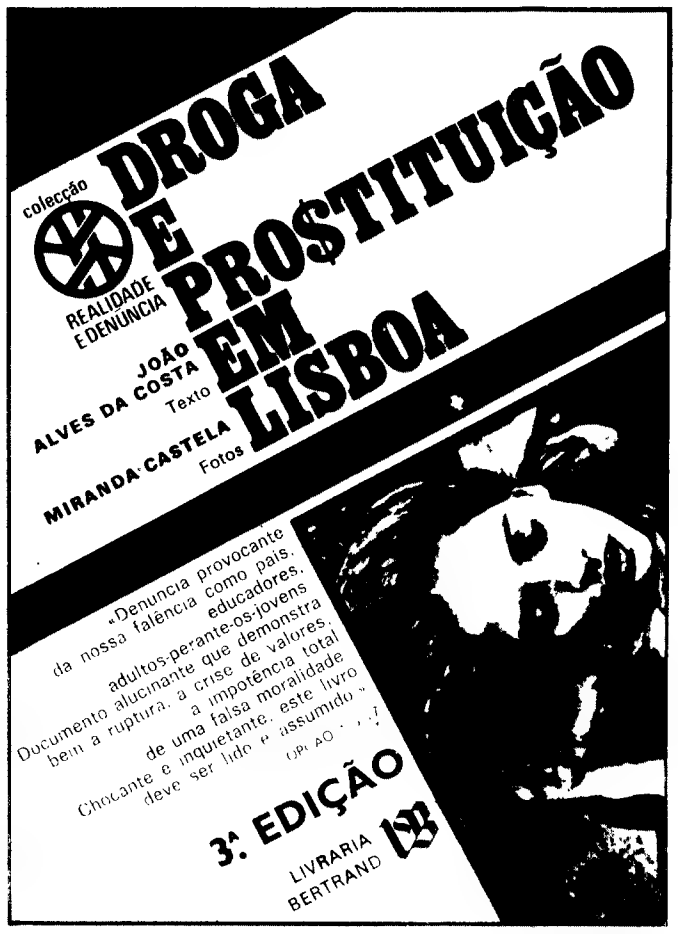
Continuação da pág. 1

ve da fome que levaria à marcação de uma data para o seu julgamento, Rui Gomes disse que as últimas análises acusam uma grande variação no capítulo das proteínas, pelo que só os exames que irá fazer a partir deste momento lhe poderão apresentar dados concretos sobre a sua condição física.

COMÍCIO ESTA NOITE

Relativamente ao comício que esta noite irá ter lugar na Voz do Operário, pelas 21 e 30, em que participarão, entre outros, Pedro Barroso, José Fanha e o Grupo Amador do Teatro de Oeiras, Rui Gomes referiu que a sua realização para além de ser uma prova de regozijo e alegria por esta vitória do movimento popular que foi a sua libertação, servirá sobretudo «para lançar um sério alerta para a fascização e repressão crescentes, de que a morte do jovem operário Luís Caracol é exemplo, e em que o aparecimento de uma polícia política, o SIR, deve servir de sobreaviso para todos os democratas portugueses».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM JULHO: 46 100 exs.
Hoje 24 páginas



Chile: a foto clandestina

O secretário-geral do PSOE, Felipe Gonzalez, encontra-se em Santiago do Chile para assumir a defesa do senador da Unidade Popular, Eric Schnake Solis, condenado a 25 anos de prisão pelo regime fascista de Pinochet. A foto mostra-nos o senador (à esquerda) na Penitenciária de Santiago do Chile. Esta fotografia foi obtida em Maio de 1975, com uma máquina entrada clandestinamente na prisão. Entretanto, em Roterdão, Willy Brandt, apelou para que todos os antifascistas chilenos esqueçam as suas divergências e se unam no combate ao regime fascista.

BARRETO NA POSSE DA CD DO IFADAP:

"Direito à soberania corre risco de se perder"

«Corremos já o risco, se a Nação não sente profundamente a gravidade do momento, de perdermos o direito à soberania e o direito ao bem-estar. Com eles se perderão também rapidamente as liberdades» — disse António Barreto, ministro da Agricultura e Pescas, hoje, durante a tomada de posse, no Ministério das Finanças, da Comissão Directiva do Instituto Financeiro de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e das Pescas, criado no passado dia 19 de Agosto através do Decreto-Lei número 344/77. Foram empossados o dr. António Ribeiro Maçarico (presidente), eng. Álvaro Pereira, eng. Manuel Fernando Ferreira Borges Mouzinho, dr. Francisco Dias Rosa Junior e dr. Francisco Trindade Calha.

«Já não são os governos e regimes que estão em causa; nem tão pouco homens ou grupos. É a Nação inteira que tem de fazer o seu exame de consciência, a sua profunda autocrítica, a sua revolução cultural» — disse ainda António Barreto que condenando veementemente o «controlismo burocrático» realçou: «À chicana burocrática e à permanente confusão de competências opor-se-ão a gestão por objectivos, a avaliação, a responsabilidade». Sobre a agricultura portuguesa, perante o ministro das Finanças, do Governador do Banco de Portugal e de outras individualidades ligadas ao sector da Agricultura e Pescas, afirmou António Barreto: «Na agricultura portuguesa ainda hoje reinam o desequilíbrio estrutural, o atraso tecnológico, a degradação crescente de recursos e a quase total desordem física e ecológica». No sector das pescas «encontramo-nos numa situação simplesmente catastrófica, que é a de uma frota pesqueira obsoleta, perfeitamente desadequada às exigências e à concorrência».

Este o propósito cheio de considerandos políticos mais gerais que antecedeu a definição e a apreciação dos objectivos que assistem à criação do IFADAP. Partindo do princípio de que «o futuro dos portugueses começa no sector primário» já que nele «se gera rendimento para mais de um terço da população» e que é composto por quase 900 mil empresas agrícolas, António Barreto fez uma resenha histórica da importância do Crédito Agrícola. Segundo António Barreto, o FIDAP é a «primeira de uma série de respostas que a médio prazo dará eficiência, consequência e estabilidade a um sistema de crédito à agricultura e às pescas».

Carga policial em Évora

Continuação da pág. 1

Entretanto, a meio da manhã de hoje, o general Passos Esmoriz, comandante-geral da GNR, elucidava os restantes oficiais da corporação sobre o que se passou, aproveitando a reunião de rotina das terças-feiras.

SINDICATO PROTESTA

O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja ao «tomar conhecimento da brutal repressão utilizada pelo Governo contra os trabalhadores da UCP/22 de Julho de Évora, manifestam o seu mais vivo repúdio contra esta infame situação, reclamando justiça e respeito por quem no dia-a-dia produz o pão para o nosso povo e lembra que a aplicação da violência contra os trabalhadores é própria dos regimes fascistas e não de um regime democrático como o que consagra a nossa Constituição» — lê-se num telegrama daquele Sindicato enviado hoje a todos os órgãos de soberania, designadamente Presidência da República, Conselho da Revolução e Governo.

O Conselho Geral dos Trabalhadores e secretariado da Intersindical da Lisnave «repudiam os métodos repressivos levados a cabo pelas forças da GNR contra os trabalhadores alentejanos e estão solidários com os seus irmãos de classe no combate à grande ofensiva do MAP que visa a destruição da Reforma Agrária.», lê-se noutro comunicado chegado esta manhã à nossa Redacção.

Rodrigues Soares recorre para Supremo Tribunal

O 1.º tenente Rodrigues Soares vai recorrer da passagem compulsiva à reserva que lhe foi aplicada por despacho do actual Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Souto Cruz, na sequência do famigerado «relatório das sevícias».

O recurso de Rodrigues Soares, tal como o do almirante Rosa Coutinho, será interposto para o Supremo Tribunal Militar, no âmbito das disposições do novo Código de Justiça Militar.

Segurança Pública tem 350 novos agentes

Nas instalações do Centro de Alistados da PSP, em Torres Novas, prestaram hoje compromisso de honra cerca de 350 novos agentes daquela Polícia. A cerimónia foi presidida pelo comandante-geral da PSP, general Neves Cardoso.

Os novos agentes, após uma preparação intensiva de quatro meses, vão agora ser distribuídos por todo o País. O Centro de Alistados foi criado em Janeiro último com o objectivo de formar todos os novos agentes que venham a incorporar as fileiras da Polícia de Segurança Pública.

Tome nota

MAUS EXEMPLOS

Enquanto Mário Soares, na «Onda» da Figueira da Foz, falava de austeridade e propugnava a poupança de gasolina nos carros oficiais, precisamente à mesma hora, leitores nossos detectavam, em pleno domingo, vários carros do Estado passeando-se pelas estradas desse País à beira-mar plantado...

Maus exemplos.

ÓDIO VELHO

Certa Imprensa continua a exprimir o seu ódio aos trabalhadores, particularmente aos alentejanos das Unidades Colectivas de Produção. Um vespertino vai ao ponto de aproveitar a peste suína africana. Só falta dizer que foram os trabalhadores alentejanos que importaram a doença para sabotar a «lei Barreto»...

BARRETO FISCALIZA

O ministro António Barreto deslocou-se, ontem à tarde, ao Instituto Português de Cinema para ver o que havia em matéria de **Reforma Agrária**...

Acompanhado do secretário de Estado David Mourão Ferreira, o ministro entrou na sala de projecção. O jornalista do «DL» teve de ficar à porta.

«Que desejam», pergunta com alguma secura, na voz, um senhor da comitiva do ministro.

«Somos jornalistas e portanto...»

— «Trata-se de uma visita de carácter particular e a presença de jornalistas não se justifica».

Tentámos confirmar a ordem mas o senhor vira-nos as costas. Insistimos mandando um recado ao ministro, através de uma funcionária do IPC. A resposta: não se justificava a nossa presença.

Afinal a visita não era assim «particular». Conseguimos averiguar que o ministro foi «inspeccionar» dois filmes feitos pelo Jornal Cinematográfico do IPC: «Deolinda Seara Vermelha» e «Viva a Reforma Agrária», e não percebemos o que tal inspecção possa ter de confidencial...

Sindicato apoia asilo político a Flávio Tavares

O Sindicato dos Jornalistas Portugueses enviou um telegrama ao primeiro-ministro Mário Soares e ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, congratulando-se pela decisão do Governo em ter dado asilo político ao jornalista brasileiro Flávio Tavares, detido no Uruguais.

Contactado esta manhã, o Ministério dos Negócios Estrangeiros informou desconhecer ainda a data da vinda para Portugal do jornalista brasileiro

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO
Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 30/77

Terça-feira, 30 de Agosto de 1977

A falta de água: Reboque de icebergues para a Arábia Saudita

África do Sul: Morte de presos políticos

Brasil: O direito dos índios à autodeterminação

O Burundi: Qual o futuro de quatro milhões de africanos?

China: O XI Congresso do Partido Comunista Chinês

COREIA DO NORTE

O PAÍS DO PERPÉTUO SORRISO

André Fontaine
LE MONDE

A serenidade da paisagem está de acordo com o país da «manhã calma». Só os pilares de uma ponte, cujo tabuleiro desapareceu, a algumas dezenas de metros do caminho-de-ferro que, noutra ponte, atravessa o rio de um quilómetro de largura, é que nos lembram que o Yalov marcava o limite desse «santuário» chinês cuja inpunidade Mac Arthur queria, há um quarto de século, liquidar com bombas atómicas. O que lhe valeu ser destituído por Truman.

O Yalov, a que os coreanos chamam Amnok, continua a separar duas repúblicas igualmente populares e socialistas. A travessia não se faz, no entanto, como no Reno ou na Mancha. O «comboio internacional» que duas vezes por semana liga Pequim a Pyongyang, e ao qual se juntam, em Chang-Chen — a antiga Monkden — três carruagens vindas de Moscovo, estaciona hora e meia do lado chinês da fronteira, e outro tanto tempo do outro lado, antes de seguir viagem.

..Uma máquina eléctrica substituiu a locomotiva diesel chinesa. Não é a única mudança. Ao longo dos tranquilos arrozais e das verdejantes colinas, as aldeias mostram-se muito mais cuidadas. Têm lindas casas baixas, quase todas parecidas, com os seus telhados de arestas recurvas. Os aglomerados mostram impressionantes alinhamentos de edifícios novos no estilo das HLM (casas de renda económica, em França). A camisa chinesa vê-se menos e já quase não se encontram mulheres de calças. Muitas usam o vestido nacional, composto por uma saia comprida, de cor viva e um colete curto; outras, vestidinhos de algodão florido ou saias vulgares. As bicicletas, que na China são aos milhões, estão por assim dizer, ausentes. Também não se encontram aqueles adoráveis carrinhos de bebé que se vêem na China. As mães trazem os filhos às costas.

Os retratos, está bem de ver, não são os mesmo. A gigantesca estátua de Mao, que domina a cidade fronteiriça de Antung, corresponde, em Sinydjou, do lado coreano, uma estátua de idênticas dimensões, de Kim Il Sung, «Grande líder, secretário-geral do Comité Central do Partido do Trabalho da Coreia e presidente da República Popular Democrática da Coreia», para usar a linguagem oficial. De resto, a cada passo veremos a sua efígie. Enquanto que na China os retratos de Hua Kuo-feng acompanham cada vez mais os de Mao, e que muitas vezes se encontram em face dos de Marx, Engels, Lenine e Estaline, nos dez dias que passámos na Coreia só vimos um retrato de Marx e um de Lenine, enquanto que Kim Il Sung, é, na verdade omnipresente.

Por toda a parte há «slogans» alguns deles em grandes letras recortadas, no flanco das colinas.. Muitas vezes esses «slogans» figuram em painéis verticais que mergulham num enorme cesto de flores artificiais.

norte-coreanas treinam-se com uma bateria antiaérea, «prontas para defen- ção dos ataques do sul»

Um quadro idílico

Há muitas flores e principalmente no cais da gare de Pyongyang, nos braços das dezenas de pioneiros de lenço vermelho e das jovens beldades em traje nacional que vêm esperar as delegações ao comboio. Nem um sorriso falta a esse quadro idílico. Os bolcheviks do passado, a começar por Estaline, «o homem de aço» compraziam-se na exaltação do herói duro, cujos traços viris se encontravam em milhares de cartazes e de monumentos.

O regime do Grande «leader» não deixa de celebrar o heroísmo da resistência antijaponesa e da guerra de 1950, e as crianças aprendem desde a mais tenra idade a desfilar em passo marcial. Mas ele quer compor a imagem de uma vida sorridente. No documentário, na verdade bem feito, que os seus serviços realizaram em Pyongyang, todos os homens, mulheres e crianças que a câmara filmou parecem habitadas pela graça quando o próprio presidente aparece no écran, rodeado de meninos de escola com quem conversa familiarmente. A sua expressão faz pensar um pouco no Bom Deus Negro das «Pastagens Verdes». Por isso ninguém hesita em repetir, de manhã à noite aos coreanos do Norte, que eles vivem num «paraíso».

Uma cidade dada às crianças

Do terraço da escola do partido, o panorama é impressionante, sobretudo se pensarmos que há vinte e quatro anos, no fim da Guerra da Coreia, só havia na cidade três casas de pé. Umas vinte mil bombas, isto, é, um pouco mais de uma por habitante, rebentaram ali. Ora hoje, não só não há minas como há uma autêntica floresta de edifícios novos, que, de um e de outro lado do rio Daidong, de um quilómetro de largura, emergem da abundante verdura que continua a existir ao longo das avenidas.

De longe avista-se o arranhacéus da universidade Kim-Il-sung e a torre da televisão. Mais perto, o imenso Museu da Revolução diante do qual se ergue uma es-

COREIA DO NORTE

O PAÍS DO PERPÉTUO SORRISO

1

tátua do presidente, de 25 metros de altura, doirada, e que se desenha num fundo de montanhas cobertas de neve. À noite é iluminada. Rasgando a monotonia do betão e dos revestimentos de cerâmica, os telhados de ângulos recurvos segundo o tipo tradicional, do teatro Mankyeungdaï e de alguns edifícios mais modestos. Mas o aspecto geral da cidade é muito mais europeu do que asiático. Não se encontra nada da fabulosa agitação das ruas de Pequim, Tóquio ou Calcutá. Como todos trabalham, os transeuntes são geralmente raros nessas artérias da largura das avenidas de Nova Iorque, e a convicção com que os polícias organizam uma circulação automóvel insignificante é perfeitamente supérflua.

De momento, a cidade parece abandonada às crianças, que desde muito cedo usam o lenço vermelho dos pioneiros. Uma copiosa rede de creches e de jardins de infância cheios de atracções marciais, liberta as mães de família, que, todas elas trabalham. Para assegurar a escolarização total, foram abertas escolas nas aldeias mais afastadas, algumas das quais só têm nove alunos.

Vamos encontrar crianças em Mankyeungdaï, onde os autocarros as deixam, em grupos, e onde escutam em sentido, as explicações que lhes são dadas sobre a vida de Kim Il Sung, que ali nasceu há sessenta e cinco anos, numa modesta casa de tecto de colmo. Um pouco mais adiante, uma rapariguinha declama com convicção, em face dos camaradas, a narrativa dos altos feitos do herói nacional que aos oito anos se comprometeu a colaborar na luta patriótica e revolucionária contra o ocupante japonês. No regresso visitámos o metropolitano, de vertiginosa profundidade, e cujos mosaicos, em que é glorificado o grande «leader» seriam inimagináveis noutro país.

E como perguntássemos qual o significado das três palavras que figuram nos sacos azuis, todos iguais, que muitos rapazinhos de uniforme, ajuizadamente alinhados, à espera levam ao ombro, a resposta bem, imediata: «Saber, virtude, Saúde».

Domingo em Pyongyang

Embora a Constituição garanta a liberdade religiosa, o dia não é marcado por nenhuma espécie de celebração litúrgica, em todo o caso no habitual sentido da palavra. As igrejas foram destruídas pelos bombardeamentos americanos, dizem-nos, e não foram reconstruídas, até porque não houve pedidos nesse sentido. Quanto ao budismo, subsiste sob a forma de um pequeno partido confessional, associado ao omnipotente partido do trabalho. Como nos mostrássemos espantados com a aparente contradição entre a sobrevivência, pelo menos teórica, dessa formação e a ausência de culto, seja ele qual for, responderam-nos que ele reagrupa «antigos crentes». A manhã começa com a visita ao Museu das Belas Artes. Em três andares, as salas são consagradas ao novo regime. Não há nenhuma onde não haja, pelo menos, três ou quatro retratos do Grande «leader» exaltando a sua actividade incansável. Vêem-se cenas de guerrilha contra o Japão, da guerra de 1950, ou da reconstrução económica. É o estilo do realismo socialista, àcerca do qual já tudo foi dito, mas tratado por pessoas que, diga-se a verdade, sabem desenhar e pintar. Não é menor a habilidade dos que bordam a seda. Inútil procurar uma obra estrangeira ou mesmo uma simples referência ao estrangeiro.

Está bom tempo. Nas margens do rio, agora ao abrigo das inundações, as crianças jogam o ping-pong à sombra das árvores onde dantes havia pântanos cheios de mosquitos.

A presença de numerosas jovens de saias de cores vivas contribui para conferir a esse dia de repouso um ar de festa. Mas ao vermos durante um passeio de barco, o nosso pequeno grupo ser aplaudido por um enxame de beldades, todas elas num pavilhão de tipo tradicional, e que trouxeram consigo violinos e lenços que agitam em nossa intenção, como não havemos de desconfiar de que os nossos hospedeiros quiseram alindar ainda mais as coisas?

Intervalo que permite que assistamos, no imenso palácio dos desportos, novo em folha, ao início de um desafio de basquete feminino China-Coreia, em que as compatriotas de Kim Il Sung resistem com eficácia aos assaltos das de Mao, que têm vantagem da altura. E eis-nos noutro palácio, o dos pioneiros: 20.000 metros quadrados de superfície construída. É o orgulho de um regime cujo chefe disse que as crianças eram os «reis». São dez mil as que frequentam desde os 3 anos esse «palácio» onde, num clima 100 por cento politizado completam a sua formação. A visita deixa-nos perturbados. Aos oito anos, aos dez anos, as alunas compõem, por exemplo, números de acordeão de dança clássica, de harpa coreana, cuja execução muitos dos nossos adultos poderiam invejar.

Telegrafistas, mecânicos, electricistas-meninos, trabalham com máquinas cujas técnicas parecem conhecer na perfeição. Todos os rapazes usam boné. Se nos dirigimos a eles, descobrem-se, inclinam a cabeça, respondem, um pouco intimidadis, viltam a pôr o boné, voltam ao trabalho. Sem lhe fazermos outra pergunta procedem do mesmo modo. Seria cruel ir além da terceira pergunta.

Depois é a apoteose, com o espectáculo de variedades, sem dúvida único no Mundo, e que Pyongyang gostaria de mostrar no Ocidente, apresentado a um público onde muitos pais e visitantes estrangeiros se misturam com a multidão de pioneiros de lenço vermelho e camisa branca. Os artistas não têm mais de dezasseis anos. E impressiona-nos a autoridade, o «métier», a disciplina de um grupo que mostra que é possível realizar com crianças o que às vezes é difícil conseguir com adultos, e até com profissionais. O coro final termina com a deposição de um imenso cesto de flores junto de um retrato de Kim Il Sung.

Nenhum número do programa nos pareceu, no entanto, tão significativo como o «ballet» durante o qual se vêem bonitas abelhas vencendo, graças à sua coragem e tenacidade, o urso que lhes queria roubar o mel. Quantas vezes não se comparou já a sociedade comunista a um formigueiro? Mas o que Kim Il Sung e os seus parecem ter querido construir foi uma colmeia sussurrante. Mas não será um pouco artificial o óleo em que se banha esse país do perpétuo sorriso? À noite, após a projecção de um filme sobre as visitas à província do marechal, perguntámos ao intérprete se nunca aconteceu a Kim Il Sung «dar uma descompostura» a ninguém. Uma vez ultrapassada a dificuldade semântica, ficamos a saber que não, que o Grande «leader» explica tudo e nunca se aborrece. «Mas se alguém tiver feito uma asneira?» «Ele explica-lhe como não recomeçar...» ●

MOSCOVO:

UMA FEIRA INTERNACIONAL DO LIVRO

De 6 a 14 de Setembro próximo realizar-se-á pela primeira vez em Moscovo uma Feira Internacional do Livro, organizada pelo Comité de Estado para a Edição, Fábrico e Venda do Livro, em colaboração com a Agência Nacional dos Direitos de Autor. A sua divisa: «O livro ao serviço da paz e do progresso». Objectivos: desenvolver a cooperação cultural entre os povos, alargar os laços de negócios entre as editoras, encorajar a exportação, importação e tradução de textos diversos.

A feira contara com a participação da RFA, Espanha, Gra-Bretanha e EUA, entre outros, que ali terão stands individuais ou colectivos. A França estará presente com nove stands de editoras individuais e outro organizado pelo Circulo de Livros.

Todos os expositores terão de se submeter a uma regra: «é proibido expor livros ou outro material impresso que estejam em contradição, pelo seu conteúdo ou pelo seu aspecto, com a legislação soviética». Esta proibição visa as obras «que preguem a guerra, a superioridade de uma raça ou de uma nação, ultrajando a dignidade nacional dos outros participantes, as que sejam incompatíveis com as exigências da moral pública, etc.»

Esta feira vem aumentar a lista já longa das manifestações deste género, mantendo-se contudo a de Francforte em primeiro lugar. Muitas outras nasceram contudo a de Fracforte em primeiro lugar. Muitas outras nasceram na esteira desta última. Poucos meses do ano e poucas regiões do mundo haverá sem uma manifestação do gènero: Cairo, Buenos Aires, Bruxelas, Leipzig, Bolonha (livro infantil) Montreal, Jerusalém, Nice, Varsóvia, São Paulo, Belgrado. Os EUA não têm nenhuma feira destas, e substituem-ns prls Convenção dos Bibliotecários Americanos.

A nova feira vai entrar em concorrência com a de Varsóvia, ponto de encontro muito importante da edição internacional para os países socialistas. Mas Varsóvia é uma feira de Primavera. Moscovo será uma feira de Verão. E a Feira de Franc... foi adiada para o princípio... tubro (12 a 17) de... não chocar com a data... tra» moscovita. ●

REBOQUE DE ICEBERGS DA ANTÁRTIDA PARA A ARÁBIA SAUDITA

■ **Le Monde**

Efectuou-se recentemente em França (Marly-le-Roi), um colóquio internacional que reuniu umas cinquenta pessoas e estudou o projecto de reboque de icebergues antárticos até à Arábia Saudita. Preparado por um secretariado de estudos franceses, CICERO (Centro de informática, comercial e económica e de investigação operacional), a pedido do príncipe Mohamed Al Faisal Al Saud, governador da «Saline Water Conversion Corporation», este projecto tem por objectivo utilizar os icebergues antárticos como fontes de água doce, de que a Arábia Saudita tem grande falta.

O volume da calote glaciar, que cobre quase inteiramente o continente antártico, é calculado em 25 milhões de quilómetros cúbicos. Quer dizer que ela contém, só por si, um pouco mais de 66 por cento de toda a água doce do planeta. Esse gelo vai escorrendo lentamente para o mar que rodeia o continente antártico, dando origem a biliões de icebergues que, arrastados pelas correntes e pelos ventos, se vão afastando, quebrando-se ou derreendo lentamente.

O Antártico tem a quase exclusividade dos icebergues tabulares, que se formam por corte frontal dos «ice-shelves», plataformas de gelo que flutuam no mar após terem descido do continente e nos quais, continua a acumular-se a neve que a pouco e pouco se transforma em gelo. O Antártico possui enormes «ice-shelves»: o de Ross (540.000 quilómetros quadrados) e o de Filchner (480.000 quilómetros quadrados).

Os icebergues tabulares têm frequentemente dimensões enormes que os tornam os únicos com interesse: um ou vários quilómetros de lado (já apareceu um de 350 quilómetros por 60) e uma espessura de 250 a 300 metros. Um só icebergue tabular «médio» (1500 metros de comprimento, 900 de largura, 300 de espessura) tem pois um volume de 405 milhões de metros cúbicos, isto é, 324 a 364 milhões de toneladas de água doce, conforme se lhe atribui uma densidade média de 0,8 a 0,9.

Se se supuser, como o disse o príncipe Mohamed Al Faisal Al Saud, que a população da Arábia Saudita é de 8 milhões de habitantes, e que o consumo de água é de 54,5 litros por dia e por pessoa, as necessidades anuais da Arábia Saudita são actualmente da ordem dos 159 milhões de toneladas (ou de metros cúbicos).

O projecto consiste em escolher um icebergue de tamanho regular e que não mostre quebras aparentes nem escondidas. Coloca-se-lhe na face superior material de ancoragem e talha-se nele uma proa a fim de o tornar mais hidrodinâmico. Começa-se então a rebocá-lo.

Após algumas semanas de navegação para norte, o icebergue atinge a zona onde a temperatura da água sobe bruscamente alguns graus. Tapa-se então o icebergue com folhas de plástico isolante (sem esse isolamento ele derreter-se-ia por completo antes de chegar ao seu destino).

Após uma viagem de sete ou oito meses, pelo menos, à velocidade de um nó (1,852 quilómetros à hora), o icebergue chega às proximidades de Aden ou perto das costas de Aman, onde se detém. O estreito de Ormuz tem trinta metros de profundidade, e o de Bab-El-Mandeb, uma centena mas o canal é ali estreito e tortuoso. É portanto necessário derreter o icebergue ali mesmo e carregar a água em tanques, ou então cortá-lo aos pedaços. Novamente tapados com os plásticos, esses pedaços são rebocados até Djeddah. Vão-se então derretendo e a água é levada para terra através de «pipe-lines».

Segundo o príncipe Mohamed Al Faisal Al Saud, o projecto deverá ser posto em prática daqui a quatro anos. Daqui a seis anos segundo Paul-Emile Victor, que participou no colóquio de Marly Le-Roi. E, segundo os estudos de CICERO, o preço de cada metro cúbico de água será inferior ao da que é produzida por dessalinização da água do mar. ●

MORTE DE PRESOS POLÍTICOS NA ÁFRICA DO SUL

Jacob Machabane de 22 anos, estudante de Soweto, foi preso, tendo sido acusado de tentar roubar um automóvel. No dia 4 de Outubro de 1976, depois de ouvido à pressa o inquérito fabricado pela polícia, o tribunal condenou o estudante a uma multa não muito vultosa. Na manhã do dia seguinte, o escrivão da prisão preventiva de Joanesburgo preenchia, calmamente, as formalidades testemunhando que o preso Jacob Machabane se havia suicidado. A polícia declarou que o jovem se tinha enforcado na cela utilizando a camisa para fazer uma espécie de corda. Entretanto, ninguém sabe explicar como é que o preso se poude suicidar numa cela onde se encontravam mais de dez pessoas.

Josef Mdluli, 51 anos, activista do Congresso Nacional Africano, preso a 18 de Março de 1976, morreu na prisão no dia seguinte. A versão oficial resumia-se a afirmar que o preso caíra de uma cadeira e fracturara as vértebras cervicais, o que lhe provocou a morte. O amigo de J. Mdluli, um advogado sul-africano chamado Mlunguisi Mksengue, por própria [illegible] e risco fez a autópsia do [illegible]er. Os resultados nunca foram divulgados mas M. Mksengue [illegible] parar à prisão, onde permaneceu sem qualquer acusação, mais de três meses.

«Só me permitiram entrar no necrotério da prisão dois dias após a morte do meu marido» — disse mais tarde a viúva de J. Mdluli. O corpo de Josef tinha muitas pisadelas e hematomas e na cabeça algumas feridas profundas.

Desta vez, os racistas não conseguiram ocultar o crime. Na conferência de Imprensa realizada em Londres, a 13 de Maio de 1976, os representantes das CNA entregaram aos jornalistas fotografias que não deixaram dúvidas às causas da morte de J. Mdluli. Conforme declararam os médicos, após terem estudado as fotografias, J. Mdluli apresentava as articulações das pernas e braços fragmentadas, três costelas fracturadas, o rosto estava deformado pelo espancamento com objecto contudente e os pulmões apresentavam sinais de terem sido enchidos de água. ●

EUA:

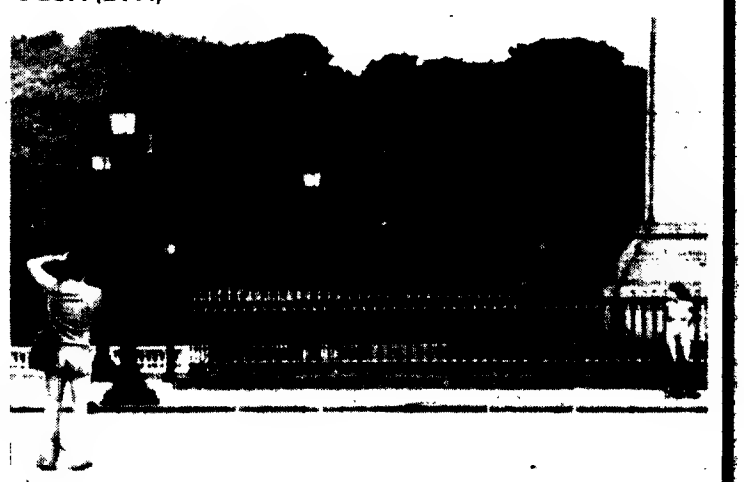
26 MILHÕES DE POBRES

Os programas federais e locais de «subsídios sociais» dos EUA, que custam aos contribuintes americanos 30 biliões de dólares, não conseguem melhorar a situação financeira das famílias que têm um nível de vida inferior ao nível de pobreza estabelecido oficialmente. Esta foi a conclusão a que chegaram especialistas da Universidade de Michigan depois de nove anos de trabalho votado à análise daquele grave problema.

James Morgan, que dirigiu o estudo, declarou que os programas em vigor não ajudam os americanos a conseguir um emprego nem lhes dão qualquer segurança para o futuro.

De acordo com números oficiais, existem nos EUA 26 milhões de pobres. Este número cresceu dois milhões desde o ano de 1975. ●

Esta jovem loura, Margret Sierk, de 26 anos, pode vir a ser a primeira mulher do Mundo a comandar um grande petroleiro. Filha de um pescador de camarão, esta cidadã da RFA recebeu recentemente a sua licença para «viagens de médio curso» (na foto: Margret no momento em que recebia a licença) que lhe dá direito a navegar como capitão de embarcações de peso máximo de 1600 toneladas. Enquanto não tirar licença para «longo curso», Margret trabalhará como timoneira num petroleiro hamburguês pelos mares do Golfo Árabe, Austrália, Japão e EUA (DPA)



O Mundo tem destas coisas bizarras: numa bela manhã de domingo neste mês de Agosto, quando Paris mal acordara ainda, um fotógrafo da France Presse teve uma rara oportunidade na Praça da Concórdia. Uma mulher (muito bela, ao que consta) despiu-se sem mais aquelas e pousou em traje de Eva. A foto correu Mundo. Terá valido a pena?

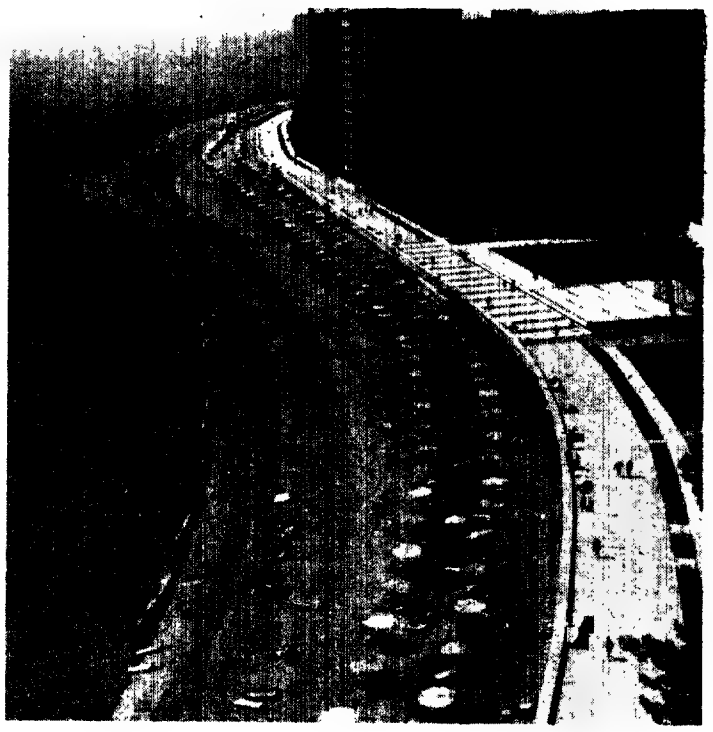


FOTO EXCLUSIVO

A praia de Pitsunda na costa georgiana do Mar Negro, que vemos na foto, é uma das maiores e das mais belas da União Soviética. Tal como em todos os recantos de férias espalhados pela URSS, também aqui os trabalhadores soviéticos têm amplos e múltiplos estabelecimentos à sua disposição para se tonificarem após um ano de trabalho (Foto «Novosti»)

AS REVOLUÇÕES DA IGREJ

□ Charles Vanhecke
■ LE MONDE

À AUTODETE

. **Diamantino (Mato Grosso) __ Quisemos fazer do índio um branco. Dizíamos-lhe aquilo em que ele devia acreditar. Partíamos do princípio de que éramos o início de toda a civilização. Hoje sabemos que o índio tem uma vida espiritual mais rica do que a nossa. E continuamos maravilhados.**

Aparentemente o padre José de Moura julgou que, ele e a sua Bíblia, eram um início. Dizer que renunciou seria um exagero. Mas quando fala da evangelização do passado, não pode evitar uma espécie de **mea culpa** colectiva. Com efeito, os jesuítas de Diamantino, aldeia perdida de Mato Grosso, já só se aproximam muito cuidadosamente da alma indígena. Às luzes de Cristo juntam eles as luzes mais complicadas da etnologia. Catequizar, aculturar, são palavras proíbidas. A hora é dquilo a que a igreja chama a «incarnação»: viver como os índios e não só viver com eles.

A diocese de Diamantino é uma das maiores do país: 350 000 quilómetros quadrados de savanas e de cactos, irrigados por rios que, regularmente, transbordam. Vestígio da «corrida ao oiro» que agitou o Brasil no século XVIII, Diamantino, a cidade dos diamantes __ e também das pepitas __ é o último local civilizado junto às grandes florestas do centro do Brasil. Desde que, no princípio do século, o coronel Rondon lá colocou os primeiros postes telegráficos e desde as primeiras incursões de Lévi Strauss __ entre os Nambikwara __ a região nada perdeu da sua virgindade.

No entanto, as tribos foram enfraquecendo, uma após outra. Só subsistem três mil silvícolas nessa «Terra de missão». Chegados há meio século, os jesuítas catequizaram, «fabricaram» pequenos brancos no seu internato de Ituarity, sede principal da missão. Só há dez anos é que renovaram os seus métodos. Hoje, a missão Anchieta é conhecida em todo o Brasil, pela sua oposição à política indigenista do governo. Ela reconhece, com efeito, aos índios, o direito à autodeterminação.

O padre José de Moura integrou-se nos Irnaxe, uma das dez tribos assistidas pels jesuítas. Quanto ao padre Adalberto Holanda, que durante dez anos esteve entre os Pareci, teve de se afastar há alguns meses. Antes de contar os seus problemas, Adalberto explica como, de tanto buscar mitos e crenças __ porque é missionário mas também etnólogo __ acabou por duvidar dos méritos, à partida suspeitos, de toda a catequese.

EVANGELIZAR? PARA ACRESCENTAR O QUÊ?

Evangelizar? Para acrescentar o quê? Pergunta. **O Deus eterno, a alma imortal, o purgatório, o dia do juízo, tudo isso existe entre os Pareci. Entre eles, as almas, para serem salvas, devem passar por uma ponte muito estreita que é formada por uma gibóia, e só as que foram boas o conseguem, as outras caiem.**

As borboletas que simbolizam a alma dos mortos, as aves mensageiras do além, a caça, as colheitas, a pesca, a dança, todos os actos da vida quotidiana estão marcados por uma relação com o Ser Supremo tanto os Pareci como os Iranxe ou os Nambikwara são, aos olhos dos missionários, mais religiosos do que eles próprios. Para mais, têm uma «vida moral»: **Nesse plano não temos nada de especial a dizer-lhes.** O padre José de Moura acrescenta : **Nós, que fazemos tantos esforços para que a escola fosse menos dura... Não há escola mais suave do que a dos índios!**

. O mito é o método «escolar» por excelência. Fábula, lenda, o mito **evolue por metáforas e metamorfoses** e é incessantemente recreado pelas necessidades do dia a dia. Ele é explicação interpretação da vida. Didático, poético, dinâmico. **O índio não oprime a criança, conta-lhe histórias tão bem feitas que a criança sabe como agir na vida.** Para mais, o mito é sincero, autêntico. **O índio, em contacto, com a natureza, não pode mentir. É por isso que está mais perto de Cristo do que muitos de nós. Antes de ser contaminado pelo branco, o seu «sim» significa sempre «sim», e o seu «não» quer sempre dizer «não».**

Uma surpreza no entanto. Embora se sintam subjugados pela riqueza espiritual e moral dos índios, os jesuítas de Diamantino nem por isso renunciaram a levar-lhes a sua «mensagem». Adalberto confessa que, quanto mais procura mais duvida. Mas as suas dúvidas nascem da identidade que verificou existir entre as crenças dos Pareci e as suas próprias crenças. Se os Pareci não tivessem Ser supremo nem alma imortal, que pensaria Adalberto?

AS TRIBOS DO SERTÃO

A novidade consiste em evitar que a **revelação divina** entre em conflito com o modo de viver e de pensar dos índios. Daí o recurso á etnologia. Daí o cuidado posto em aprender a língua das tribos (tupi ou arawak) e em colectar mitos e crenças. Trata-se de «inserir» a mensagem com habilidade, sem nada destruír nem contrariar. Assim, o Deus cristão identificou-se com o dos indígenas, as tribos do sertão com as de Israel. **Mostramos-lhes que a sua organização social __ tribal __ os põe, mais perto de Cristo do que a muitos homens da cidade.** O testemunho de hoje tem pois possibilidades de ser mais eficaz do que a antiga catequese, que só atingira os seres superficialmente. Os índios «acreditavam» no Deus dos missionários para eles ficarem contentes ou para obter protecção. **Mas logo que podiam, desapareciam na floresta para praticarem os seus cultos.**

Os jesuítas de Diamantino deram pois alguns passos, mas não todos, entre as práticas «etnocidárias» do passado e o respeito derivado à identidade do indígena. Num ponto foram, no entanto, tão longe quanto possível: ao tentar fazer dos índios productores autónomos e livres.

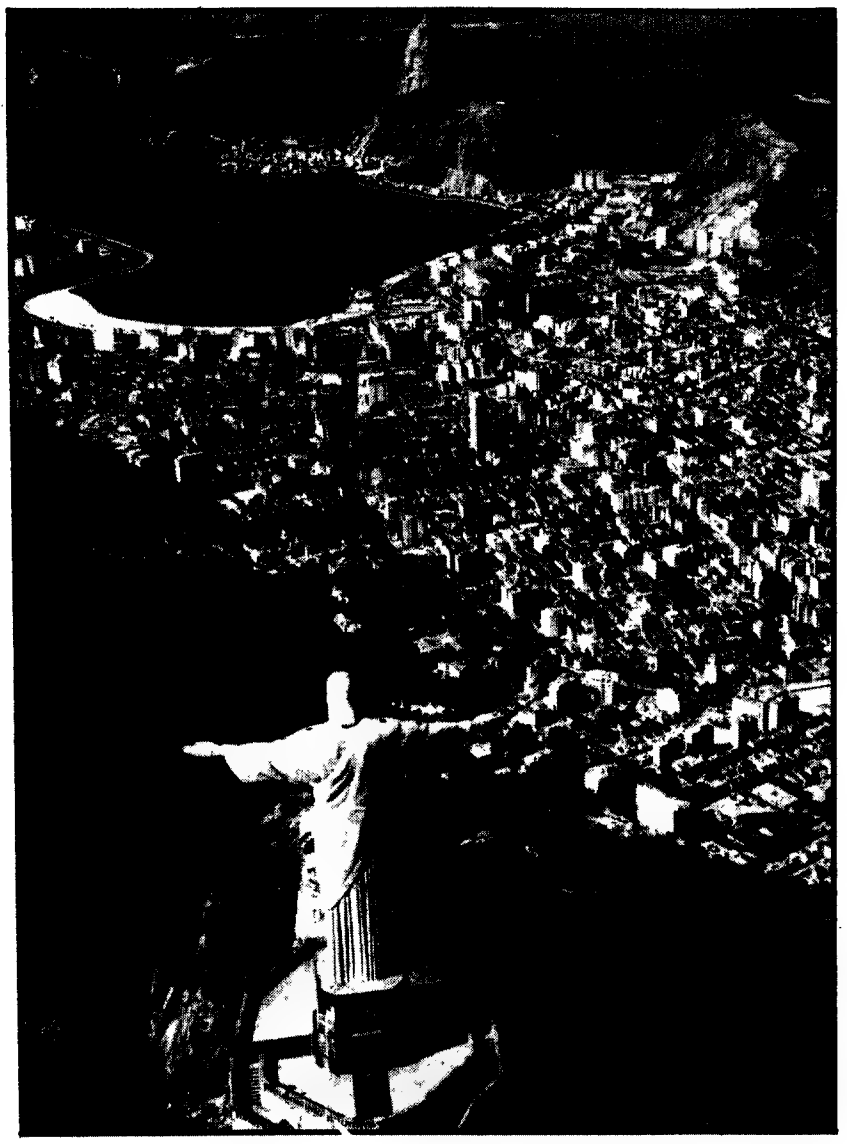
Productores? Sim, porque as tribos não têm o mesmo espaço vital que no passado. Com a criação das reservas, os indígenas vivem num terreno mais reduzido, e, para mais, pouco fértil, visto as melhores terras terem sido reservadas aos grandes agrários. Têm que se tornar autênticos agricultores sob pena de morte lenta.

AS «MIRAGENS» DA ESTRADA

Os Pareci, por exemplo, estão em vias de desnutrição progressiva. Instalados perto da estrada Cuiaba-Porto Velho, tiveram todas as miragens: o alcool, o transistor, o revólver, os painéis de fibra sintética. A aldeia mais exposta (os Pareci têm dezóito aldeias) tem em frente uma estação de serviço: os índios espreitam a passagem dos camionistas para lhes vender colares de frutos silvestres, bolas de borracha selvagem, hamaes. Uma cabana, a «casa grande» das aldeias do passado. As outras já têm cimento e em vez de serem comunitárias, abrigam a família: sinal de que a comunidade começa a dissolver-se.

A maior parte dos índios recusam o «progresso». Eles são refractários à planificação e à acumulação. E dizem: **para que serve trabalhar se o trabalho nunca acaba.** Os Pareci já se adaptaram à ideia de um mundo evolutivo, prodigiosamente veloz. **Mas no dia em que trocaram as suas flechas por espingardas,** diz Adalberto, **arriscam-se à servidão para poderem comprar cartuchos.** Os missionários tentam evitar que os índios tenham desejos cujo preço sejam incapazes de pagar.

Os «jeeps», os emissores de rádio, os tractores: outros tantos utensílios que a missão Anchieta põe à disposição das tribos a fim de elas conseguirem uma verdadeira autonomia. Mas vai do primeiro se o tractor é pedido por razões de prestígio só porque os vizinhos



O Cristo do Corcovado, dominando a cidade e a baía do Rio de Janeiro, parece simbolizar hoje a luta da Igreja por uma maior justiça social no Brasil

A BRASILEIRA

3–O DIREITO DOS ÍNDIOS ERMINAÇÃO

um. **Desconfiamos dos impulsos dos indígenas. Dizemos ao indígena que deseja gado, que arrange primeiro uma pastagem. Se ele planta erva sabemos que ele deseja, na verdade, ter gado. É este o nosso método: por dificuldades a todos os pedidos, a fim de verificar primeiro a sua autenticidade.**

A linguagem de «participação» não é sempre a mais fácil. Adalberto soube-o à sua custa. **Padre não ajuda, só dá cabeça**, disseram um dia, a seu respeito, os Pareci. E convidaram-no a ir-se embora. Hoje a cabana de Adalberto fica a um bom quilómetro das cabanas de uma tribo conhecida pela sua aspereza. Ela chegou mesmo a sequestrar um fazendeiro que tivera a imprudência de querer apossar-se das suas terras.

Foi da missão Anchieta que nasceu o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), organismo ligado à conferência episcopal, e um dos «quebra-cabeças» do governo de Brasília. O CIMI opõe-se, com efeito, inteiramente, à política indigenista oficial, tal como é aplicada pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Aos olhos das autoridades o índio é um menor, e o Estado deve exercer sobre ele a sua tutela até ao dia em que se emancipar. Como menor só tem direito de «ocupação» das terras, e não pode gerir os seus «planos de produção».

ASSEMBLEIAS DE CHEFES INDÍGENAS

Os missionários — pelo menos uma vanguarda — pensam exactamente o contrário. O índio, dizem eles, deve ser tratado como um ser responsável. É preciso ouvi-lo e incitá-lo a essa responsabilidade. E por isso que o CIMI organiza, há já alguns anos, assembleias de chefes indígenas: **Para que os índios falem de si próprios, tomem consciência dos seus direitos, para que se unam na defesa das suas terras e da sua cultura**, diz o presidente do CIMI, Monsenhor Tomás Balduino, bispo de Góias. Já houve quatro assembleias. Mas a quinta, que reuniu em Janeiro último cento e vinte chefes indígenas que representavam quinze mil índios do Roraima (Norte da Amazónia) foi interrompida e proibida.

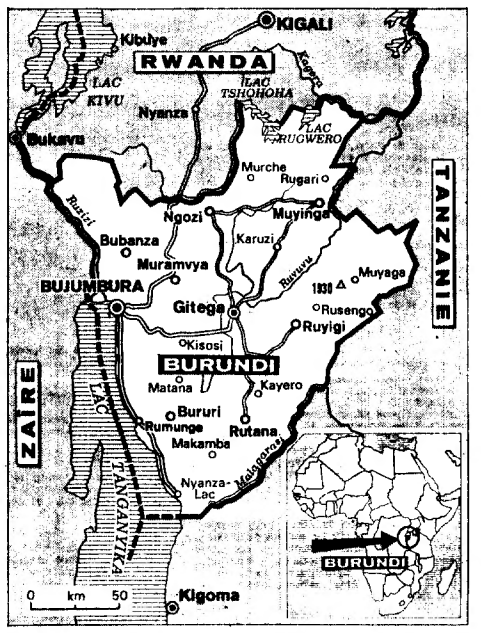
certamente, o CIMI é uma organização de morte. Ele não representa todas as advogadas: muitas ainda pratiquem o linguisticatequese tradicional, [illegible]ta e risível etnocentrismo desaparecer. Os [illegible] acção do Conselho [illegible] vulgado [illegible]a diocese de Diamantina [illegible] tribos de Mato Grosso ou da Amazónia — Xavante, Bororo, Tapirapé, Munduruku, etc. — começaram a «tomar a palavra». Essa acção libertadora fez com que as relações entre o governo e a igreja missionária chegassem a um ponto de ruptura.

Com efeito, em Dezembro de 1976, o ministro do Interior ameaçou afastar as missões das zonas indígenas, e obter, em dez anos, uma «integração» total dos últimos silvícolas. Depois pensou melhor. A igreja católica tem permanentemente duzentos postos de assistência, e o conjunto das missões — protestantes e católicas — assiste 50 000 dos 120 000 índios sobreviventes. A fastar os religiosos equivalia a transferir para a F.U.N.A.I. a protecção de todas as tribos, o que os seus meios não lhe permitem. As declarações ministeriais não passaram, decerto, de uma manobra, mas produziram o efeito desejado. Durante a sua última assembleia geral, em Fevereiro, os bispos resolveram controlar mais estreitamente a acção e, sobre tudo, as palavras do CIMI, cujo zelo missionário conduziu por vezes a diatribes violentas.

A acção progressista das missões deixa, no entanto, algumas perguntas sem resposta. Poder-se-á motorizar, «tractorizar» impunemente os índios? Adalberto não dá respostas definitivas. Não nega os riscos, a longo termo, de uma «morte cultural» dos Pareci. Ele sabe que fornecer-lhes tractores e ensiná-los a conduzi-los, traz consigo modificações dificilmente calculáveis. Mas, na sua opinião, esse é um mal menor, destinado a evitar outra morte, essa biológica, por falta de culturas de subsistência. Em todo o caso aposta na resistência do sentimento religioso. A religião é aquilo que fica quando os índios esqueceram tudo. Entre os Pareci, como noutras tribos, a coisa mais importante do sistema cultural e religioso é a **casa das plantas sagradas**, a que outras tribos chamam a **casa dos homens**, porque é ali que eles se reunem e preparam as festas do grupo. Ora **quando os Pareci querem comprar uma bicicleta ou um revolver, são capazes de vender tudo o que possuem**, diz o missionário. **Tudo menos as plantas sagradas!**

O quadro «Padre José de Anchieta com os índios»

O BURUNDI 5



A QUEDA DO REGIME MICOMBERO

O mais espantoso é ver este regime continuar a viver e manejar a intriga de corte ainda durante mais quatro anos, como se nada se tivesse passado. De Julho de 72 a Junho de 73, o presidente Micombero nomeou primeiro-ministro Albin Nyamoya, homem de grande experiência. Mas os esforços de reconstrução nacional e de pacificação, levados a efeito por este último chocaram em duas séries de ataques de refugiados bahutu, na fronteira da bahutu, na fronteira da Tanzânia, em Março de 73, e na do Rwanda em Maio seguinte. O conflito teve de ser tratado na OUA. Quanto do Governo tanzaniano, ele estabeleceu um bloqueio no caminho-de-ferro de Kigoma, que abastece o país. Foi uma arbitragem de Mobutu que solucionou o problema. Mas, no plano externo, o relançamento da «Tripartida» na conferência de Bujumbura, em Junho de 74, não impediu o Burundi de reconhecer o MPLA contra vontade do Zaire.

No interior do país, os esforços do Governo Nyamoya para bloquear o processo de represálias aumentado pelos raids, provocaram a sua queda e o regresso em força de elementos extremistas. Uma Constituição «por metida» que confia o essencial dos poderes ao presidente da República e secretário-geral do partido, foi promulgada em Julho de 1973 e, a 19 de Outubro de 1974, o general Micombero era eleito para um novo septenato por um Congresso **ad hoc**.

Para além de todas estas provações, um dado social se mantinha: a probreza da sociedade rural do Burundi (isto é, mais de 90 por cento da população). Mas também se observavam as diferenças salariais que iam de um a dez na cidade, e o aumento das especulações, para as quais todos concorriam, estrangeiros e Burunderes. Houve vários escândalos ligados a essas especulações, principalmente o caso Burutex (projecto têxtil reduzido a nada por uma série de desvios).

O FUTURO DE QUATRO MILHÕES DE AFRICANOS

Podíamos referir outras incoerências tais como o bloqueamento parcial de uma reforma de ensino lançada em 73 por Gilles Bimazubute, que tinha em vista uma adaptação da escola às necessidades da sociedade. Como os fracassos e as decepções se acumulavam, só restava a possibilidade de invocar as perspectivas miríficas abertas pela descoberta, em fins de 1973, de grandes jazigos de níquel, no sudeste do país. Isso não salvou, porém, um regime gasto. A 1 de Novembro de 1976, um Comité supremo revolucionário, composto de trinta oficiais derrubou o presidente Micombero. A 9 de Novembro, o coronel João-Baptista Bagaza tornava-se presidente da República. A 13 de Novembro, o tenente-coronel Eduardo Nzambimana formava um governo composto de personalidades novas no xadrez da política do Burundi.

O objectivo do novo regime é definir uma política social audaciosa que possa romper com o passado caracterizado por um marasmo de quinze anos. Ele pretende desenvolver os campos, cuidar da agricultura em geral e já não só do café e do chá, apoiar a pequena indústria, os investimentos energéticos. Ele quer também acordar política e culturalmente as províncias. Estes objectivos correspondem às aspirações de uma nova geração, melhor formada do que a precedente, mascada pelas provocações dos últimos anos e consciente do esforço de imaginação e rigor que tudo isso exige. A sorte deste pequeno país de quatro milhões de habitantes está em jogo. Seguirá ele a sua tradição secular, segundo a qual «foge sempre à desgraça»? Esperamos que sim.

O XI CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS

A realização o XI Congresso do Partido Comunista Chinês, reunido em Pequim de 12 a 18 deste mês, é um acontecimento internacional de grande importância. Tudo quanto seja um ponto alto na vida chinesa se reveste obviamente do maior interesse para o mundo inteiro. Com os seus 800 milhões de habitantes e os seus 9 milhões e 600 mil quilómetros quadrados de superfície, o peso da China é ralmente determinante para o futuro da humanidade. Se esse gigante socialista inflectisse a sua política no sentido da aliança com os países socialistas e os povos recentemente libertados do jugo colonial, a revolução avançaria a passos largos. A manter-se a aliançáo de Pequim com o imperialismo e os seus mais retrógrados fantoches, a libertação das classes e dos povos oprimidos enfrentará esse obstáculo adicional, tanto mais que as potências ocidentais, com os EUA à cabeça, exploram habilmente o conflito entre a China e o restante mundo socialista. Damos a seguir um resumo da história dos Congressos do PC chinês, e uma breve súmula do que foram os anos tormentosos da China desde 1973 até Julho de 77.

OS DEZ CONGRESSOS ANTERIORES

I __ Julho de 1921. Realizado em Xangai, foi o Congresso da fundação do Partido por Mao Tse-tung. Chen Tu-hsiu foi o primeiro secretário-geral.

II __ Julho de 1922. Foi igualmente convocado para Xangai. Mao Tse-tung não pôde assistir. O Congresso adoptou os primeiros estatutos do Partido e um programa-manifesto preconizando uma frente democrática, no seio da qual a pequena burguesia devia ter o seu lugar ao lado dos camponeses e operários.

III __ Junho de 1923. Reunido em Cantão, na presença de doze delegados, pronuncia-se a favor da aliança com o Kuomintang dirigido por Sun Yat-sen, ao qual é reconhecida a direcção da revolução após o apoio dado pelo Komintern ao Kuomintang.

IV __ Janeiro de 1925, em Xangai. Realiza-se antes da morte de Sun Yat-sen e da expedição dos nacionalistas e comunistas contra «os senhores da guerra».

V __ Aberto em Hangchow, em 1927, imediatamente depois do golpe de Chiang Kai-shek contra os comunistas. O PC, sob a direcção de Tu-hsiu confirma no entanto a sua colaboração com o Kuomintang, que romperá com eles alguns meses depois. O PC passa à resistência instalando-se em bases rurais da China Central.

VI __ Realiza-se em Moscovo em 1928. O partido está então sob a influência do Kuomintang. Li Li-san substitui Chen Tu-hsiu e impõe uma nova linha: a revolução operária e urbana. Foi um malogro. Mao, apoiado pelo exército e pela revolução camponesa, impõe pouco a pouco, a sua influência e toma definitivamente a direcção do Partido por ocasião da Longa Marcha (1934-1935).

VII __ 1945. O PC conta um milhão e duzentos mil membros. O Congresso, que se realiza no Yenan, é o da união em torno de Mao que é nomeado presidente do Partido. Liu Shao-chi é o número 2. Adopta-se um novo programa: governo de coligação, revolução neodemocrática com a participação dos burgueses patriotas, tendo por objectivo final a revolução socialista. O Congresso é seguido do malogro de todo e qualquer acordo com Chiang Kai-shek e da guerra civil. Em Outubro de 1949 nasce a República Popular da China, depois da derrota do Kuomintang.

VIII __ Primeira sessão, Setembro de 1956. O primeiro depois da tomada do poder. Realiza-se em Pequim com a presença de 1026 delegados que representam 10.730.000 membros. Teng Hsiao-ping é nomeado secretário-geral. Chu En-lai apresenta o plano quinquenal.

A segunda sessão realiza-se em Maio de 1958 em Pequim. É o Congresso do «salto em frente» mas também do endurecimento após a depuração dos descontentes. O CC é alargado passando a contar 170 membros. A Comissão Política passa de 17 para 20 membros. Lin-Piao entra no comité permanente da Comissão Política e é nomeado vice-presidente do CC.

IX __ Abril de 1969, em Pequim. Consagra a eliminação de vários altos dirigentes na sequência da revolução cultural começada em 1966: Teng Hsiao-ping, secretário-geral do PC; Liu Shao-chi, antigo chefe do Estado; Peng Chen, presidente do município de Pequim. O marechal Lin Piao é nomeado sucessor do presidente Mao Tse-tung. O comité permanente da Comissão Política passa a ser constituído por Mao, Lin Piao, Chen Po-ta, Chu En-lai e Kang Sheng.

Mas a oposição entre o marechal e a maioria da direcção do Partido surge abertamente no plenário de Lusban em Agosto de 1970. Lin-Piao é acusado de querer tomar o controlo do aparelho do Partido e do Estado e de se opor à política maoísta. Lin Piao desaparece misteriosamente em Setembro de 1971.

X __ Agosto de 1973, em Pequim. Condena o «grupo antipartido» de Lin-Piao e Chen Po-ta e lança uma solene advertência ao «social-imperialismo» soviético. Obtém-se um difícil equilíbrio entre a promoção dos jovens dirigentes saídos da revolução cultural e a reintegração de numerosos quadros eliminados por altura desse movimento.

A NOVA COMISSÃO POLÍTICA

. **Comité Permanente:** Hua Kuo-Feng (presidente do C. Central); Yeh Chien-ying, Teng Hsiao-Ping, Li Hsien-nien, Wang Tung-hsing, vice-presidentes do CC.

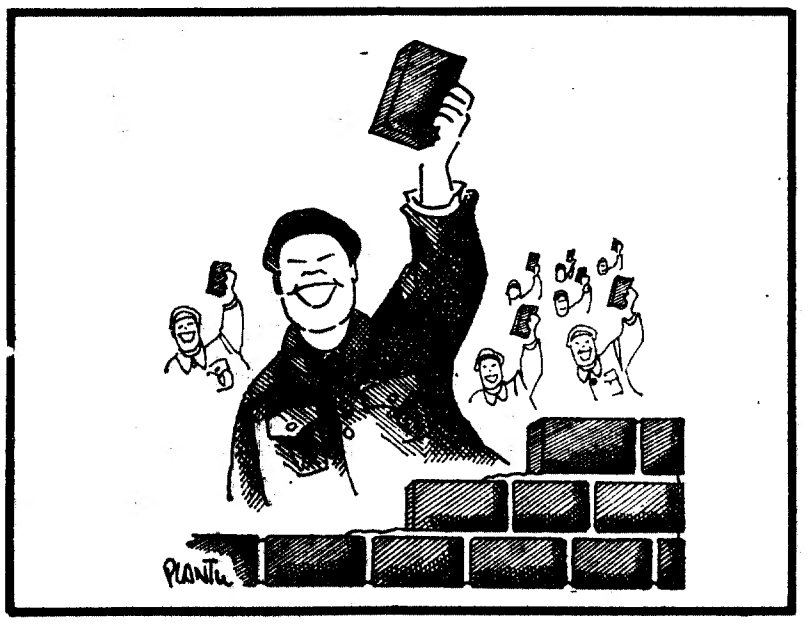
Outros membros: Wi Kuo-ching, Lanfu(X), Fang Yi (X), Liu Po-cheng, Hsu Chi-yu, Chi Teng-kuei, Su Chen-hua (X), Li Teh-sheng, Wu Teh, Yu Chiu-Li (X), Chang Ting-fa(X), Chen Yung-Kuei, Chen Hsi-lien, Keng Piao (X), Nieh Jung-chen (X), Ni Chih-fu (X), Hsu Hsiang-chien (X), Peng Chung (X).

Membros suplentes: sra. Chen Mu-hua (X), Chao Tzu-Yang (X), Saifudin (os nomes assinalados com X são os dos elementos que não figuravam na antiga comissão política).

A Comissão Política eleita pelo X Congresso em 1973 contava 21 membros de pleno direito. Cinco morreram: Mao Tse Tung, Chu En-Lai, Kang Sheng, Chu Teh e Tung Pi-wu. Quatro foram excluídos do partido: a sr. Chiang Ching, Wang Hong-wen, Chang Chun-chiao e Yao Wen-yuan.

Ten Hsiao-Ping entre para a Comissão Política em Janeiro de 1975. Foi excluído em 7 de Abril de 1976. Em Julho deste ano foi reintegrado como membro de pleno direito. Outro membro da comissão política eleita pelo Congresso, o general Liu Po-cheng, tem 85 anos e cessou há vários anos toda a sua ctividade política, devido ao estado de saúde.

As breves biografias de catorze dirigentes confirmados ou promovidos pelo XI Congresso do Partido Comunista Chinês foram apresentados aos leitores ocidentais pelo jornal «Le Monde» donde as traduzimos. Trata-se de nomes a reter, pois não está excluída de modo nenhum a continuação da luta pelo poder em Pequim. De entre esses nomes (em grande parte desconhecidos para o público ocidental) poderá, mais cedo ou mais tarde, emergir um, que num dos futuros congressos, venha a suceder a Hua Kuo-Feng.



DOIS NOVOS VICE-PRESIDENTES

LI-HSIEN-NIEN

Li Hsien-nien já ocupava, antes do décimo primeiro congresso, um dos primeiros lugares na hierarquia do regime, e a sua nomeação para a vice-presidência do comité central consagra tal situação.

Sobriedade e competência são as palavras com que aqueles que o conhecem gostam de o caracterizar. Mas ele é sobretudo uma das raras personalidades que há mais de vinte anos conservaram as mesmas altas funções na direcção do partido e do Estado, apesar das crises e das tempestades de toda a ordem: é vice-primeiro-ministro desde 1954 e membro do secretariado político desde 1956.

Filho de camponeses e nascido em 1906 na província do Houpeh, não pôde fazer estudos universitários. Mas é um militante da primeira hora, participu na Longa Marcha, estudou durante algum tempo na «base» de Yennan, voltou ao combate na região de Wuhan e entrou, logo no sétimo congresso, em 1945, no comité central do PC chinês. Ainda estava em Wuhan, no momento da libertação e tornou-se presidente da câmara da cidade, especializando-se em assuntos económicos e financeiros. A sua ascenção foi então rápida porque nunca exercera funções na capital quando foi nomeado vice-primeiro-ministro e ministro das Finanças, em substituição de Teng Hsiao-ping. Foi então que se tornou um dos colaboradores mais próximos de Chu En-lai que tornaria publicamente a sua defesa na altura da Revolução cultural, quando os guardas vermelhos censuraram a Li Hsien-nien as suas «tendências capitalistas».

O destino agitado de Teng Hsiao-ping, seu colega, faz surgir, por contraste, Li Hsien-nien como campeão da sobrevivência política e da estabilidade. Se sabe calar-se quando as circunstâncias o exigem, as suas simpatias nem por isso são menos claras. Não se pode esquecer que ele desapareceu logo após a morte de Chu En-lai para só reaparecer vários meses depois, no dia da destituição de Teng Hsiao-ping, a 7 de Abril de 1976, mais do que nunca como homem da continuidade no meio de uma equipa dirigente em plena agitação.

Diz-se que Li Hsien-nien recusou, após a queda dos «quatro», o lugar de primeiro-ministro, dando a entender que essas funções deviam ser atribuídas a Teng Hsiao-ping. Em todo o caso, é certo que os dois homens estão politicamente próximos e que pertencem, tanto um como o outro, à mesma geração, à mesma escola de dirigentes chineses. E o facto de ambos terem conservado sólidas amizades no exército __ amizades essas que não podem ser estranhas aos seus destinos __ é um dos pontos que têm em comum.

WANG TUNG-HSING

Wang Tung-hsing é uma das figuras mais misteriosas da direcção do PC chinês, e as suas responsabilidades em matéria de segurança política contribuem, sem dúvida, para a reputação que tem de homem poderoso e secreto.

Ignora-se a sua idade __ uns sessenta anos talvez __ e as suas primeiras funções conhecidas foram as de guarda-costas de Mao Tsé-tung, em 1947. Depois, esteve sempre próximo do fundador da revolução chinesa até à morte de Mao, em 1976. Durante pouco mais de dois anos, entre 1958 e 1960, foi vice-governador do Kiangsi, onde principalmente se ocupou da Universidade Comunista do Trabalho.

No início dos anos 60 regressa a Pequim, na qualidade de vice-ministro da segurança. Sempre muito próximo de Mao, figura, embora discretamente, no grupo muito restrito dos responsáveis que «dirigem» a revolução cultural. Em 1968, ainda é identificado como chefe dos guardas e do gabinete de Mao Tsé-tung, mas, na mesma época, a maior parte dos documentos mostram que as outras funções que desempenha são «pouco conhecidas».

Os elos pessoais que [illegible] conheciam com Mao Ts[illegible] tal como a sua ascenç[illegible]

O XI CONGRESSO DO PC CHINÊS

6

a revolução cultural e depois dela — estiveram na origem dos mais variados boatos sobre a crise de Outubro de 1976. Julgou-se que estivesse ligado ao «bando dos quatro», e um jornal de Hong Kong chegou a anunciar que ele havia sido morto à bala durante a prisão da senhora Chiang Ching e dos seus amigos. Houve pois quem ficasse muito surpreendido ao descobri-lo dias depois na primeira fila da tribuna da Praça Tien An-men, quando a multidão de Pequim foi convidada a aclamar a nomeação de Hua Kuo-feng para a presidência do partido.

Hoje tudo indica que Wang Tung-hsing, em consequência das responsabilidades que exercia em matéria de segurança, junto dos altos dirigentes do partido, tenha tido um papel decisivo durante essa noite de Outubro em que foram presos quatro membros da comissão política. A sua promoção para uma das quatro vice-presidências do comité central faz inevitavelmente pensar numa recompensa por serviços prestados.

Claro que a sua nomeação também corresponde a preocupações de dosagem política nas mais altas esferas do partido. Dos cinco membros do comité permanente da comissão política, Wang Tung-hsing surge, em todo o caso, como o mais afastado de Teng Hsiao-ping e o mais próximo de Hua Kuo-feng, tanto politicamente como devido ao seu passado.

PROMOVIDOS À COMISSÃO POLÍTICA

General Chang Ting-fa

Militar de carreira, o general Chang Ting-fa tornou-se recentemente comandante do exército do ar, em substituição do general Ma Ning, saneado, ao que parece, devido às suas ligações com o «bando dos quatro». O general Chang Ting-fa já era há vários anos um dos comandantes-adjuntos do exército do ar chinês. É a primeira vez que ele se encontra, não só na comissão política mas também no comité central — de que foi afastado o seu predecessor.

Senhora Chen Mu-hua

Membro do comité central do PC desde o décimo Congresso, a senhora Chen Mu-hua sucedeu em Janeiro de 1977 a Fang Yi — de quem então era adjunto — no lugar de ministro das Relações Económicas com o Estrangeiro. A este título, a senhora Mu-hua deveria fazer uma política de relativa «abertura», principalmente no que dizia respeito aos países industriais ocidentais.

Chao Tzu-yang

Uma das raras personalidades que ocuparam lugares de grande responsabilidade nas províncias, sem ter pertencido ao comité central. Mas esse homem do centro do país — é natural da mesma província de Teng Hsiao-ping, o Setchovan — fez quase toda a sua carreira no sul, no Kwantung. A sua progressão no partido é a de uma personalidade que está dentro do aparelho político, e cuja competência não se limita aos assuntos políticos, estendendo-se também à agricultura.

Primeiro-secretário do PC do Kwantung entre 1965 e 1967, foi muito atacado durante a revolução cultural e teve de se afastar durante algum tempo. Fez, porém, o seu reaparecimento após o décimo Congresso do partido e nessa altura tomou a direcção do PC na sua província natal.

Fang Yi

Fang Yi — vice-presidente que, na realidade, exerce funções de presidente — da Academia das Ciências chinesas (desde Janeiro de 1977), é considerado há já trinta anos o grande especialista das relações económicas e financeiras internacionais. Desde 1970 que ocupara, e até à sua no-meação na Academia das ...cias, o posto de ministro das ...ões económicas com o es-...ro.

...do em 1909, tendo aderi-... em 1936, Fang Yi tam-...nhecido pelas suas qua-lidades de administrador — que pôs à prova primeiro durante a revolução, em seguida após 1949, à testa de várias comissões — e devido ao seu conhecimento de línguas estrangeiras. Por outro lado, assinou vários acordos de cooperação técnica com países estrangeiros e supervisionou o auxílio chinês ao Vietname. Representando uma corrente favorável a uma certa «abertura» no domínio da colaboração tecnológica com os países industrializados, aconselha aos países pobres que contem também com «as suas próprias forças».

Fang Yi entrou no comité central do PC em 1973, por ocasião do décimo congresso.

Hsu Hsiang-chien

Um dos quatro ou cinco marechais chineses ainda vivos — contando com Peng Teh-huai. Com setenta e cinco anos de idade ainda é, com efeito, uma das grandes figuras do exército vermelho, no qual ocupou vários postos de comando. Filho de um pequeno proprietário agrícola do Shansi, entrou para o PC em 1927 depois de ter feito os seus estudos na academia militar de Wahmproa. Participou no levantamento operário de Cantão, dirigiu depois uma das primeiras divisões do exército vermelho, de que se tornou, segundo os biógrafos oficiais, um dos «três pilares principais». Motivos de saúde impediram-no, porém, de assumir responsabilidades militares e políticas durante algum tempo.

Esteve assim numa relativa obscuridade antes de surgir em primeiro plano em 1967. No fim da revolução cultural foi, no entanto, identificado durante um curto período, como membro da comissão política do PC, mas não foi confirmado nesse posto pelo nono congresso. Em todo o caso conservou altas funções, a par da sua qualidade de membro do comité; vice-presidente do Conselho da Defesa nacional, vice-presidente da Assembleia Nacional Popular. Também foi vice-presidente da comissão militar do precedente comité central.

Keng-piao

Keng Piao, de sessenta e oito anos, é um dos mais influentes altos funcionários do partido comunista chinês, cujo departamento de ligações internacionais dirige desde 1971. Nessa qualidade, recebe em Pequim as delegações dos partidos irmãos estrangeiros, e assiste às suas entrevistas com o presidente do partido.

Participou nos combates da guerra de libertação, depois foi durante largo tempo diplomado. Foi embaixador na Suécia, na Birmânia e na Albânia. É uma das raras individualidades cuja carreira não foi prejudicada pela revolução cultural. O décimo congresso fê-lo entrar no comité central, de que desde então se tornou membro. O seu passado designa-o como um perito de política externa e dos problemas do movimento comunista internacional.

Ni Chih-fu

Com quarenta e quatro anos de idade, Ni Chih-fu é o benjamim do novo politburo. É um autêntico operário que trabalhou na fábrica desde tenra idade, mas que se tornou notado em 1953 pela invenção do modelo aperfeiçoado de uma ferramenta a que foi dado o seu nome. É um dos jovens cuja promoção foi assegurada pela revolução cultural. É membro do comité central desde o décimo congresso (1969).

Especialista de assuntos de ordem pública, dirigiu desde 1973 a milícia de Pequim. Tais funções levaram-no, sem dúvida, a desempenhar um papel notável por altura da operação contra o «bando dos quatro», no passado mês de Outubro. Foi, em todo o caso, um dos homens de confiança que Hua Kuo-feng e a nova direcção chinesa mandaram a Xangai para aí «limpar» o antigo feudo dos «quatro». Tornou-se o número dois na organização municipal do partido.

Peng-chung

Natural da província marítima do Fukien, Peng Chung serviu como comissário político no exército vermelho, antes de assumir as suas primeiras responsabilidades na organização do partido, na sua província natal, logo após a libertação. Mas foi no Kaingsu que ele fez, desde 1955 o essencial da sua carreira. Foi até ao ano passado presidente da Câmara de Nanguim e ocupava funções de primeiro-secretário do partido nessa província.

A municipalidade de Xangai forma um enclave na província do Kaingsu e sabe-se que as relações entre os dirigentes do partido, presentes em Nauquim, e os «xangaianos» (hoje conhecidos por «bando dos quatro») não eram muito boas. Era pois natural que Hua Kuo-feng fizesse apelo a Peng Chung para a operação desencadeada em Xangai a fim de pôr tudo em ordem. Desde essa data (Outubro de 1976) que Peng Chung ocupava na cidade o terceiro lugar na organização municipal do partido. Tem sessenta anos.

Conclui no próximo número

SEMANA INTERNACIONAL

SMITH NO DESEMPREGO

A Conferência Internacional contra o «Apartheid» que decorreu em Lagos (Nigéria), a Cimeira de Lusaka, a frustrada viagem do ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Louis de Güiringaud, pela África, as declarações falsamente bombásticas que ele fez, em Paris, sobre a iminência duma bomba atómica fabricada na África do Sul — eis a súmula dos acontecimentos mais importantes registados esta semana na ponta meridional do continente africano.

IAN SMITH

Segundo tudo indica, o destino de Ian Smith (que no dia 31 vai passar pela prova de eleições brancas no seu território) parece desde já traçado: os seua amigos do Ocidente despedi-lo-ão do «emprego». De facto, dois jovens diplomatas — David Owen, ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, e Andrew Young, embaixador dos EUA na ONU — depois de pressionarem os participantes da reunião de Lagos a aceitarem as proportas anglo-americanas sobre a Rodésia, foram discuti-las, neste fim-de-semana, em Lusaka, com os cinco da «linha da frente». O plano — revelado — pela primeira vez por uma cadeia de rádio e TV norte-americana prevê a destituição de Ian Smith, o desmantelamento do exército rodesiano, a nomeação de um administrador britânico para um período de transição, e a realização de eleições para a transferência de poderes (dos brancos para os negros).

JOSHUA N'KOMO

A posição dos países da «linha da frente» e dos dois movimentos integrados na Frente Patriótica (encabeçados por Joshua Nkomo e Robert Mugabe) tem sido expressa múltiplas vezes: a libertação do Zimbabwe só pode ser conseguida pela luta armada. Quanto aos racistas rodesianos, é evidente que não aceitarão estas propostas. O facto de Ian Smith e seus comparsas não aceitarem o plano pouca relevância terá. Se as potências ocidentais envolvidas na proposta estiverem efectivamente empenhadas na sua aplicação, o regime de Smith não terá qualquer escapatória. Há doze anos que se aguenta única e simplesmente porque, apesar de todos os compromissos firmados na ONU, o capitalismo internacional continua a auxiliá-lo e a permitir a sua sobrevivência. Mesmo pequenos países como Portugal (cuja política externa se esperava finalmente progressista após o 25 de Abril) pagam, com graves desvios aos compromissos internacionalmente assumidos, as alianças privilegiadas com o imperialismo. O caso revelado em primeira mão pelo nosso jornal sobre a compra de carne rodesiana por Portugal é bem elucidativo.

ROBERT MUGABE

DAVID OWEN

Mais complicado se tornará vencer a resistência da Frente Patriótica e dos seus aliados consequentes no continente africano. Embora o plano anglo-americano preveja a realização de eleições na base de «um homem-um voto» (reivindicação fundamental da Frente Patriótica para qualquer acordo pacífico), basta sabermos quem são os patronos do plano para deduzirmos que os interesses em mira são fundamentalmente divergentes dos objectivos da luta emancipalista. O apodrecimento da situação da Rodésia do Sul é um facto inelutável. E se Londres e Washington tanto se apressam na sua solução é porque pretendem salvar o que puderem dos interesses neocolonialistas no território. Para isso, têm bons aliados mesmo entre os negros.

ANDREW YOUNG

Os moderados (com quem o próprio Smith, em desespero de causa, diz agora querer entender-se) são a grande reserva neocolonialista, chamada a desempenhar decisivo papel no plano anglo-americano. Ninguém tem dúvidas de que estas propostas visam fazer reviver na Rodésia a fórmula reocolonialista dos anos 60. Tudo indica, porém, que, hoje é tarde demais para acenar com tais engodos a uma África, onde Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e S.Tomé e Príncipe apontam os caminhos possíveis do presente.

Não significa isto que a Frente Patriótica e os cinco países da «linha da frente» rejeitem necessariamente as propostas anglo-americanas. Pode acontecer que as considerem uma plataforma útil e, nessa medida, as aceitem. Mas certamente que não descurarão todas as possíveis manobras susceptíveis de se encontrarem escondidas nas ditas propostas elaboradas pela Inglaterra e pelos EUA. Então (como dizem Nkomo e Mugabe) será «a luta armada».

PELO MUNDO

INVESTIMENTOS AMERICANOS

Os investimentos americanos no estrangeiro deverão totalizar em 1977, 22,4 milhões de dólares, o que corresponde a um aumento de 7 por cento em relação a 1976, indicou o Instituto de Pesquisa Económica McGraw Hill. Este aumento é, contudo, de aproximar duma taxa de inflação mundial de 8 por cento.

Em 1978, os investimentos americanos no estrangeiro deverão aumentar cerca de 14 por cento, totalizando 25,6 mil milhões de dólares.

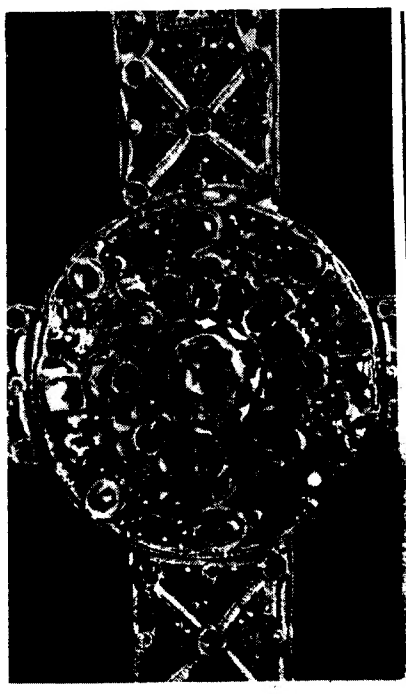
Segundo o inquérito de Mac Graw Hill, 37,4 por cento dos investimentos americanos no estrangeiro em 1977 o que corresponde a 8,4 mil milhões de dólares serão efectuados em países da CEE. O Canadá será o segundo receptador destes investimentos, com 5 mil milhões de dólares, ou seja 22,2 por cento do total.

O inquérito mostra, por outro lado, uma diminuição dos investimentos americanos na América Latina: em 1977 totalizarão 2,56 mil milhões de dólares, ou seja, 11,4 por cento do total, contra 14,7 por cento de 1976. No entanto, deverão atingir de novo os 14,4 por cento em 1979.

Os investimentos americanos no Médio Oriente actualmente de 5,1 por cento do total contra 6,4 de 1976 deverão continuar a diminuir e representarão apenas 3,2 por cento do total em 1979. ●

TITO NO KREMLIN

. O presidente Tito da Jugoslávia iniciou a semana passada uma longa viagem que o levou à URSS, Coreia do Norte e República Popular da China. Na foto: o marechal Tito saudado em Moscovo pelo presidente soviético no Kremlin com a Ordem da Revolução de Outubro. A cooperação entre a URSS e a Jugoslávia tem vindo a intensificar-se de ano para ano, como prova o facto de o volume do comércio entre os dois países ter decuplicado no último quinquénio (71-76) em relação ao anterior . (Foto Keystone). ●



BAUDELAIRE E AS ESTRELAS

Diziam dizem? as pessoas bem pensantes, as de pés bem assentes no chão, que os poetas sonhavam com as estrelas, não viam o que era claro para toda a gente, viviam nas nuvens. Talvez tenham dito estas e outras coisas de Baudelaire, o grande poeta francês que no poema «Elevação» dizia ao seu espírito:

Vea para bem longe destes miasmas mórbidos;
E vai purificar-te no ar superior,
Bebe como a um puro e divino licor,
O claro fogo que enche os límpidos espaços.

Pois bem, uma sonda «Voyager» vai ser lançada a 1 de Setembro para o «ar superior», e difundirá, no espaço coisas da Terra como um ruído de passos, o choro de um recém-nascido, algumas palavras do secretário-geral da ONU, música. E ainda textos nas línguas escolhidas pelos delegados dos países membros. Pela França, o poema de Baudelaire, **«Elevação»**. ●

ROUBO SACRILEGO

A foto mostra um pormenor da Cruz da Vitória, jóia de valor incalculável que, conjuntamente com outros tesouros, foi destruída pelos ladrões que assaltaram a Catedral de Oviedo. O ouro e as jóias já foram, entretanto, recuperados, considerando-se, porém, que a reconstrução das peças vai ser extremamente difícil. Segundo tudo indica, o valioso espólio iria ser introduzido em Portugal. Um delinquente de delito comum, perseguido pela polícia, deixou cair um saco com o produto do roubo de Oviedo, perto da fronteira portuguesa. O homem fugiu, estando a ser agora procurado pelas polícias espanhola e portuguesa. Um comunicado emitido pouco depois do assalto por um misterioso «comando Franco», reivindicando a autoria do roubo e dando-lhe motivações políticas parece ter sido uma simples manobra para despistar a polícia. ●

PELA PAZ NA CALOTE POLAR

Na cidade soviética de Murmansk (uma linda cidade polar) decorreram recentemente as Jornadas de Paz da Calote Polar, durante as quais se reuniram representantes da opinião pública das regiões polares da URSS, Suécia, Noruega e Finlândia. Este movimento nasceu há 15 anos e visa transformar as zonas polares numa área de paz e de amizade sólida os diversos países polares. As jornadas celebram-se de dois em dois anos alternadamente em cada um dos países organizadores. Este ano coube a vez à URSS. A foto mostra-nos um aspecto da inauguração das Jornadas. («Novosti») PÁGINA 8

INSÓLITO

.Em França, numa aldeia a quinze quilómetros de Paris, Brenil-le-Sec morreu em consequência de uma greve de fome, o francês de trinta e sete anos Gilbert Layet. Quando o médico foi chamado para passar a certidão de óbito, os restos mortais deste europeu pesavam pouco mais de vinte quilos. A greve de Layet durara 8 meses.

Não interessa grandemente saber quais os motivos que levaram Layet à sua greve da fome e a só beber de vez em quando, um pouco de leite. O que interessa é que ele tinha mulher e filhos e que em Brevil-le-Sec todos se conhecem. Tinha também companheiros de trabalho e amigos A mulher continuou a ir ao emprego e os filhos à escola. Quanto aos outros, habituaram-se à ausência de Layet e nenhum procurou saber o que se passava, a fim de o ajudar. ●

EXCLUSIVO
N.º 30/77